

DANIELA DE FÁTIMA TASSELLI

EDUCAÇÃO NÃO – FORMAL E IDENTIDADE SÓCIO - CULTURAL

CAMPINAS, SP

1999

Daniela de Fátima Tasselli

Educação Não-Formal e Identidade Sócio-Cultural

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para o curso de Pedagogia
da Faculdade de Educação, Unicamp, sob a orientação
da Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Campinas, SP

1999

FOLHA DE APROVAÇÃO

Profª. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson
Orientadora

Profª. Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão
Segunda Leitora

Campinas, 17 de dezembro de 1999.

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

T184e Tasselli, Daniela de Fátima.
Educação não-formal e identidade sócio-cultural / Daniela de Fátima Tasselli. -- Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador : Olga Rodrigues de Moraes Von Simson.
Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Identidade social. 2. Estudantes. 3. Educação não-formal.
4. Menores abandonados. 5. Orfanatos. I. Von Simson, Olga Rodrigues de Moraes. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Agradecimentos

*À Professora Olga, pelo empenho nas constantes orientações
que possibilitaram esta caminhada;*

*A toda equipe do Externato São João, que sempre nos
acolheu com muita dedicação;*

*À minha família, pelo apoio constante. Em especial aos meus
pais, exemplos de coragem e otimismo.*

Ao Paulo, pela presença e perseverança;

*Às queridas amigas de Faculdade, interlocutoras e
companheiras em todas as horas.*

*Ler significa reler e compreender,
interpretar. Cada um lê com os olhos
que tem. E interpreta a partir de onde
os pés pisam. Todo ponto de vista é a
vista de um ponto. Para entender como
alguém lê, é necessário saber como
são seus olhos e qual é sua visão de mundo.
Isso faz da leitura sempre uma releitura.*

Leonardo Boff

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. A Infância Abandonada e os Tipos de Atendimento.....	8
3. Quem São os “Abandonados” ? Propostas Educacionais Não-Formais na Contemporaneidade.....	14
4. O Externato São João.....	18
5. O Externato pela Voz dos Participantes.....	23
6. Considerações Finais.....	34
7. Referências Bibliográficas.....	38
8. Anexos.....	42

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho surgiu após a minha participação numa disciplina denominada Educação Não-Formal. Apesar do espaço modesto ocupado por esta disciplina dentro do currículo do Curso de Pedagogia, o assunto por ela abordado chamou-me a atenção por dois motivos: primeiro, por apresentar um espaço de atuação ainda pouco explorado pelos pedagogos (as instituições de educação não-formal) e em segundo lugar, por se mostrar como um tipo de ação educativa que vem conquistando cada vez mais espaço dentro da nossa sociedade, principalmente entre as crianças e adolescentes de baixa renda, geralmente os mais afetados pelo fenômeno do “fracasso escolar” – os denominados estudantes em situação de risco.

Ainda dentro das atividades desenvolvidas ao longo desta disciplina, tive contato, pela primeira vez, com o trabalho desenvolvido pelo Externato São João, uma entidade de cunho confessional, que atualmente se dedica ao trabalho com adolescentes em situação de risco em Campinas.

Percebendo a disposição desta instituição em refletir sobre o trabalho desenvolvido, através de sua abertura para o diálogo com a universidade, escolhi o Externato São João como espaço onde desenvolveria minha pesquisa, cujo objetivo principal seria a compreensão de como a instituição trabalha a identidade sócio-cultural de seus participantes.

Para tanto, os procedimentos escolhidos para a realização deste trabalho foram principalmente a observação participante e o trabalho com relatos orais, ou seja, entrevistas “abertas”, que pretendiam abrir espaço para a fala dos próprios participantes da instituição, a fim de conhecer as suas aspirações, os seus conflitos, seus planos para o futuro e principalmente, quais as influências do trabalho do Externato sobre estes aspectos de suas vidas.

Ciente de que este processo educativo acontecia com a participação de diversos atores, optei por ouvir pessoas que representassem cada um dos papéis ali desempenhados: adolescentes, funcionários, voluntários e pais de adolescentes. Percebendo também que o Externato desenvolve trabalhos tanto no centro de Campinas como em alguns bairros periféricos, decidi trabalhar sobre duas unidades: a central e uma periférica, no Bairro Vida Nova, a fim de compreender melhor a dinâmica de seu trabalho.

Para a análise dos dados obtidos através da observação participante e das entrevistas, partimos de um estudo sobre a infância, sobre a infância abandonada e os modelos de atendimento desenvolvidos para estas crianças, passando para o caso mais específico de Campinas, e dentro dele, o papel que vem sendo desempenhado pelo Externato São João, desde a sua fundação. Com relação ao trabalho atualmente desenvolvido na instituição, buscamos refletir sobre ele tendo como parâmetro as características da Educação Não-Formal e recorrendo ao conteúdo das entrevistas.

Finalizamos este trabalho trazendo nossas considerações, pontos que julgamos importante destacar, e apontando as sugestões que foram se construindo ao longo desse período de estudos e principalmente, de troca de vivências e pontos de vista.

A INFÂNCIA ABANDONADA E OS TIPOS DE ATENDIMENTO

Um primeiro passo para compreendermos a atual posição ocupada pela infância dentro da sociedade brasileira e, mais especificamente, o caso da infância “em situação de risco”, tanto físico quanto moral, precisamos compreender que o conceito de infância é uma construção social, que se transforma ao longo do tempo. Dessa forma, percebemos que o tipo de atendimento que hoje existe voltado para essas crianças é fruto de um longo processo que, como veremos a seguir, vem se construindo no Brasil desde o período colonial.

Ariès nos mostra que a idéia de que a criança possui especificidades que a diferenciam do adulto nem sempre existiu: a Idade Média é caracterizada pela ausência do sentimento de infância exatamente por isso - apesar da existência da afeição dos adultos pelas crianças, não existia a consciência quanto às suas particularidades. Dessa forma, a criança ingressava na sociedade dos adultos assim que dispensasse os cuidados constantes da ama-de-leite ou da mãe (as crianças não recebiam necessariamente os cuidados dos pais biológicos), passando a participar das atividades sociais juntamente com as demais pessoas, sem distinção de idade. A criança freqüentava festas, trabalhava como pajem ou aprendiz, enfim, era um adulto em miniatura, convivendo com vizinhos, servos, com a comunidade.

É por volta do século XVII que a ausência do sentimento de infância vai sendo substituída pelo que o autor chamou de “os dois sentimentos da infância” : a paparicação e a exasperação, sentimentos que demonstram a sensibilização da sociedade com relação à infância.

O sentimento da paparicação surge no meio familiar, quando o adulto encontra na criança uma fonte de distração, de admiração, de relaxamento. A exasperação, por sua vez, é um sentimento que nega, critica a paparicação. Ele surge principalmente entre aqueles que se preocupam com a disciplina, com a moral e com a formação do homem racional. Para estes, as crianças devem receber uma atenção à parte, separadamente dos adultos, para que a paparicação não atrapalhe no desenvolvimento da disciplina. Essa separação seria feita via escolarização. Tal idéia foi ganhando o consentimento da família e conseqüentemente, causando mudanças na relação desta com a criança.

Nas sociedade industrial, a criança assumia um novo lugar dentro da família, recebendo maior atenção, uma dedicação especial. A importância da criança na

família se torna tamanha, que esta passa a estruturar-se em função dela: torna-se necessário limitar o número de filhos para melhor cuidar deles, e busca-se um novo espaço para a moralização da criança, em sua especificidade. Nesse momento, a escola se torna responsável por sua educação, que passa a acontecer separadamente dos adultos.

Se essa conquista de espaços pela infância não aconteceu de repente, o mesmo podemos afirmar sobre a infância “abandonada”.

Sistematizando a história da infância abandonada no Brasil, MARCÍLIO (1998) nos demonstra que esta não era prioridade para os jesuítas durante o período em que aqui permaneceram. Durante o período em que desenvolveram seu trabalho, nenhum tipo de instituição de assistência à infância “desvalida” foi criada. Na época do Brasil Colônia, a preocupação com essas crianças ficava a cargo da sociedade civil, sendo indireta a atuação tanto do Estado como da Igreja.

De acordo com esta autora, a assistência à infância abandonada brasileira se divide em três fases distintas: a fase caritativa, a fase filantrópica e a fase do Estado do Bem-Estar Social, que passamos a estudar a seguir.

Fase Caritativa

A fase caritativa de assistência à infância brasileira estende-se até meados do século XIX. Sua principal característica é a inspiração religiosa, o princípio de fraternidade: os mais pobres e desvalidos são ajudados pelos mais ricos, que por tal gesto de caridade recebem o reconhecimento social. Esse tipo de atuação acontecia na ausência de um projeto de assistência, pretendendo remediar situações de emergência, não ambicionando nenhum tipo de solução para as suas verdadeiras causas.

Nesta fase caritativa, haviam três formas de assistência aos abandonados:

- as Câmaras Municipais;
- a Roda e a Casa dos Expostos;
- a “adoção” informal dos expostos por famílias.

A responsabilidade oficial pela assistência à infância abandonada durante este período recaía sobre as Câmaras Municipais. Elas, porém, podiam delegar tal compromisso às Santas Casas, que se submetiam ao controle do Estado. Dessa forma, como afirma a autora, a atuação desse órgão acontecia de maneira indireta, parcial e pouco eficiente: as Câmaras geralmente encarregavam-se de oferecer uma

ajuda financeira às famílias que aceitassem criar os expostos, ou, caso isso não acontecesse, encarregavam-se de pagar uma “criadeira” (ama-de-leite), contratada para este fim. Pode-se concluir facilmente que muitas famílias e amas-de-leite aceitavam os “enjeitados” com o interesse maior de receber o auxílio financeiro da Câmara Municipal, o que, portanto, não garantia às crianças um futuro muito promissor.

A Roda dos Expostos surgiu no século XVIII e foi a primeira instituição de assistência à criança abandonada no Brasil. Esse tipo de assistência de cunho caritativo (geralmente fruto de convênios entre o município e a Santa Casa) iniciava-se com a proteção dos bebês deixados na Roda, um “equipamento” que resguardava a identidade da mãe que abandonava a criança. Depois de acolhido, o bebê era primeiramente batizado e encaminhado a uma ama-de-leite, com quem permanecia durante o período de amamentação. Passado este período, a criança retornava para a Casa dos Expostos, onde ela seria criada, ou de onde sairia encaminhada para uma casa de família ou recolhimento.

A existência da Roda dos Exposto se justificava pela intenção cristã de evitar abortos e infanticídios, e conseqüentemente, sua atuação limitava-se ao oferecimento de um abrigo para as crianças. Portanto, tanto as Casas dos Expostos quanto os Recolhimentos não se preocupavam com a instrução sistematizada de suas crianças: sua prioridade era manter a sobrevivência. Somente em meados do século XIX é que vamos encontrar a preocupação em oferecer às crianças abrigadas algum tipo de instrução, geralmente ligada ao trabalho. No caso das meninas, a preocupação primeira era resguardar sua honra e prepará-las para o serviço doméstico. No caso dos meninos, a situação ainda apresentava-se mais complicada: poucos eram aceitos de volta em suas casas (alguns tiveram a sorte de serem adotados por suas amas), mas um grande número de meninos negros e mulatos foram transformados em escravos após a fase de amamentação, por suas próprias amas ou senhores. Outros ainda, foram abandonados à sua própria sorte, permanecendo nas ruas, desamparados.

As poucas instituições de cunho caritativo voltadas para meninos expostos foram criadas a partir do século XVIII, como por exemplo o Seminário para os meninos órfãos e desvalidos. Foi no século XIX que outras instituições foram criadas, devido ao grande número de meninos que vagavam pela cidade. Essas novas

instituições, com o intuito profissionalizante, já denotam a segunda fase de assistência que apontou Marcílio, de cunho filantrópico.

Um terceiro tipo de assistência caritativa voltada à infância abandonada (e também o mais difundido) era a criação dos expostos por famílias que os adotavam.

Uma das justificativas desse gesto tão comum de acolhimento de abandonados entre as famílias era o fator religioso. Outra justificativa apontada pela autora é a idéia de que essas crianças, dentro de uma sociedade escravista, figuravam como mão de obra gratuita.

Para as crianças, os aspectos positivos de serem acolhidas em um lar eram a maior chance de sobrevivência e a possibilidade futura de arranjar um matrimônio (no caso das meninas). Em contraposição a isso, está o sofrimento de maus tratos (a violência doméstica) e a ambigüidade de sua situação: ora filhos da família, ora criados da casa.

Outro aspecto já citado que influenciava a decisão de uma família por criar uma criança era a contribuição financeira oferecida pelas Câmaras Municipais.

Fase Filantrópica

A fase de assistência filantrópica à infância brasileira inicia-se em meados do século XIX e estende-se até 1960.

Esse é um período que abrange modificações nas políticas públicas que se referem à infância abandonada, dentro de um contexto marcado por muitas mudanças no panorama brasileiro, que vão desde a abolição da escravatura, a chegada de imigrantes no Brasil, até o processo de industrialização, passando pela formação dos grandes centros urbanos e o desenvolvimento do setor terciário da economia.

Um dos aspectos negativos que surgiu no meio de todas essas transformações foi o aumento da pobreza, acompanhado da exploração do trabalho feminino e do trabalho infantil.

Situados nesse panorama, podemos compreender o surgimento da assistência filantrópica, que criticando os hábitos da assistência caritativa, busca imprimir um caráter científico ao trabalho de atendimento à criança.

Uma das marcas da filantropia foi o trabalho dos médicos higienistas, que se preocupavam com a saúde do corpo e a prevenção de doenças, além do combate à mortalidade infantil, através da orientação e conscientização das mães quanto à importância do aleitamento materno e da sua presença ao lado da criança.

Decorrente desta influência higienista, encontramos intensificada, nesta época, a luta pela extinção das Rodas dos Expostos, luta esta que só foi vencida completamente em 1950, quando desativaram-se as duas últimas Rodas ainda em funcionamento no Brasil e no mundo: a de São Paulo e a da Bahia.

Outra forte influência na filantropia brasileira provém dos juristas, que se preocupavam com a rigidez educativa, a fim de prevenir os centros urbanos da delinqüência juvenil, dado o número das crianças órfãs e desvalidas que vagavam pelas cidades, ameaçando a “ordem”.

Uma das grandes marcas deixadas por esta influência é o uso de dois termos específicos para distinguir a infância rica da infância desvalida: enquanto os filhos de famílias abastadas são chamados de crianças, os meninos abandonados ou desfavorecidos passam a ser chamadas de menores, termo de influência jurídica, que passa a discriminar a infância pobre abandonada, que se mostra como um risco potencial de “delinqüência” e “desordem”. Este termo, apesar de estigmatizador, é muito utilizado até hoje.

Resumindo, podemos dizer que, com o auxílio da Medicina e do Direito, a assistência filantrópica buscava transformar a infância abandonada em adultos “higiênicos”, ou seja, pessoas saudáveis, trabalhadores disciplinados, cidadãos aptos para a vida em sociedade.

Datam desta mesma fase, portanto, as preocupações legais com relação à infância, e mais especificamente, a preocupação do Estado com a criminalidade infantil, que se manifesta explicitamente com a aprovação, em 1927, do Código de Menores, ainda que esta preocupação viesse mesclada com a ação filantrópica e a caritativa.

Inspiradas por todas as preocupações acima descritas, as instituições filantrópicas de assistência à infância buscavam oferecer a educação elementar, a formação cívica e a capacitação profissional para suas crianças, proliferando-se por todo o país e reforçando a dicotomia: educação de elite para os abastados e ensino profissionalizante para os pobres desvalidos, que se encontravam em situação de risco.

As escolas agrícolas também foram bastante disseminadas nessa época, pois eram encaradas como uma boa saída para trabalhar com o jovem abandonado ou com o infrator, pois era, ao mesmo tempo, uma maneira de afastá-lo da rua, prevenindo a sociedade urbana do risco da “delinqüência”, e de garantir a sua educação.

Fase do Estado do Bem-Estar Social

Apesar de alguns marcos anteriores apontarem a gradativa atuação do Estado na assistência à infância desvalida, é a partir de 1960, com a inauguração do Estado do Bem-Estar Social que se admite a sua efetiva responsabilidade. Até esta data, sua participação acontecia de maneira indireta, simplesmente orientando e controlando as ações de assistência e punindo os “delinqüentes”, porém, sem intervir de forma efetiva e direta. Na década de 1960, o Estado torna-se “*o maior responsável pela assistência e proteção à infância pobre e desvalida*” (Marcílio, p.225), mas isso não significa que os outros dois tipos de assistência se extinguem nessa época; pelo contrário, elas passam a coexistir.

Após este momento, temos alguns acontecimentos importantes na história da assistência à infância abandonada, como a criação da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM, em 1964, que de acordo com seu Estatuto, tinha “*por objetivo básico formular e implantar a política nacional do bem-estar do menor, mediante o estudo do problema e do planejamento das soluções, e a orientação, a coordenação e a fiscalização das entidades que executem essa política*”¹; a elaboração do Estatuto do Menor, em 1979, que oficializava a atuação da Funabem e incentivava a criação de centros como a Febem, para triagem e permanência de menores.

Como, apesar dessas medidas, a pobreza e a violência não deixavam de crescer, a sociedade civil começa a se organizar, na década de 80, em defesa dos direitos das crianças, através de Pastorais do Menor e organizações não-governamentais (ONG's), que culminam com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990.

Apesar dos espaços conquistados pela infância dentro da legislação brasileira e dos progressos apresentados no nosso Estatuto da Criança e do Adolescente, sabemos que ainda há muito a percorrer para a efetivação desses direitos conquistados na lei.

¹ Marcílio apud: Novo Código de Menores. Lei No 6.697, de 10/10/1979. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 1988, p.9

QUEM SÃO OS “ABANDONADOS” ?

PROPOSTAS EDUCACIONAIS NÃO-FORMAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Se até agora vimos como o atendimento à criança abandonada e desvalida se deu desde o período colonial até os tempos atuais, isso significa que, apesar das diferentes formas de lidar com essa realidade, ainda hoje existem motivos ou causas que levem as crianças a se encontrarem em tal circunstância.

Segundo Marcílio, na época da Roda dos Expostos, o maior motivo de abandono de crianças era a situação de pobreza da família. Havia também outras justificativas, que figuravam em menor número, como a enfermidade do recém-nascido, o nascimento de gêmeos, a necessidade de manter a honra da mulher não casada, a infidelidade de um dos cônjuges, o abandono do lar pelo marido...

Quando a discussão se volta para o momento atual, uma primeira ressalva se faz necessária: CRAIDY (1993) nos alerta para o equívoco de denominarmos as crianças e adolescentes que estão nas ruas como abandonadas. Na verdade, a maioria delas têm família e estão na rua por uma questão de sobrevivência – a própria e a da família. Outros motivos que as levam para as ruas são a violência doméstica e a busca de lazer na cidade. Assim, por qualquer um dos motivos citados, as crianças vão para a rua, que se apresenta como um *“lugar de socialização excludente”* (p.60) ou seja, lugar de trabalho, lazer e moradia para aqueles que não têm garantidos seus direitos básicos de moradia, saúde, alimentação...

CAMPOS (1993), aprofundando mais a questão, mostra que o emprego do termo criança abandonada, além de um equívoco, é uma forma de mascarar a realidade dessas crianças: ao dizermos que são abandonadas, insinuamos que as suas famílias as desampararam, transferindo para elas toda a responsabilidade da situação, que na verdade é muito mais grave: um círculo vicioso que se inicia com famílias que vivem em condições miseráveis e que precisam da ajuda dos filhos para se manter. Com isso, as crianças acabam abandonando as escolas em busca de trabalho, e como não possuem qualificação para melhores postos, acabam vivendo de subempregos, o que nos faz prever que, quando constituírem uma família, precisarão da ajuda dos filhos para manter a casa, realimentando todo o processo.

Também questionando o emprego do termo “criança abandonada”, MARTINS (1993) lança mão de um novo termo, bastante significativo – criança sem infância.

“Criança sem infância não é sinônimo de criança abandonada. É noção que a esta se inclui, mas a ela não se limita. Abrange, também, multidões de crianças que têm lar e família, mas não têm infância. É de outra natureza a carência que sofrem e elas próprias o dizem. Algumas carecem de amor, cujas famílias às vezes mutiladas sucumbiram às adversidades de um mercado de trabalho excludente, ao trabalho incerto, ao salário insuficiente, à brutalização da chamada mão-de-obra sobrando. Outras carecem de justiça. Seus supostos direitos estão sendo cotidianamente violados e negados. E elas sabem disso. Todas carecem de infância, pois nelas já foi produzido à força o adulto precoce, a vítima precoce, o réu precoce”. (p.12)

Refletindo, então, sobre quem são as crianças e adolescentes atendidos por projetos de auxílio à infância hoje, percebemos que são, como orientam os autores citados, crianças sem infância, crianças que, provenientes de famílias pobres, ingressam precocemente no mundo do trabalho a fim de assegurar a sobrevivência. Outro dado perverso que se agrega à realidade dessas crianças é o fracasso escolar, geralmente causado pelas disparidades existentes entre a sua cultura e o que é estudado, privilegiado e exigido na escola. Soma-se a isso, como apresenta GOUVEA (1993), o fato da escola não oferecer a estas crianças nenhum tipo de atrativo ou benefício que as levem a valorizá-la: a escola, além de tomar tempo que poderia ser aproveitado com o trabalho e a vivência na rua, não mantém nenhuma relação com a sua necessidade, pois ela não profissionaliza, não traz nenhuma contribuição imediata, é uma atividade estanque. Por esse motivo, outro conceito aplicado a essas crianças e adolescentes é o de estudantes em situação de risco:

“...estudantes em situação de risco seriam aquelas crianças e adolescentes que, embora provenientes dos setores mais pobres da população, conseguiram estar freqüentando a escola pública, mas nela não estariam encontrando nem discutidas, nem valorizadas, as suas raízes sócio-culturais e a visão de mundo que a família ou o grupo de convivência lhes forneceu. Eles se encontrariam, então, prestes a abandonar um sistema escolar que os discrimina e oprime, para buscar, no espaço da rua, maiores chances de exercer o seu direito à liberdade e tentar obter alguma renda que pelo menos lhe permitiria consumir aqueles bens que os meios de comunicação de massa

*veiculam e os grupos de idade valorizam e ainda poder levar alguma contribuição a um orçamento familiar que certamente é muito limitado.*²

DAUSTER (1992), estudando a realidade dessas crianças, admite a construção social do fracasso escolar através da expulsão das crianças de camadas populares da escola. Sendo a nossa educação escolar planejada nos moldes da infância de longa duração (aquela dos filhos das classes mais abastadas), ela não condiz com a realidade e as necessidades dos filhos das camadas populares, familiarizados com a prática coletiva do trabalho precoce, que lhes delimita uma “*infância de curta duração*”. Desse confronto entre a infância de curta duração com a educação para a infância de longa duração, resulta o que a autora denomina “*a escola de curta duração*”, geralmente disfarçada sob a idéia do fracasso escolar, que mais uma vez delega a responsabilidade à criança.

Se a realidade das crianças a que se destinam programas de assistência à infância se transformou, podemos também constatar modificações no tipo de atendimento a elas dispensado nos últimos anos.

De acordo com GOHN (1997) as modificações no panorama brasileiro têm incentivado, principalmente nas últimas décadas, a ampliação do campo da Educação Não-Formal em nossa sociedade.

Para compreendermos melhor o conceito de Educação Não-Formal, nos reportamos a AFONSO (1992), que considera que a ação educativa pode acontecer de três maneiras distintas: através da educação informal, da educação formal e da educação não-formal. Como educação informal, o autor compreende todo ato educativo que acontece ao longo da vida do indivíduo, de forma permanente e não organizada, não sistematizada. A educação informal se caracteriza como um processo contínuo e espontâneo na vida do sujeito, que acontece através do contato com a família, com amigos, com livros, teatros, etc. A educação formal, por sua vez, abrange atividades desenvolvidas na escola, onde encontramos um processo planejado, intencional, que enfatiza a transmissão de cultura através da relação professor (instrutor) – aluno (instruído). Processo este que tem caráter compulsório e obedece a uma hierarquia pré-estabelecida.

² VON SIMSON, TEIXEIRA, CHISTE E GONÇALVES. A valorização da diferenciação sócio-cultural como fator de integração de estudantes em situação de risco: discussão de uma experiência concreta – o Projeto Sol de Paulínia – SP. Mímico, Campinas: 1997 p. 1

A educação não-formal também é um processo planejado, organizado, mas que obedece a princípios que a distinguem da educação formal: ela apresenta caráter voluntário, buscando promover a participação, a solidariedade e o desenvolvimento entre seus participantes, constituindo-se como um processo pouco formalizado, pouco hierarquizado. Esse tipo de educação geralmente acontece em espaços como associações, movimentos sociais, sindicatos, igrejas e pode ter tanto um caráter transformador (que pretenda estimular a conscientização de seus educandos, visando a transformação social) como um caráter reformador (que busque a adequação e integração do indivíduo à sociedade vigente). Por apresentar-se como uma modalidade de ensino onde a presença dos educandos é voluntária, uma primeira necessidade é trabalhar com temas que despertem o interesse dos participantes, através de dinâmicas que estimulem o envolvimento nas atividades. A diversidade dos temas não é um problema, devido ao desprendimento de um programa fixo, pré-estabelecido.

Todas essas características fazem da Educação Não-Formal uma “modalidade” de ensino bastante viável, principalmente entre aqueles que já tiveram o seu fracasso decretado pelo ensino formal, onde “*a realização pessoal do educando é sempre adiada para depois da escola*” (Afonso, p.91).

Pudemos conhecer exemplo desse tipo na realidade de Campinas, quando cursamos uma disciplina denominada Educação Não-Formal³, e encontramos diversas instituições de educação não-formal, trabalhando principalmente com as crianças e adolescentes das camadas populares.

³ Disciplina oferecida no segundo semestre de 1998, pela Professora Olga Rodrigues Moraes von Simson no curso de graduação da Faculdade de Educação – UNICAMP.

O EXTERNATO SÃO JOÃO

Entre as instituições campineiras que encontramos realizando trabalhos paralelos ao trabalho escolar com crianças e adolescentes em situação de risco, conhecemos o Externato São João, uma instituição de caráter confessional que data do início do século, e que após algumas reformulações em sua trajetória, passou a se dedicar ao trabalho com adolescentes em situação de risco e moradores de rua da cidade de Campinas.

A história do Externato São João está intimamente ligada à história do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora.

Quando de sua fundação, em 1897, o então Lyceu de Artes e Offícios tinha por objetivo acolher e profissionalizar os órfãos deixados pela febre amarela que atingiu a região de Campinas em 1889. Os cursos profissionalizantes ficavam a cargo das oficinas de tipografia, alfaiataria, carpintaria e sapataria. Paralelamente ao ensino profissionalizante, a partir de 1898, o Liceu passou a oferecer o ensino elementar para as crianças da sociedade campineira, além do sistema de internato e semi-internato.

Como nos narra NEGRÃO (1997) :

“As oficinas profissionalizantes não prosperaram e acabaram falindo. Isso se deu por vários motivos. Sua montagem e manutenção exigiam grandes despesas, e a distância do Liceu ao centro urbano comprometia a demanda de encomendas e a venda dos produtos. O Guanabara, bairro de difícil acesso, sem arruamentos e caminhos poeirentos, dificultava a vinda de pessoas. Ademais, era problemática a integração dos estudantes mais favorecidos com os aprendizes, provindos de classe socioeconômica mais baixa. Além disso, o ensino profissionalizante, por enfatizar a atividade manual, não encontrou boa acolhida numa sociedade eivada de preconceitos.”⁴

A Congregação Salesiana optou, então, pela transferência das oficinas para o Centro de Campinas, criando, em 24 de Junho de 1909, o Externato São João. A área

⁴ NEGRÃO, Ana Maria Melo. Arcadas do Tempo: o Liceu tece 100 anos de história. Campinas: DBA, 1997.

ocupada por suas instalações abrange o quarteirão formado pelas ruas José Paulino, Duque de Caxias, José de Alencar e General Câmara, uma antiga propriedade pertencente a Francisco Sales, e que foi adquirida pelo Padre Francisco Albanello, diretor do Liceu de Artes e Ofícios. Posteriormente, o prédio passou por algumas modificações, agregando-se a ele o espaço de um teatro e uma capela.

De acordo com a imprensa da época, a idéia das oficinas de aprendizagem foi deixada em segundo plano, passando a funcionar ali uma escola das primeiras letras, voltada para a juventude pobre e de classe média.

Outra atividade logo inaugurada pelo Padre Caetano Falcone, diretor do estabelecimento, foi o “Oratório Festivo São João”, uma atração aberta a todas as crianças do bairro ao redor do Externato, e que acontecia durante os finais de semana: ao soar de pequenos sinos, as crianças eram convocadas para a missa e catecismo, seguidos de brincadeiras no terreno do pomar, onde encontravam-se gangorras, balanços e outros brinquedos.

Posteriormente, como nos mostra um artigo de 1947⁵, o Externato já contava, além do Oratório Festivo (curso popular dominical) e do curso Primário, com a escola noturna (com educação para adultos) e com a escola profissional (com oficinas de tipografia e encadernação).

Depois de oitenta e cinco anos de atividades escolares, o Externato São João encerrou suas atividades com o término do período letivo de 1993, e voltou a funcionar a partir de Maio de 1994, com uma nova proposta apresentada pela Inspeção Salesiana de São Paulo: a de atender crianças e adolescentes que vivem nas ruas do Centro de Campinas, com base no sistema preventivo de Dom Bosco:

“O segredo desse sistema reside, enfim, na interação educador-educando, por meio da convivência entre eles, na qual se procura ouvi-los, misturar-se com eles, compreendê-los, partilhar de seus problemas, confiar neles, sem preconceitos, sem medos, sem ameaças, sem prepotências, sem rispidez, a partir de um diálogo fraterno e autêntico. E para que o processo interativo se sedimente, é preciso gostar do que os jovens apreciam: música, alegria, esporte, aventura, desafios, etc.”⁶

⁵ “Uma das expressões do ensino em Campinas – Externato São João”. Correio Popular, 04/09/1947

⁶ NEGRÃO, Ana Maria Melo. Op. Cit. p. 40-41.

Com o início das atividades, percebeu-se a necessidade de trabalhar, não somente com os adolescentes que já se encontravam nas ruas (como pedintes, ambulantes, etc.) mas também com aqueles que, devido às circunstâncias em que se encontravam, estavam muito próximos dessa realidade, ou seja, os adolescentes em situação de risco, *“jovens favelados com baixa escolaridade, pouca perspectiva de profissionalização e de inserção social”*⁷

Devido a esta preocupação, o Externato estendeu o seu trabalho a núcleos espalhados pela periferia de Campinas, onde se inicia o trabalho preventivo. Hoje, este trabalho já está presente em quatro bairros: no bairro Vida Nova e no Parque Oziel, onde há atividades com adolescentes e com grupos de mães, e no bairro São Marcos e Jardim Paranapanema, onde há trabalho com mães.

Atualmente, o Externato desenvolve trabalhos que envolvem diferentes frentes:

Programa de orientação e apoio sócio-familiar:

Este programa visa o trabalho com os pais dos adolescentes atendidos no Externato São João. Ele consiste na realização de reuniões mensais para conversas, discussões e orientações, além da distribuição de cestas básicas para as famílias com maiores dificuldades econômicas.

Nos núcleos da periferia, desenvolve-se também o trabalho com artesanato, uma atividade que possibilita maior aproximação entre as pessoas, favorecendo a troca de idéias e experiências, o resgate e fortalecimento da auto-estima, além de figurar como um momento de conversa sobre as condições do bairro e de aprendizagem de atividades que podem vir a colaborar no orçamento doméstico.

Programa de apoio sócio-educativo em meio aberto:

Este programa atende adolescentes entre 13 e 17 anos, em período oposto ao escolar, e, de acordo com CARO (1998), divide-se em duas fases:

- o centro educativo, cuja proposta *“consiste em formar grupos, conjugando reforço escolar básico, desenvolvimento de habilidades técnicas, como capoeira, dança, artesanato, datilografia (hoje digitação), e formação humana. O objetivo é que os adolescentes, mediante a prática*

⁷ CARO, Sueli Maria Pessagno. Adolescentes desprotegidos e necessidades psicológicas. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1998.

de atividades específicas e o auxílio dos educadores, despertem as disposições básicas para o interesse ao trabalho, o retorno aos estudos e alcancem uma plena adaptação à vida familiar, escolar e comunitária. Neste momento, a grande força deste programa está sendo o grupo Ilê-Axé, formado pela capoeira e dança, que com a auto-valorização resgatada na cultura e na arte de suas origens, proporciona um processo adequado de identificação e de pertença.” (p.23)

- o centro de orientação ao trabalho, que se destina aos adolescentes a partir dos 14 anos e que já estejam cursando a quinta série do ensino regular. Este trabalho se caracteriza como uma pré-profissionalização, e *“visa fornecer conhecimentos básicos que possibilitem a iniciação em diversas atividades profissionais e desperta o interesse para um aperfeiçoamento e definição profissional”.* (p.23)

Este projeto de orientação ao trabalho é desenvolvido sob a responsabilidade direta de quatro profissionais (um instrutor de marcenaria, um educador social, um monitor de computação e uma pedagoga) e constitui-se de três etapas:

Turma I: atividades que enfatizam a matemática, o desenho técnico e técnicas básicas de marcenaria acontecem três vezes por semana, intercaladas com um dia de computação e um dia de atividades de comunicação e expressão.

Turma II: ênfase nas atividades de comunicação e expressão, que acontecem três vezes por semana, intercaladas com um dia de matemática, desenho e técnicas e marcenaria e um dia de computação.

Turma III: ênfase nas atividades de computação, que acontecem três vezes por semana, intercaladas com um dia de comunicação e expressão e um dia de matemática, desenho técnico e noções de marcenaria.

Além desse trabalho específico com os adolescentes, os educadores têm como responsabilidade o acompanhamento e incentivo dos adolescentes no ensino regular, sendo a frequência na escola formal uma condição para a sua permanência no projeto.

Outras conseqüências do programa de orientação ao trabalho são: a aquisição de documentação pessoal (documento de identidade e carteira profissional), o possível encaminhamento para cursos profissionalizantes como os oferecidos no Colégio São José e a realização de pequenos “estágios” dentro do próprio Externato,

onde os adolescentes são chamados a acompanhar funcionários em atividades como a recepção e atendimento de pessoas, atendimento telefônico, etc.

Atualmente, com a ramificação do trabalho nos núcleos, pudemos observar que a organização das atividades segue à seguinte lógica: geralmente, os adolescentes têm seu primeiro contato com o Externato através dos núcleos, onde realizam atividades como o artesanato e a digitação, mescladas de atividades de reforço escolar, além da capoeira. Durante este período, o adolescente começa a se familiarizar com o esquema de trabalho da instituição, suas regras... Após essa passagem pelo núcleo é que o adolescente será encaminhado ao Centro, onde as atividades são diferenciadas, tendo maior preocupação com a pré- profissionalização.

Programa de Abrigo – Casa Dom Bosco: destina-se aos adolescentes que, por circunstâncias de desproteção pessoal ou social (devido às condições econômicas da família, o envolvimento com drogas, a vivência na rua, a violência doméstica ou outra justificativa), não têm onde morar.

Os adolescentes do programa de abrigo são incentivados a participar das atividades do programa sócio-educativo e há também a preocupação com o seu desenvolvimento afetivo e emocional, que se manifesta através dos trabalhos orientados pelo departamento de psicologia do Externato São João, que envolvem temas como a auto-estima, a sexualidade e as drogas.

Além das atividades anteriormente descritas, o Externato conta também com duas turmas que recebem o nome de Extern-art, e que se dedicam à computação de forma mais aprofundada, trabalhando com programas como Auto-Cad e Corel Draw. São os adolescentes participantes dessa turma que, sob a orientação de um educador, confeccionam o jornal do Externato.

Existe ainda, no período da manhã, a suplência de primeira a quarta série – Fumec, oferecida a adolescentes de catorze anos ou mais, um trabalho realizado por duas professoras e uma coordenadora cedidas pela Prefeitura de Campinas. No período da tarde, há duas professoras (também da Prefeitura), que realizam atividades de reforço escolar, sendo que a maioria de seus alunos são os que freqüentam a suplência no período da manhã.

O EXTERNATO PELA VOZ DOS PARTICIPANTES

Tendo escolhido o Externato São João como a instituição onde desenvolveria meu trabalho, o passo seguinte foi refletir sobre a metodologia mais apropriada ao objetivo que me propus, de investigar em que medida as atividades lá desenvolvidas trabalham com a identidade de seus participantes.

A observação participante foi o primeiro passo de meu trabalho dentro da instituição, a fim de conhecer a dinâmica de suas atividades, a organização da rotina no dia-a-dia e perceber o envolvimento dos adolescentes e demais participantes no projeto.

Através da vivência da observação participante e da confecção de um diário de campo, onde procurava registrar as atividades vivenciadas e minhas impressões a respeito delas, pude compreender que seria inviável falar a respeito da identidade dos adolescentes do Externato São João sem ouvir o que eles mesmos tinham a expressar, sem compreender a imagem que eles faziam de si mesmos antes de entrarem no Externato e como eles se enxergam hoje, fazendo parte da instituição. Buscar o diálogo com aqueles que estão cotidianamente inseridos na realidade que eu pretendia estudar, para que eles pudessem expressar seus pontos de vista, foi o objetivo que busquei alcançar através de entrevistas abertas, flexíveis, depois que percebi que cada agente tinha o seu papel específico e, conseqüentemente, uma percepção diferenciada do trabalho no Externato São João: adolescentes, pais de adolescentes, funcionários e voluntários foram solicitados a expressar suas opiniões, que passamos a discutir a seguir.

Cientes de que tal atitude não traria prejuízos para o trabalho, preferimos preservar a identidade dos entrevistados, utilizando as seguintes siglas:

- ed.A ; ed.B – para nos referirmos aos educadores;
- f.A ; f.B – no caso dos funcionários ;
- v.A ; v.B ; v.C – para os voluntários;
- m.A ; m.B ; m.C - para as mães; e
- adolescente A; ...; adolescente J – no caso dos adolescentes .

Um primeiro ponto a ser discutido seria o motivo que leva o adolescente a buscar o Externato. Percebemos, através de suas falas, que os adolescentes chegam ao Externato incentivados por alguém da família (geralmente a mãe) e também por colegas que já freqüentam a instituição:

“Minha mãe queria que eu entrasse aqui, né, aí ela falou: cê vai entrar no Externato, mas eu quero que você faça computação lá, né, quando ela, mandou eu aprender computação.” (adolescente G, dezessete anos, turma de capoeira-Centro)

“E também através de uma amiga minha que estuda aqui, ela falou, foi lá, falou com a minha mãe, falou assim: ó, Dona Lúcia, o Externato é muito legal, só que ela faz, ela era do Externato São João, lá da cidade, aí ela falou assim: ó, Dona Lúcia, agora aqui no Vida Nova aí tem um Externato. Por que a senhora não põe as meninas lá? Aí ela falou: ah, eu vou tentar, aí se elas quiser ir elas vão.” (adolescente J, catorze anos, artesanato, Núcleo Vida Nova)

“Faz pouco tempo que eu tava aqui, né, meus colega tava aqui, aí eu peguei, me interessei, aí eu peguei, chamei minha mãe, pra vim aqui, aí pegou, matriculou eu, aí depois surgiu essa vaga, eu peguei e fiquei.” (adolescente I, quinze anos, turma da digitação, núcleo Vida Nova)

A persistência dos familiares em matricular os adolescentes no Externato nos levou a buscar os motivos que justificassem essa atitude: um argumento bastante citado, tanto por mães como por educadores foi a possibilidade de evitar que os adolescentes permaneçam na rua, onde eles estariam mais vulneráveis ao contato com a droga, ou com “más companhias”:

“Ele gosta daqui, e ele tá indo bem, eu acho bom porque ele não fica na rua, ele tem catorze anos, né, essa idade aí é fogo, né, então, eu gosto, porque daqui ele sai, já vai pra escola, quer dizer que ele não tem tempo de ficar procurando outras coisa, né, então, pra mim tá ótimo.” (m.C, Grupo de Mães, núcleo Vida Nova)

“Uma boa parte eu acho que vem quando as mães procuram, dizendo que o filho estuda de manhã e à tarde só fica na rua, só quer saber de brincar, então, pra ocupar um espaço (...) A princípio, a gente ouve muitas mães chegando aqui e falando que não agüenta o filho, que fica só na rua, pra arrumar uma vaga.” (ed. A, educador, Centro)

Encontramos também um caso em que a ida para o Externato possibilitou ao adolescente o afastamento do trabalho que atrapalhava a continuidade de seus estudos:

“Ah, ela (a tia com quem mora) acha melhor porque é melhor do que eu tava trabalhando, é, eu trabalhava na semana inteira, pegava, tinha dia que eu não pegava nem folga, era direto, trabalhava, o que, quase treze horas por dia, então era muito cansativo, chegava em casa cansado (...) Ah, mudou bastante, porque no Sábado e Domingo eu tenho mais como fazer é, estudar, e antes não, eu trabalhava, estudava à noite, não tinha nem como, nada pra fazer, era muito apertado...”
(adolescente A, dezessete anos, turma III, Centro)

A busca do Externato também está frequentemente ligada à possibilidade de participar de um curso (principalmente o de computação), ou de algum outro tipo de aprendizagem, que possa garantir ao adolescente um encaminhamento ao trabalho ou a um curso profissionalizante:

“Ah, eu venho pra podê aprende mais coisa.

E quando você sair do Externato? O que você pretende?

Ah, pretendo ir pro São José.” (adolescente B, catorze anos, Turma I, Centro)

“Eu vim no intuito de aprender computação mesmo, né, aí quando eu cheguei aqui, foi o que eu falei pra você, o rapaz me chamou pra treinar capoeira, aí eu fiquei meio assim, pensando, aí eu queria era fazer computação, aí fui começando a fazer capoeira, fui começando gostar, aí peguei amor pela coisa e tô até hoje.”
(adolescente G, dezessete anos, turma de capoeira-Centro)

“Sabe, eu acho bem melhor porque ela, ela é uma menina assim, ela em casa, ela quer ficar só correr lá fora ficar conversando com as amiguinha, não quer nem saber das coisa em casa, então ela vem pra aqui, sai onze e meia, chega em casa, aí toma banho, uma hora tem que entrar na escola, então eu acho que é bem melhor, porque ela não tá, fazendo as coisa em casa, mas tá aprendendo...” (m.A, Grupo de Mães, núcleo Vida Nova)

“Pra eles, o mais importante... Eu acho que, o que eles tem muita vontade de aprender, é importante pra eles, é que nem agora o modernismo, é a computação,

né? E é pena que tem pouco aqui, porque todos eles se interessam pela computação.” (v.A, voluntária, Centro)

“Eles saem encaminhados pra trabalho.” (f.A, funcionária, núcleo Vida Nova)

Conhecendo os principais fatores que motivavam a busca pelo Externato, procuramos conhecer, por parte dos adolescentes, aquilo que eles consideravam o melhor de se fazer dentre as atividades da instituição, aquilo que eles gostariam de fazer por mais tempo, se houvesse possibilidade. A resposta mais comum entre eles era a computação. Outras atividades também foram citadas, tais como o teatro, a capoeira, a conversa com os educadores, a atuação junto de funcionários em trabalhos diversos, as brincadeiras da Boscolândia (atividade recreativa do período de férias).

A grande valorização da computação provavelmente se dê devido à idéia de que o Externato é uma oportunidade única de participar de tal curso, como a expressa aqui:

“Então, o que eu posso dizer é que o tanto que eu passei, se eu fosse olhar para trás, eu falava assim: mas é impossível para mim, eu tô fazendo computação, coisa que eu nunca imaginei, que eu vim de sítio, morei doze anos numa fazenda, e computador pra mim, nunca mexi, nunca vi, então agora, isso aí pra mim é uma coisa que, você fica até bobo (...) tem é adolescente que não passou por nenhuma situação financeira, mas que viu esse comentário do Externato São João, que é muito difícil cê achar um local que tem cursos específicos profissional sem pagar nada, né, então muitos adolescentes estão aqui.” (adolescente E, dezesseis anos, turma da Extern-art, Centro)

Ao mesmo tempo em que deparamo-nos com essa grande expectativa sobre a computação, observamos um fato bastante curioso a respeito da capoeira: durante a observação participante, tanto na unidade central como no núcleo Vida Nova, percebemos uma certa admiração dos adolescentes pela capoeira, principalmente após um evento de batizado, ocorrido na unidade central do Externato. O interessante é que, apesar dessa admiração pela capoeira, os adolescentes nem sempre buscam esta atividade, com justificativas como as seguintes:

“Ah, porque ele queria muito era fazer curso, né, porque ele tá na capoeira, só que ele fala: mãe, capoeira não dá nada, né, eu queria era fazer o curso, e tal, então eu tô, só que aqui tem que esperar, né, que..., então tem que esperar. Então eu fico falando pra ele, de vez em quando eu falo: não, tem que esperar, tal, e aí vai passando, né, só que o objetivo dele é fazer o curso, não é ficar na capoeira, ele acha que a capoeira não vai dar nada pra ele.” (m.C, Grupo de Mães, núcleo Vida Nova)

“Aí eu falei assim: não, capoeira é um esporte, não vai me levar a nada, artesanato, pelo menos eu aprendo alguma coisa ,...” (adolescente E, dezesseis anos, turma da Extern-art, Centro)

Esse distanciamento, que muitas vezes parece ser causado pelo fato da capoeira não assegurar um retorno prático ou financeiro para o adolescente, também foi sentido por um dos participantes do grupo, que nos traz um elemento novo:

“então a galera olhava meio assim, meio com outros olhos, ficava olhando, não, dança, capoeira, não, porque tinha mais quantidade de negros no grupo, tinha mais quantidade de negros. E não era assim, meio discriminação, mas o pessoal ficava meio com receio, assim, ficava com receio de chegar no grupo, lá na capoeira, aí a gente foi começando a transformar isso, começando a transformar, fazer com que o pessoal entendesse que a gente não era, tipo assim, não era só pra nós, aquilo que a gente tava fazendo, não era só pra nós, era pro pessoal do Externato, pra outros lugares, a gente faz, treina capoeira , treina dança, estuda, não é pra ficar pra nós, é pra ir passando, passar um conhecimento.” (adolescente G, dezessete anos, turma de capoeira - Centro)

Com o intuito de compreender melhor o que os adolescentes pensam sobre o Externato, fizemos indagações sobre o que poderia ser mudado dentro da rotina, para que as atividades ficassem melhores. Entre as sugestões citadas, encontramos a sugestão de uma turma de dança para o núcleo Vida Nova, a sugestão de um período de estágio para aqueles que já estão prestes a se encaminhar para o trabalho, e o oferecimento de aulas de educação física.

Consideramos ainda válido ressaltar que boa parte dos adolescentes entrevistados afirmou não ter sugestões a oferecer, por admitir que as atividades estão boas do jeito como estão estruturadas:

“Ah, pra mim tá bom assim.

Você acha que tá bom... Não tem nada que cê podia dar de sugestão, pra gente fazer o Externato ficar melhor ainda?

Pra mim (não com a cabeça).

Tá bom assim.

Tá ótimo.” (adolescente H, treze anos, turma de capoeira, núcleo Vida Nova)

“Por mim continuaria assim até.... Todos os educadores ficarem bem velhinhos.” (adolescente B, catorze anos, Turma I, Centro)

“... e tem alguma coisa que você não gosta, ou que, se você pudesse dar uma sugestão pra melhorar você daria...

Não, pra mim, nada que... pra mim, tudo aqui de acordo que eles tá fazendo pra gente é bom. Se eles quisessem mais melhorar, porque cada dia que fazem é cada dia mais gostoso ter aula com eles.” (adolescente A, dezessete anos, turma III, Centro)

Outros adolescentes, quando questionados sobre o que poderia melhorar, se reportam não a aspectos do Externato, mas sim dos próprios adolescentes, como a melhoria do clima entre eles, o maior interesse e dedicação pelas atividades:

“Mudar essas falta. Muita falta, eu tô... Pelo menos eu tenho umas cinco falta aqui. Daí eu não vou poder mais faltar, porque eu tive, tive a primeira chance, desperdicei, agora não vou desperdiçar mais não.” (adolescente B, catorze anos, Turma I, Centro)

“ (...) o Externato devia ser como era antes, naquela fase, que hoje é um monte de gente querendo atropelar o outro, não é bem por aí. A única, povo de comunidade é a turma da capoeira, a dança que eu faço parte, eu num tô falando porque eu faço parte, mas, não é porque eu faço parte do trajeto, mas é a única coisa que nós temos de união, e a Casa Dom Bosco, entende?” (adolescente F, dezessete anos, Abrigo, Centro)

Ao questionarmos se o Externato trazia algum tipo de mudança na vida dos adolescentes, as afirmações foram unânimes, tanto por eles mesmos, como por funcionários, como por mães de adolescentes:

“Ah, mudou muito minha vida, viu. Mudou. Eu não tenho vergonha de falar, eu sou pobre, nasci na periferia, sei lá, até que um dia apareceu o Externato na minha vida, se eu continuasse na rua, eu não sei o que era pra eu tá fazendo, se era pra eu tá preso, ou morto, Deus me perdoe, o Externato mudou muito, porque em vez de eu ta na rua eu tava aqui, tava aqui aprendendo coisas boas, cada dia mais.” (adolescente G, dezessete anos, turma de capoeira - Centro)

“ (...) e tem muitos que se regeneraram mesmo, e tem muitos até que eles me chamam de vizinha, né, então eles falam: ai, vizinha, eu nem acredito que eu, que eu tô aqui no meio, e eu não vou mesmo mais sair pra rua, ficar pedindo as coisas no farol, porque não vale a pena” (v.A, voluntária, Centro)

“ (...) mas eu tenho pelo menos já um, uma profissão que eu posso dizer, que eu já posso entrar num mercado de trabalho, com uma consciência já bem feita, eu num era de falar muito, eu era muito tímido, mas agora, como você pode ver, eu falo demais, tem hora que eu me solto muito, e eu cheguei aqui muito tímido, e graças ao Externato, eu me dou bem, converso, sei, por exemplo, me prontifico bem para falar, e o que eu tenho pra dizer é que o Externato me ajudou muito, em várias coisas, me deu muitos conselhos, na hora que eu precisava, e eu já fiz muita travessia na minha vida, mas agora eu pus minha cabeça em ordem e vejo que eu necessito mesmo é fazer esses três cursos que eu, que pra mim futuramente vai ser muito bom, então é isso (...)” (adolescente E, dezesseis anos, turma da Extern-art, Centro)

“Muda, muda bastante. Olha a gente conhece menino daqui, ó, que era menino de rua, hoje tá no seu emprego, trabalhando. Que passou pela rua. A Rosângela fala pra gente, e a gente conhece os meninos, tava na rua. Aqui só não muda quem não quer. Porque aqui tem tudo pra melhorar.” (f.A, funcionária, núcleo Vida Nova)

“Ah, eu vim pra cá quando eu tinha treze anos de idade, eu fui ex-moleque de rua, fui viciado em drogas, acabei vindo pra cá e hoje eu faço capoeira, faço parte de alguns grupos aqui do Externato São João, que é salesiano hoje, e trabalho, entre aspa, e hoje dedico a minha vida a toda a comunidade, porque eu aprendi que o homem tem o dia hoje pra levantar os outros, muitos aprendem e fala não é pra mim, o que eu aprendi, eu ensino, e ainda quero aprender muito, sei lá, eu sou uma pessoa, muitos fala que eu sou mau, não sou uma pessoa má, é que muitos não me entendem, sabe, mas é assim mesmo, a gente é o dia-a-dia cotidiano da gente e hoje eu agradeço por estar aqui, o importante é que muitos deles são meus colegas, meus amigos, tenho um lar, eu rezo, estudo, não uso drogas, não bebo mais, e enfim, a minha relação mudou daqui, mudou. Sabe, hoje eu sou um novo...(cita seu nome)”
(adolescente F, dezessete anos, Abrigo, Centro)

Percebemos, através das entrevistas, que a participação no Externato é freqüentemente associada à expectativa de um futuro melhor, a conquista de um emprego:

“Ah, espero já sair já encaminhado pra um serviço, né... pra no futuro ajudar minha família .” (adolescente C, quinze anos, Turma I, Centro)

“Ah, ela acha bom, né? (referindo-se à opinião de sua mãe sobre a sua participação no Externato) Porque ela que me cursou aqui dentro. Quando eu vim, porque eu não...quando não tô vindo, ela briga comigo, eu falo que tô com dor de cabeça, ela não, tem que vim, porque é meu futuro que me espera, não é vagabundagem.” (adolescente B, catorze anos, Turma I, Centro)

“ (...) o meu futuro eu penso de trabalhar muito na área de informática, e terminar meus estudos e não abandonar minha religião, que vai, é minha fé, que me guarda, que me dá também esse prazer de viver.” (adolescente B, dezesseis anos, turma da Extern-art, Centro)

“ Aqui dentro que começa o futuro deles!” (v.B, voluntária, núcleo Vida Nova)

Apesar de não termos questionado diretamente os adolescentes sobre como eles definem o Externato São João, através de algumas falas foi possível identificar idéias importantes:

“ (...) pode ver, tem brancos, negros, são todos misturados, e é uma família, é um irmão que, quer queira ou não, entrou na Casa Dom Bosco, se torna uma família, entende?” (adolescente F, dezessete anos, Abrigo, Centro)

“o que que eu retrato sobre o Externato São João é isso, é, orientação profissional, e orientação humana, ele trabalha os dois. Ele não escreve orientação profissional e orientação humana, mas a melhor parte dele é a orientação humana, ele trabalha muito em cima disso (...) resumindo, é que o Externato São João é uma, é um, uma família, um pai, uma mãe, que procura, não só dar o doce, mas procura também dar o jiló, aquela coisa bem amarga, mas que futuramente vai ser muito bom, procura trabalhar no bom, mas também ele mostra o lado ruim da vida, a violência, as drogas, a prostituição das jovens, ele mostra tudo isso aí pra gente ver, pra gente ter uma consciência, pra saber que não é tudo na maresia, não é tudo o que nós queremos, mas sim o que o mundo quer, então, é isso que eu posso dizer pra você, o Externato São João é orientação profissional, é especificamente uma orientação humana, e ele inclui sobre nós uma coisa: eu, eu não sou católico, eu sou evangélico, mas eu não sou contra a religião católica, e o trabalho dele aqui muito, aqui no Externato São João é a fé, é uma coisa que eu creio, pelo menos, eu sendo evangélico eu creio muito, e é uma boa parte que eles trabalham (...). O Externato é uma coisa de fé, profissional e humana, para os jovens, são essas três coisas que ele procura mostrar, para os adolescentes do Externato São João.” (adolescente E, dezesseis anos, turma da Extern-art, Centro)

Esta atenção para a questão humana, identificada pelo adolescente acima citado, é uma das preocupações mais manifestas pelas pessoas que trabalham no Externato:

“como diretriz, o que ... a nível de crescer muito do trabalho com os meninos, a questão salesiana, que é o pensamento de Dom Bosco, não é? Que já iniciou o trabalho com os meninos e colocando o adolescente, eu propriamente penso com, que eles se situem enquanto donos de seus bens, da sua própria história, apesar de ter todo um lado social que envolve relacionamento familiar, e o mundo, hoje em

dia, mas eu creio que todo adolescente ainda mais mesmo com a mente deles, eles têm uma responsabilidade quanto à vida própria, então eu acho que a nossa diretriz é isso, é que ele se desenvolva enquanto adolescente, enquanto cidadão, que está numa comunidade, é que ele tenha essa capacidade também de se desenvolver, apesar de tudo que envolve, as pressões que a vida de adolescente traz, os próprios pensamentos deles (...)” (ed.B, educador, núcleo Vida Nova)

“Eu acho que é o fato da gente trabalhar a amizade, o relacionamento, é , essa própria postura, ensinar que a vida não pode ser jogada, de qualquer maneira, por mais dificultoso que seja lá em casa, ou no bairro, mas que há uma esperança, passar isso pra eles, que não é por causa daquilo que tem que ser um drogado, que tem que ser um marginalzinho, ou que tem que ser excluído da sociedade, que eles são tão seres humanos quanto qualquer outro ser humano que tenha uma vida mais elevada, e que eles têm as mesmas chances que qualquer um outro também, valorizar nesse sentido, eu acho que o Externato valoriza bastante isso nos adolescentes. (ed.A, educador, Centro)

Refletindo sobre os adolescentes que freqüentam o Externato, os funcionários e voluntários geralmente levantam pontos que caracterizam a fase da adolescência, afirmando que no caso dos participantes, o fator sócio-econômico poderia agravar alguns comportamentos:

“Eu definiria que são adolescentes, acho que na faixa etária deles, tão normais quanto um outro adolescente nesta faixa etária, a única coisa que eu acho que difere, é a própria realidade em que eles vivem, que é diferente de uma pessoa mais abastada, mas acho que os anseios deles, aquilo que eles almejam, ou aquilo que eles fazem, extrapolam um pouco, acho que no mais, é tudo a fase da adolescência que faz isso. Eu também já fui, eu também já fui arteiro, aí eles extrapolam mais ainda pela própria, pela própria realidade em que eles estão vinculados, entendeu? (ed.A, educador, Centro)

“Olha, assim, até o fato de te falar, não que eles não tenham uma identidade própria, não que eles não sejam sujeitos, né, mas, tem , e muitos têm uma dificuldade nessa questão da auto-estima. Alguns se sobre..., assim, extrapola, a nível de querer

se mostrar, de querer fazer que ele tá ali, então muitos comportamentos você vê que é disso, ele quer mostrar, ele quer saber que ele tá ali, ele quer fazer diferença (...)” (ed.B, educador, núcleo Vida Nova)

Indagados sobre sugestões que pudessem melhorar as atividades desenvolvidas pelo Externato, funcionários e voluntários levantaram pontos como: a implantação de novas atividades pré- profissionalizantes, a chegada de voluntários para trabalhar com esportes e com música, um período maior para as atividades de reforço escolar.

Além dessas sugestões práticas, observamos, por parte dessas pessoas, uma grande preocupação com questões mais amplas, como as condições sócio-econômicas das famílias, o ambiente familiar, o contato com drogas, ou seja, problemas sociais com os quais o Externato tenta lidar.

Finalizando, indagamos os funcionários do Externato sobre o que eles consideram uma conquista ao longo do trabalho desenvolvido, a fim de compreender o que eles almejam alcançar com os adolescentes. Suas respostas foram muito semelhantes: a maior conquista são os jovens que passaram pela instituição e que hoje já estão colocados no mercado de trabalho:

“Eu acho que são os adolescentes que passaram por aqui e que foram encaminhados ao trabalho, ou até a própria escola São José, e que tiveram sucesso, que estão tendo sucesso, isso nos enriquece bastante, e quando eles vêm nos visitar, por exemplo, e diz que tá trabalhando em tal lugar, que tá contente, tá satisfeito, e ele vem nos dar esse retorno, isso, é uma minoria, lógico, mas essa minoria faz a gente erguer o astral, entendeu? É gratificante, igual, uns dois meses atrás teve um adolescente que tá na Emdec, que começou trabalhando na rua lá, marcando coisa de casa, aí ele teve aqui dizendo que já é chefe de uma equipe, então quer dizer que, isso deixa a gente bastante satisfeito, entendeu, então esse trabalho é gratificante por isso.” (ed.B, educador, Centro)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizarmos este trabalho, retomamos nossa proposta inicial, que consistia na compreensão de como o Externato São João (enquanto instituição de Educação Não-Formal) trabalha a identidade sócio-cultural de seus participantes e realizamos algumas reflexões.

Inicialmente, gostaríamos de destacar um dado bastante significativo: o número de participantes do projeto, que atualmente está por volta de seiscentos e quarenta (entre os que freqüentam o centro e os núcleos da periferia). Se retomarmos a idéia de que o ingresso na instituição apresenta caráter voluntário, e associarmos essa idéia às informações obtidas de que esse número vem crescendo ao longo dos anos, somos levados a perceber que o Externato é um espaço valorizado pelos adolescentes, ou seja, eles encontram ali algo que lhes desperte o interesse, algo que motive a sua participação.

Através das observações e entrevistas realizadas, compreendemos que um dos aspectos que contribuem para essa situação é o tipo de relação estabelecida entre os educadores e os educandos. O clima de amizade e confiança foi percebido não só durante as atividades mais elaboradas, mas também durante os momentos informais, como a hora do café, o período de almoço, o momento de entrada na instituição, quando era comum encontrarmos adolescentes conversando com educadores, funcionários, voluntários. A possibilidade de atuar juntamente com os funcionários em atividades como o atendimento na portaria, a colaboração no refeitório, entre outras, mostrou-se como um ponto de fortalecimento do sentimento de pertença, sendo bastante valorizado entre os adolescentes e funcionários.

Outro aspecto importante evidenciado nas entrevistas é o fato do Externato corresponder a certas expectativas imediatas dos adolescentes, como o contato com o computador, o possível encaminhamento para um curso profissionalizante ou para um trabalho. Esse tipo de retorno a curto prazo figura para os adolescentes como uma possibilidade de mudança, como uma conquista que colabora no fortalecimento da auto-estima, freqüentemente abalada pelos “fracassos” dentro da escola formal e pelas próprias condições de vida da família.

Consideramos ainda importante destacar um outro papel assumido pelo Externato: ciente da realidade cotidiana de seus participantes, em sua maioria moradores de bairros periféricos, onde a vivência na rua figura como uma das poucas

oportunidades de lazer, a instituição apresenta-se também como um espaço recreativo, possibilitando a prática de jogos de quadra e outras atividades como passeios, teatros... Destacamos que este é um papel que o Externato São João vem assumindo desde os tempos remotos, quando ainda era uma escola particular. Alguns depoimentos recolhidos em jornais nos ilustram esse caráter:

*“Nas décadas de 50 e 60, o Externato era um centro de educação e recreação e um pólo agregador de milhares de meninos e jovens da cidade – frequentadores ou não de suas carteiras - , atraídos pelos encantos dos seus campos de futebol, a quadra poliesportiva e pela ala destinada aos ex-alunos do Dom Bosco, onde os emancipados podiam jogar sinuca e bilhar, frequentar o bar interno, comandado por “Seu Henrique Biguá” e ver a transmissão do futebol pela televisão”.*⁸

*“De Júlio (Antônio Carlos De Júlio, pessoa a quem a reportagem se refere), não estudava lá, mas como outras crianças, ia todo dia ao externato jogar bola, andar de bicicleta, patins e participar das brincadeiras que o colégio oferecia para crianças da redondeza. ‘O Externato era como se fosse uma praça de esportes pública. Todo mundo ia brincar, recebia lanche, café e com certeza significa hoje uma parte importante na memória de cada um que passou por lá’, comentou.”*⁹

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que possibilita o lazer e a vivência entre os adolescentes, o Externato consegue afastá-los da vivência da rua, onde o risco do envolvimento com as drogas é bastante grande.

Associamos a esta situação a importância do trabalho que se realiza nos bairros periféricos, ou seja, no próprio meio onde o adolescente vive. Além de caracterizar-se como um trabalho preventivo, a permanência dentro do bairro e a vivência comunitária possibilitam a discussão de problemas como a segurança, a saúde, a escola, discussões que podem inspirar a formação de grupos, cooperativas e associações de bairro. Nesse sentido, consideramos que o Externato possibilita, indiretamente, um trabalho de conscientização dos jovens e de suas famílias a

⁸ REY, Luiz Roberto Saviani. *Paradiso da minha infância*. Correio Popular, Campinas, 29 maio 1994.

⁹ COSTA, Maria Teresa. *Tristeza e revolta tomam conta de ex-alunos*. Correio Popular, Campinas, 31 maio 1994.

respeito da importância da educação que alcança dimensões maiores que o número de adolescentes matriculados.

Julgamos que todos os pontos até aqui levantados são argumentos que nos levam a admitir que o Externato São João procura trabalhar a identidade sócio-cultural de seus participantes, na medida em que busca conhecer e dar respostas aos seus anseios e necessidades, na medida em que conhece a sua realidade e procura, mais do que remediá-la, conhecer as suas causas e atuar sobre elas.

Há, porém, um aspecto que sempre nos preocupou durante a realização do trabalho e que acreditamos merecer uma atenção especial: a questão religiosa. Por tratar-se de uma instituição de caráter confessional, ligada à Igreja Católica, o “perigo” da imposição desta religião colocaria em risco todo o trabalho de valorização da identidade que o Externato procura realizar, principalmente se considerarmos que a grande maioria dos adolescentes têm origem afro-brasileira. Após esse período de observação participante e diálogo com aqueles que fazem parte do Externato, percebemos que as influências da religião católica estão presentes sim, nas atividades cotidianas (como por exemplo no momento do bom dia e boa tarde, que acontecem na capela), porém, elas não são impostas aos adolescentes: em nenhum momento a opção religiosa é condição para a participação nas atividades, desde o ato da matrícula, até as vivências cotidianas. Nos momentos de reflexão, os adolescentes são incentivados a desenvolver sua espiritualidade, considerada um forte apoio para o seu crescimento enquanto ser humano, porém, os educadores sempre fazem lembrar que a opção religiosa é particular, de cada um. De acordo com as informações que obtivemos, os esforços pelo diálogo com demais religiões não param por aí: o Externato procura estimular a convivência entre as diferentes opções religiosas em seus momentos de festas, confraternizações. Consideramos esta preocupação da instituição um exemplo de sua busca de respeito pela identidade de seus educandos.

Cientes de que o Externato (através de suas constantes reuniões e discussões entre funcionários, voluntários, estagiários e demais participantes do processo educativo) encontra-se num constante processo de aperfeiçoamento, gostaríamos de apontar aqui dois pontos que, ao nosso ver, merecem reflexões.

O primeiro ponto refere-se à preocupação com a transmissão de conteúdos da escola formal. Sentimos que esta é uma grande preocupação dos educadores, justificada principalmente pelo fato da maioria dos educandos apresentarem

“defasagem” nas séries da escola formal, devido à grande incidência de repetências. Sabemos ainda que o reforço escolar contribui para o encaminhamento desses adolescentes, seja para cursos profissionalizantes, seja para a disputa de um emprego, mas gostaríamos de ressaltar que os outros aspectos trabalhados no dia-a-dia do Externato, como a consciência negra, a sexualidade, a discussão sobre problemas sociais, as atividades recreativas também são de grande importância, merecendo, talvez, um tempo maior dentro do planejamento das atividades. Isso não significaria abolir o trabalho com o reforço escolar, mas sim, realizá-lo de forma indireta, através de temas envolventes, sem caráter de repetição das tarefas da escola formal.

O segundo ponto que acreditamos merecer atenção decorre da grande expectativa que os adolescentes nutrem com relação ao futuro. Entre a maioria dos adolescentes que entrevistamos, foi freqüente a associação entre a participação no Externato São João e a conquista de um emprego melhor, no futuro, devido ao desenvolvimento de habilidades como noções de computação, noções de atendimento ao público, etc. A nossa preocupação encontra-se no fato de, na nossa atualidade, muitas pessoas, mesmo qualificadas, não conseguirem colocar-se no mercado de trabalho. Ou seja, no caso desses adolescentes, essa grande expectativa, essa confiança em si mesmos, construída através de um longo processo de reconstrução da auto-estima e fortalecimento da identidade, pode ser abalada pelo futuro diferente daquele sonhado. E é este o alerta que fazemos aqui: os adolescentes precisam ter consciência disso, para saber lidar com as possíveis frustrações. Uma maneira de contornar essa situação seria favorecer uma formação mais flexível, que permita o redirecionamento das trajetórias profissionais no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Almerindo Janela. *Sociologia da Educação não-escolar: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática?* In ESTEVES, António Joaquim & STOER, Stephen R. *A Sociologia na Escola. Professores, educação e desenvolvimento*. Porto: Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento, 1992.
- ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDoc*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- BAENINGER, Rosana. *Espaço e tempo em Campinas: migrantes e expansão do pólo industrial paulista*. Campinas: Área de publicações CMU/ UNICAMP, 1996 (coleção campiniana, 5).
- CAMARGO, Jaquelina de. *Crianças na cidade: políticas públicas e universo cultural*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.96, p. 50-57, fev. 1996.
- CAMPOS Jr, João de. *As religiões afro-brasileiras – diálogo possível com o Cristianismo*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1998.
- CAMPOS, Maria Machado Malta. *Infância abandonada- o piedoso disfarce do trabalho precoce*. In: MARTINS, José de Souza (org.). *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- CARO, Sueli Maria Pessagno. *Adolescentes desprotegidos e necessidades psicológicas*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1998 (coleção construindo o futuro, 2)

COSTA, Maria Teresa. *Tristeza e revolta tomam conta de ex-alunos*. Correio Popular, Campinas, 31 maio 1994.

3 CRAIDY, Carmem Maria. *Meninos de rua – A rua dos meninos*. In: Secretaria Municipal de Cultura. *A rua invisível*. Porto Alegre, Unidade Editorial Porto Alegre, 1993.

4 DAUSTER, Tânia. *Uma infância de curta duração: trabalho e escola*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.82, p. 31-36, ago 1992.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri & LANG, Alice Beatriz da S.Gordo. *Educação e Trabalho: um estudo sobre produtores e trabalhadores na agricultura paulista*. São Paulo: CERU e FFLCH/ USP, 1983 (col. textos, 6)

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *Trabalhando com relatos orais – Reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa*. In: LANG, Alice Beatriz S.G. (org) *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. SP: CERU, 1992 (texto CERU, série 2, n.3)

EXTERNATO São João. *Projeto de Orientação ao Trabalho*. Mimeo. Campinas, 1999.

EXTERNATO São João. *Uma das expressões do ensino em Campinas*. Correio Popular, Campinas, 04 setembro 1947.

EXTERNATO São João em sua primeira fase. Correio Popular, Campinas, 1984

EXTERNATO abrigou oficinas. Correio Popular, Campinas, 27 maio 1994.

6 FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

GOHN, Maria da Glória. *Educação Não-Formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez, 1999. (coleção questões da nossa época, 71).

_____. *Educação Não-Formal no Brasil: anos 90*. CIDADANIA/ Textos N.10
P. 1 – 138, Novembro, 1997.

↳ GOUVEA, Maria Cristina Soares. *A criança de favela em seu mundo de cultura*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, N.86, p. 48-54, ago. 1993.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. *Procedimentos metodológicos e técnicos na pesquisa com crianças "assistidas"*. In: LANG, Alice Beatriz S.G. (org) *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. SP: CERU, 1992 (texto CERU, série 2, n.3)

LANG, Alice Beatriz S.G. *Documentos e Depoimentos na Pesquisa Histórico-Sociológica*. In: LANG, Alice Beatriz S.G. (org) *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. SP: CERU, 1992 (texto CERU, série 2, n.3)

LELO, Antônio Francisco. *Como educar adolescente de rua*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1997.

↳ MARCILIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARIANO, Júlio. *O Externato "São João". Do tempo do padre Falcone, seu primeiro diretor*. *Correio Popular*, Campinas, 12 agosto 1979.

MARTINS, José de Souza (org.). *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1993.

MASUZAWA, Mari. *A socialização da criança institucionalizada "Projeto Formação I"*. Campinas, SP: [s.n.], 1997. TCC – Unicamp - FE

NEGRÃO, Ana Maria Melo. *Arcadas do Tempo: o Liceu tece 100 anos de história*. Campinas: DBA, 1997.

PEREIRA, Marcelo. *Externato abre suas portas para meninos de rua: escola salesiana implanta nesta semana projeto voltado exclusivamente aos jovens carentes da cidade*. Correio Popular, Campinas, 19 maio 1994.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"*. In VON SIMSON, Olga R. de M. *Experimentos com histórias de vida: Itália – Brasil*. SP: Vértice ed. Revista dos tribunais, 1988 (enciclopédia aberta de Ciências Sociais; v.5)

REY, Luiz Roberto Saviani. *Paradiso da minha infância*. Correio Popular, Campinas, 29 maio 1994.

VON SIMSON, TEIXEIRA, CHISTE E GONÇALVES. *A valorização da diferenciação sócio-cultural como fator de integração de estudantes em situação de risco: discussão de uma experiência concreta – o Projeto Sol de Paulínia – SP*. Mimeo, Campinas: 1997 p. 1

ANEXO 1

Roteiro de entrevista com adolescentes:

- vida antes da instituição (o que fazia, como era a rotina)
- entrada na instituição (como aconteceu, por que aconteceu)
- cotidiano na instituição
- relacionamento com funcionários
- relacionamento com os adolescentes
- opinião dos pais sobre a participação do adolescente na instituição
- expectativas para o futuro
- sugestões para a instituição (mudanças, melhorias)
- dados: escolaridade, idade, bairro onde mora, há quanto tempo frequenta a instituição

ANEXO 2

Roteiro de entrevista com funcionários e voluntários:

- formação profissional
- tempo de atuação na instituição
- trajetória dentro da instituição (como chegou, o que faz...)
- diretrizes da instituição
- caracterização dos adolescentes participantes
- relacionamento com os adolescentes
- relacionamento entre funcionários
- sugestões para a melhoria do trabalho
- conquistas que considera importantes ao longo da trajetória

ANEXO 3

Roteiro de entrevista com pais dos adolescentes:

- falar sobre o adolescente que frequenta a instituição (idade, escolaridade, sua rotina)
- como o adolescente começou a frequentar a instituição?
- o adolescente comenta algo sobre a instituição em casa?
- percebeu alguma diferença depois que o adolescente começou a frequentar a instituição?
- os pais recebem algum tipo de orientação? Como?
- expectativas sobre o futuro do adolescente
- recebe algum tipo de ajuda, como cesta básica, vale transporte?

ANEXO 4

Transcrições das entrevistas

ENTREVISTA REALIZADA DIA 14/09/1999

ENTREVISTADO : adolescente A – TURMA 3 – MANHÃ

É assim: eu queria que você me contasse um pouquinho do que você fazia antes de vir aqui pro Externato, antes de entrar pro Externato, como é que você ficou sabendo do Externato, como você veio parar aqui, que você conte um pouco...

Ah, antes de vir pra cá eu trabalhava, eu trabalhava em mercado, então foi através de um irmã, é uma irmã, que ela orienta a turma e eu também, por ela que eu dediquei à comunidade e até hoje eu não tô desistindo, então foi através dela, ela ficou sabendo que aqui era Externato, era do padre, o padre convidou, quem assim que ela queria trazer pra poder vir pra cá. Então ela me chamou, aí eu falei pra ela se é legal assim, ficar no meio do povo, porque pra mim é melhor, conhecer mais o povo porque na profissão que eu tava era meio ruim, eu já não tinha muita orientação, assim como aqui eu tenho, então foi bom tá no meio deles e sendo orientado mais, foi através disso que eu entrei aqui, e eu tô gostando...

Ah, tá jóia, e você tá gostando... E faz tempo que você tá aqui?

Não, eu entrei em fevereiro aqui.

Fevereiro? E você passou ...ah, tem turmas diferentes aqui no Externato, né? Eu fiquei um tempo aqui e vi que tem turma 1, turma 2, e como é que é? Você entrou direto nessa turma em que você tá agora?

Não, eu era da turma 2

Você era da turma 2. E quando você mudou pra turma 3?

Na turma 2 foi quando eu entrei.

Você ficou bastante tempo lá?

Eu fiquei até o meio do ano. Até a metade.

E na turma 2 você fazia o que, mais ou menos?

A turma 2 era mais com o Arnaldo, de orientação...

E agora?

É turma 3, é mais informática...

Ah, tá legal. E deixa eu ver... Das coisas que você faz aqui, conta um pouquinho como é que é a rotina, todo dia a mesma turma, vocês trocam de orientador, um dia com o Zaia, um com o Arnaldo...

É, um dia é computação, que nem, ontem, pra nós foi computação, hoje , agora é orientação, amanhã nós já volta na computação, aí, que nem Quinta –feira passada, que você tava, foi com o Zaia, aí Sexta nós tem computação. Nós tem três aulas de computação, mas não é seguida.

Ah, é alternando na semana. E fora isso, quando vocês chegam tem o café, o Bom Dia, isso todo dia tem?

Tem. Todo dia tem.

E de tudo o que você faz, ou já fez aqui no Externato, tem alguma coisa que você gosta mais? Que se você pudesse você fazia mais tempo...

Ah, coisa, ah, é mais na portaria, né? Porque na portaria, quando eles me mandaram, pegaram muita confiança ni mim, então, quando às vezes um deles precisa sair, ou a Elaine, eles pedem pra mim poder ficar porque sabem que eu sei como comunicar, o modo de falar, então eles me chamam mais.

E você gosta de ficar lá... e tem alguma coisa que você não gosta, ou que, se você pudesse dar uma sugestão pra melhorar você daria...

Não, pra mim, nada que... pra mim, tudo aqui de acordo que eles tá fazendo pra gente é bom. Se eles quisessem mais melhorar, porque cada dia que fazem é cada dia mais gostoso ter aula com eles.

E além de vir aqui no Externato, você tá estudando, (nome)? Tá estudando (ele responde com a cabeça). Em que ano você está?

Eu tô na sétima.

Você tá na sétima...Você estuda em qual período, à tarde?

À tarde.

E é aqui no centro a sua escola?

Não. É no Paulicéia.

Ah, é perto de onde você mora?

Isso.

Conta um pouquinho como é que é você estar aqui com os outros adolescentes, você conhece bastante gente?

É, conhece mais ou menos, um pouco, né, mas não é tanto. Mas é bom, pelo menos a gente conversa, a gente tem que falar. Ainda bem que não é aquele

segmento, né? Às vezes a gente encontra pessoa que a gente não conhece , já levanta um pouco a cabeça. É gostoso tá no meio deles.

Você acha que o pessoal aqui se dá bem, os adolescentes?

Ah, tem vezes que sai briga entre eles, né, mas são bem...

E com os funcionários, como é que é?

Com funcionário é legal, peguei amizade com todos, é, pegaram confiança em mim, então, funcionário eu gosto muito.

Tá jóia... E seus pais, você mora com seus pais? Como é ?

Não, eu moro com a minha tia.

Você mora com sua tia... E o que sua tia acha de você estar aqui?

Ah, ela acha melhor porque é melhor do que eu tava trabalhando, é, eu trabalhava na semana inteira, pegava, tinha dia que eu não pegava nem folga, era direto, trabalhava, o que, quase treze horas por dia, então era muito cansativo, chegava em casa cansado... então ela achou melhor pra mim porque também aqui eu seja mais orientado a poder trabalhar porque onde eu tava eu não era muito bom não, eu não, assim, gostar, gostar mesmo eu não gostei, mas funcionários que tavam lá era gentil, tudo, mas, foi através da minha tia que eu vim pra cá, porque ela me orientou, falou se era isso que eu queria, que eu poderia vir.

E quando tem reunião de pais ou dos responsáveis ela vem também, como é?

Quem vem é minha prima, é a filha dela.

Ah, tá. Que foi quem encaminhou você pra tar vindo pra cá... E como é que é? Vocês participam junto na reunião de pais ou não?

Não. Eu não venho porque quando é reunião eu aproveito mais para estudar, em casa, fico ajudando.

E essas reuniões são também para orientar? Ela conta alguma coisa pra você?

Conta! É orientação, mais dos alunos, né. O jeito que ele age aqui dentro, as faltas, através de tudo isso.

Então, você acha que mudou bastante você estar vindo pra cá?

Ah, mudou bastante, porque no Sábado e Domingo eu tenho mais como fazer é, estudar, a antes não, eu trabalhava, estudava à noite, não tinha nem como , nada pra fazer, era muito apertado...

Você trabalhava bastante mesmo...(nome), tem algumas perguntas aqui que são mais diretas que eu queria te fazer, só pra depois constar lá no meu trabalho. A sua idade?

Minha idade? Dezessete.

Você tá na sétima série, né, como já falou... O bairro, você já comentou pra mim que é Paulicéia, né?

Isso.

Você tá aqui no Externato desde fevereiro deste ano. Foi em fevereiro que você começou as atividades?

Isso.

E durante as férias tem um programa diferente, você já chegou a participar, ou ainda não?

Não.

É, e o que você pensa, (nome), é, depois que você sair do Externato? O que você pretende fazer? O que você espera?

A esperar é, o modo de agir no meio do povo e também no meio do trabalho, eu tô aprendendo aqui, é saber como, a falar no meio deles, é o modo de trabalhar, ser gentil, o que eu pretendo é isso aí.

E você tem uma profissão que você gostaria de seguir, ou tá indeciso?

Ah, eu tô indeciso.

Você tá indeciso... Você acha que o Externato pode te ajudar a, de repente, escolher uma coisa que você goste mais, ou cê acha que...

Não! Não ,porque só através de mim , mesmo.

De você mesmo. Ainda tem tempo, né...

Ainda tem tempo pra pensar.

Então tá legal, tem mais alguma coisa que você quer me contar?

Agora apertou...

Alguma coisa daqui...

O trabalho que vocês querem com o trabalho da gente, através daqui é, que forma mais ou menos que vocês agem, pra poder saber, orientar? Através de falar, saber mais? Que tipo de trabalho?

O que eu tô fazendo?

Isso...

O trabalho que eu tô fazendo é pra conhecer um pouquinho das atividades do Externato, pra saber como quem tá aqui dentro enxerga o Externato, porque às vezes, a gente que vê de fora, eu acho que só quando tá aqui dentro pra conhecer melhor, então, pra eu estar conhecendo, eu achei que tinha que conversar um pouco com cada pessoa que faz alguma coisa aqui dentro, por isso que eu queria conversar com os adolescentes, com quem trabalha aqui, quem é voluntário, pra saber o que cada um acha, pra poder ter uma visão maior, porque eu vindo de fora, eu me interessei pelo trabalho do Externato, quando a Dona Sueli foi lá na minha faculdade contar o que acontecia aqui.

Sueli é aquela...

A Dona Sueli que trabalha na parte administrativa, eu acho. A gente tem mais contato com a Elaine, com o Arnaldo, né. A Dona Sueli foi lá na minha faculdade e contou um pouco do que o Externato fazia e eu achei um trabalho interessante e queria conhecer um pouco mais, ela me mostrou uns livros que o pessoal que trabalha aqui escreveu: ela mesma, o padre Lelo, e eu li, mas achei que pra conhecer era pouco, porque na verdade eu tinha que ver como é que é o pessoal aqui dentro, no dia-a-dia, né? Então eu vim desde o começo do ano, fiquei fazendo estágio na turma de vocês e agora eu tô conversando com a turma...

E depois que você terminar isso aqui, você pretende voltar aqui ou pretende ir para outro lugar?

Eu ainda não tenho muito bem definido, o que eu sei é que até o final do ano eu vou continuar aqui, com esse trabalho, e depois que eu fizer eu pretendo voltar aqui pra estar contando pra vocês, pra todo mundo que me ajudou a fazer este trabalho, o que eu achei, a impressão que tive, né, e talvez, eu gostaria, espero que eu consiga, trazer alguma sugestão também, trazer alguma idéia nova e com certeza, eu vou levar idéias comigo também, né? Que esse trabalho que eu tô fazendo faz parte de um...eu preciso fazer este trabalho pra me formar no final do ano, então pra mim é importante pelo conhecimento que eu tenho, eu não sabia do Externato, sou de outra cidade, eu não conhecia este tipo de trabalho.

Você não é de Campinas?

Não, eu sou de Itatiba. Mas aí eu quero trazer depois pra vocês, até me comprometo a trazer pra você. Pra depois escrever o trabalho eu vou transcrever esta fita, passar no papel o que a gente conversou e depois eu trago para você ler o

que a gente falou, que às vezes fica meio diferente, né? É diferente a gente fazer isso, aí depois eu trago.

Não precisa se preocupar.

Eu acho que é legal. Você não gostaria de ver? É uma coisa diferente da gente fazer. E o trabalho escrito eu vou trazer no final do ano, quando eu terminar. Tá bom? Então tá jóia, (nome), eu acho que é isso. Depois, se eu ficar com alguma dúvida, se faltar alguma coisa, eu posso te procurar de novo?

Pode.

Então tá. Obrigada.

De nada.

ENTREVISTA REALIZADA DIA 04/10/1999
ENTREVISTADO : adolescente B – TURMA 1 – TARDE

Hoje é dia 04/10 e eu vou entrevistar o (nome), da turma 1, também, da tarde. Então, tá (nome), Eu queria que você contasse pra mim também como é que você chegou aqui no Externato.

Ah, foi... um dia eu tava jogando bola, aí o meu irmão, antes disso, o meu irmão tava no Externato já, aqui. Aí ele ia passar pro São José, só que ele passou, só que ele desistiu, então eu peguei, teve a oportunidade de eu vim, aqui. Ia pra lá (*para o Vida Nova*), aí eu fui, aí o meu irmão saiu lá do São José, eu peguei, continuei lá, daí eu peguei, tava fazendo datilografia, daí eu parei porque a datilografia tinha saído. Tinha chegado os computador, aí o ... tinha que ficar só escrevendo, só escrevendo todo dia, aí eu peguei e mudei pa capoeira, aí eu nem tinha feito nada, só fiquei dois dia, três, aí no outro dia, no terceiro dia que eu faltei, meu colega foi e avisou pra mim que eu tinha passado pra cá, não sei, eu tinha passado, passei? Eu tô na capoeira, como eu passei? Aí eu peguei, fui lá ver, a Elaine pegou, me deu o cartão e eu vim pra cá pra vê o que que é, oh, deu cartão, não. Tinha que pagar do próprio bolso pra poder vir pra cá e depois aqui recebia o cartão pra pode ir embora. Foi assim.

E faz tempo, isso?

Faz. Eu fiquei um ano lá, faz, ó. Primeiro de tudo, quando eu entrei, eu não entrei lá, não tinha datilografia. Eu entrei pro artesanato, aí eu peguei, fiz artesanato um ano, aí eu passei pra Quinta série, peguei, fiz a datilografia, daí eu... a datilografia acabou e eu vim pra cá, e agora eu tô aqui. Aqui faz uns seis meses.

Seis meses...

É . Seis meses, né Zaia, mais ou menos? (*perguntando para o educador que estava na sala naquele momento*)

Zaia: não, faz uns três meses.

Três?

Zaia: Foi no meio do ano.

Ah?

Zaia: Foi no meio do ano.

Então, desde julho mais ou menos? Julho, não né? Julho era parado. Agosto, de agosto pra cá que você tá aqui... Quantos anos você tem, João?

Eu tenho quatorze.

Quatorze. E cê tá estudando?

Tô.

Em que série você tá?

Quinta.

E sua escola, ela é onde? Aqui no centro?

Não, lá mesmo.

No seu bairro? Onde que você mora?

No Vida Nova.

No Vida Nova também, ah, tá.

Eu moro pertinho dele ali *(apontando para Adriano)*

Ah, cê mora perto do Adriano....

Por isso que eu falei que ia levar a senhora lá pra comer bolo...

(risos)

É.

E o que que seus pais acham de você tá vindo pro Externato? Você mora com seus pais?

Eu moro só com a minha mãe.

Cê mora com sua mãe. E que que ela acha de você tá vindo pra cá?

Ah, ela acha bom, né? Porque ela que me cursou aqui dentro. Quando eu vim, porque eu não...quando não tô vindo, ela briga comigo, eu falo que tô com dor de cabeça, ela não, tem que vim, porque é meu futuro que me espera, não é vagabundagem.

Então você acha que ela gosta de você tá vindo pra cá.

(Responde sim com a cabeça)

E antes de você entrar aqui, antes de você ir lá pro São José, você já estudava? Você já ia pra escola?

(Responde sim com a cabeça)

E além da escola, você trabalhava, o que você fazia depois de voltar da escola?

Eu brincava. Ajudava minha mãe arrumar as coisas.

Ajudava um pouco em casa e brincava, então? Tá jóia. E desde quando você chegou aqui no Externato cê tá na turma 1? Nessa turma aqui?

Quando eu vim de lá pra cá?

É. Ai cê veio direto pra essa turma?

Aí direto pra cá.

Então a rotina é a mesma: cê tem três vezes por semana com o Zaia, uma com o Arnaldo e uma com o Avelino?

(Responde sim com a cabeça)

E de tudo o que cê faz aqui no Externato...

O que eu mais gosto?

É.

Ah...

Tem alguma coisa assim, que é o que você pode falar que você mais gosta?

De brincadeira?

De tudo, de tudo que tem aqui...

Tudo? Primeiro, estudar aqui dentro, pra poder passar pra alguns cursos. Segundo, jogar bola aqui na quadra, e terceiro, jogar basquete.

Dos cursos que você falou, o que que cê gostaria de fazer?

Ah? Computação. Computação.

Computação. Você gosta de computação...

Claro! Quem não gosta?

(risos)

E assim, e o que você menos gosta, tem alguma coisa? Que você não gosta, ou que se você pudesse mudar, você dava uma sugestão aí pra mudar, tem alguma coisa?

Mudar essas falta. Muita falta, eu tô... Pelo menos eu tenho umas cinco falta aqui. Daí eu não vou poder mais faltar, porque eu tive, tive a primeira chance, desperdicei, agora não vou desperdiçar mais não.

Então cê acha que precisa mudar isso? E do Externato, assim, da programação que tem aqui, tem alguma coisa que você acha que é muito cansativo, ou que podia ser diferente?

Não!

Você cansa de ficar aqui na aula?

(Responde com a cabeça)

Não? Tá bom assim?

Por mim continuaria assim até.... Todos os educadores ficarem bem velhinhos.

(risos)

Tá jóia.

Mas não pode deixar eles escutá isso aí não, hein?

(risos)

Por que não? Não pode?

(risos)

*E o que que você espera, então? Você disse que vem aqui no Externato, que
cê gostaria, de, se pudesse, fazer mais computação... o que você espera quando sair
daqui?*

Ah, eu espero ser um menino estudioso, bem dizer, dedicado.

*E você acha que o Externato pode te ajudar em alguma coisa? O que que cê
espera do Externato? Por que você vem aqui?*

Ah, eu venho pa podê aprende mais coisa.

Adriano: Fala mais alto.

Por que falar mais alto? Se falar mais alto todo mundo vai ouvir (inaudível)

E cê já trabalhou alguma vez? Cê tá trabalhando ou não?

Eu já trabalhei.

Cê já trabalhou. O que você fazia?

Só vê, só. Carpi grama. Eu e minha mãe.

É agora? Trabalha ou não? Cê vai na escola e vem aqui no Externato?

Agora não. Só estudo, agora. Só estudo. E quando eu trabalhar e estudar,
chego em casa, se chago, se chegar. Dorme dentro do ônibus memo.

E quando você sair do Externato? O que você pretende?

Ah, pretendo ir pro São José.

Pro São José? Fazer algum curso lá?

(responde sim com a cabeça)

Que curso que tem lá que cê gostaria de fazer? Ou você ainda não sabe?

Eu tentei fazer um curso lá, entra lá, não consegui.

Que que cê queria fazer lá?

Queria fazer mecânica industrial.

*Tá jóia. E de todo mundo que cê tem contato aqui no Externato, cê acha que
é gostoso, o contato com os amigos da turma... Ou não? Você tem amizade com
bastante gente?*

Iiichi E como! Bem mais do que o Adriano falou. Bem mais. O Adriano é quieto, ele não iiiiii.... Pensa que ele é agitadinho desse jeito aqui? Não é nada. Ele é quieto.

E com os funcionários? Cê conhece bastante gente ou é mais o pessoal que trabalha aqui com vocês, na turma?

Bastante funcionário.

E que que cê acha deles?

Ah, legal, né. Não tem nenhum chato. Chato bem mesmo é o ..., o, só que o ... dá lição de moral, não dá bronca. E o ..., né, o nome dele. O ... é chato.

Então tá. Tem mais alguma coisa que cê quer contar pra mim aqui do Externato, do que você faz?

Não. Tem! Eu quero ouvir o que eu tô falando aqui, ó *(Apontando pro gravador)*

Então tá jóia. E eu acho que perguntei tudo, mas se precisar de alguma coisa depois, posso te procurar? Pra você me ajudar? E eu trago pra você, eu deixo você ouvir agora o que a gente falou, mas também, depois, eu vou escrever tudo pra usar no meu trabalho e eu mostro pra você, tá bom?

(Responde sim com a cabeça)

Obrigada, então.

De nada.

ENTREVISTA REALIZADA DIA 04/10/1999
ENTREVISTADO : adolescente C – TURMA 1 – TARDE

Deixa só eu arrumar aqui... Então hoje é dia 04/10 e eu vou fazer a entrevista com o (nome), da turma 1 da tarde, né? Então, (nome), eu queria que você contasse primeiro pra mim é, quando que você veio aqui pro Externato, se faz tempo que você tá aqui, como você ficou sabendo do Externato, se foi alguém da sua família que indicou, que você conte como que você chegou aqui.

Bom, eu cheguei aqui a mais ou menos uns cinco meses, e eu fiquei sabendo do Externato é por amigos, parente.

Você tem algum amigo que já vinha aqui?

Já.

E como que foi? Você mesmo veio conversar aqui, pedir pra ficar? Como que foi?

Não. Veio os meus pais, né. Aí falaram com ela, com a Rosângela, lá do Vida Nova e aí eu fiquei uns tempos lá no Externato Vida Nova e depois eu vim encaminhado pra cá.

Tá jóia. E faz cinco meses que você tá aqui?

É, faz mais ou menos isso, uns cinco meses.

E você entrou direto nessa turma que você tá? Na turma 1?

É, direto.

É desde o começo do ano, então? Não?

Não...

Desde, nós estamos no mês dez, maio, mais ou menos abril, maio que você tá.

É, faz quanto tempo, João Luís? (indagando o colega que estava na sala)

João: faz um ano.

Um ano? O louco...

João: que a gente tá aqui, não. De lá...

Ah, daqui, aqui.

João: aqui? Uns três meses.

Ah, leva aí uns três meses.

Tá jóia. Conta pra mim um pouquinho do que cê faz aqui na turma 1. O que é que é, mais ou menos, vim no Externato?

Ah, no Externato é, bom, vem no Externato pra conhecer mais gente, é, saber mais conversar com elas, é, aprender mais, eu venho no Externato pra ter um futuro na frente.

E do que que cê faz aqui, então, na turma 1, vocês vêm todo dia, tem o almoço, vocês almoçam, é isso?

É.

Depois do almoço tem o boa tarde, e depois? Vocês na turma 1, vocês tem o Zaia (educador), só, que vem aqui com vocês?

Não, nós tem é, três aula com o Zaia, uma com o Arnaldo e uma com o Avelino.

Ah, tá, então a maior parte do tempo é aqui, mas também tem computação e tem com o Arnaldo...

Que é...

E aqui três vezes por semana é mais o que?

Ah?

Com o Zaia é o que? O Avelino é computação...

É, o Zaia é matemática e com o Arnaldo é português, iniciação ao trabalho.

Ah, tá legal. E, deixa eu ver, do que você faz aqui no Externato, tem alguma coisa que você goste mais de fazer... Que você gostaria de fazer mais tempo, de tudo o que tem, assim?

Eu gostaria mais de computação.

Mais tempo na computação... Você tem uma vez por semana, computação?

É, uma vez.

E você gostaria de fazer mais... Por que? Você gosta de computador?

Óoo...

João: E quem não gosta?

(risos)

E se tivesse alguma coisa que cê pudesse mudar, que cê não gosta muito ou que você acha que poderia melhorar? O que você, o que você falaria? Uma coisa ou que você não gosta, ou que podia melhorar um pouquinho... O que você acha?

Eu acho que tá tudo bom, né.

Cê acha que tá tudo bom?

Ahã...

Tem hora que cansa de alguma coisa, você queria que fosse diferente?

Acho que, bem dizer eu não canso de nada, não.

Não?

Tá bom desse jeito.

Então tá jóia. E como é que é aqui, com os outros adolescentes? Você disse que tem amigos, que tinha amigos já antes de vim no Externato, que já freqüentavam... Como é que é?

Ah, já, ah...

Conhece bastante gente?

É, eu vim pra cá, quando eu num tava aqui eu conhecia mais ou menos umas cinco pessoas, aqui eu conheço mais de trinta. Acho que eu conheci bastante gente...

E o que você acha? É legal?

É, uma gente legal.

E com os funcionários, cê conhece bastante ou você conhece mais os que... O Avelino, o Zaia...

É, eu conheço mais esses daí, né. E conheço a dona da limpeza, lá, Dona Gilda.

E na sua casa, como é? Você mora lá no Vida Nova?

É.

Você mora com quem?

Ah, eu moro com a minha mãe e meu padrasto.

Sua mãe e seu padrasto... E o que eles acham de você tá vindo no Externato?

Ah, eles acham muito bom.

Eles gostam...

Gostam.

(risos)

Tá jóia. E antes de vir pra cá, no Externato, o que que cê fazia?

Ah?

Você estuda?

Estudo.

Cê vai pra escola de manhã?

De manhã, ahã.

Em que série você tá?

Eu tô na Sexta.

Quantos anos você tem?

Eu? Eu tô fazendo quinze hoje...

Você tá fazendo quinze hoje? ! Parabéns! Eu não sabia, não contou pra nós!

Que legal!

João: Vamo na sua casa come bolo...

(risos)

Podemos ir lá comer bolo?

João: (fala para a entrevistadora) a gente leva você lá.

Eu vou heim? ... E antes de vir aqui pro Externato, cê tava estudando, já?

Como que era?

Ahã, ah, eu saia da escola e ia pra rua né, jogar bola.

Lá no Vida Nova mesmo?

É, lá no Vida Nova mesmo.

A escola é lá?

É.

E em casa, como que era? Você ajudava em casa também ou ficava mais jogando bola?

Ah, eu ficava mais na rua, né?

Ah, tá. E assim, de vem em quando, tem reunião de pais aqui, né. Tua mãe ou teu padrasto, alguém vem? Costuma vir?

Vem. Só minha mãe.

Sua mãe vem. E ela comenta alguma coisa do que tem na reunião?

Ah, aí eu num sei que eu não tô presente na reunião, né...

Certo, mas ela fala o que que é comentado na reunião ou é mais pra eles mesmo, pros pais?

É, pra mim eles não falam nada não.

Tá jóia. É que que cê acha é, Marcelo, é que que você é, espera, assim, fazer? Ai, (nome), não adianta, eu vou confundir até o final...

(risos)

(nome). Desculpa. O que você espera, depois de sair do Externato? Você tem idéia?

Ah, espero já sair já encaminhado pra um serviço, né... pra no futuro ajudar minha família .

E tem alguma coisa que você gostaria de fazer, assim de serviço, que você já escolheu, ou que você sabe que gosta, ou ainda não decidiu?

Eu ainda tô maio em dúvida.

Tá meio em dúvida? Mas tem alguma coisa que cê goste?

Tem.

O que?

É, mexer assim, por exemplo, com rádio, essas coisas, consertar.

Ah, cê gosta?

Na área de técnico.

Você já chegou a fazer isso ou não?

Não.

Mas por enquanto você não tá trabalhando?

Ainda não.

Cê vai pra escola e vem aqui pro Externato.

Hum ...

Tá legal. Deixa só eu ver se tem mais alguma coisa... É um monte de pergunta que eu te faço, né?

(risos)

E ainda erro seu nome, né, (nome). Agora eu não vou mais esquecer. Bom, sua idade você já me contou, deixa eu ver se tem mais alguma coisa...Eu acho que é mais isso mesmo, (nome). Ai, então, eu vou depois, escrever o que a gente conversou e depois, se você quiser ver eu mostro pra você, no próximo dia que eu vier aqui. Ai, se eu tiver em dúvida de alguma coisa, posso perguntar pra você, um outro dia?

Pode.

Então, tá legal. É só isso. Obrigada!

Obrigado você.

Eu vou conversar com o (nome), da turma 1, né (nome)?

Dois.

Da turma 2. Desculpa. Então, tá jóia, hoje é dia 13/10, e eu queria que cê me contasse um pouquinho de como que cê chegou aqui no Externato.

Ah, eu, quando cheguei aqui eu tinha, eu acho que onze anos, aí eu vim pra cá porque eu tava sem, não tinha nada pra fazer em casa, e ficava lá em casa, ou às vezes eu ia trabalhar com meu pai, meu pai ficou sabendo daqui, pegou e falou se eu não queria entrar aqui, aí eu vim, entrei aqui, agora tô aqui, desde 96, eu acho.

Desde 96, e cê entrou direto nessa turma ou você já passou por outras?

Quando eu entrei, eu comecei fazendo artesanato, aí eu parei de fazer artesanato e comecei fazer capoeira, aí depois, quando eu comecei a fazer capoeira eu já vim morar aqui, fiquei seis meses aqui, né, depois eu saí da capoeira, voltei pro artesanato, aí eu comecei a fazer dança à tarde, eu estudava no período da tarde, eu comecei a fazer dança com a Lara, aí depois, esse ano, eu comecei esse ano, não dava mais pra mim estudar a tarde, eu peguei, entrei na turma 1, entrei na turma 1, agora tô na turma 2.

E de tudo que cê já fez aqui no Externato, tem alguma coisa que você goste mais de fazer, que você, se pudesse fazer mais tempo, você faria...

É, computação.

Computação? Se faz a computação quantas vezes por semana?

Uma.

Uma. É isso que cê queria fazer mais.

É.

E se tivesse alguma coisa que pudesse melhorar, mudar pra ficar melhor, do que é, do jeito que tá, cê teria alguma idéia pra dar?

(silêncio)

Alguma coisa que cê não goste de fazer, ou que você acha muito cansativo...

Ah, eles devia dar aula de física, de educação física na Sexta, que nem era o ano passado, eles davam aula de física, ano passado.

Tá jóia. E deixa eu ver... você tá estudando, agora, então?

Tô.

Você estuda à tarde?

(responde com gesto – sim)

E a sua escola fica aqui no centro?

Lá em Souzas, eu moro lá .

Souzas...Cê mora lá... Qual que é a sua idade, agora?

Eu tenho treze anos.

Treze. E , assim do relacionamento aqui no Externato, com os outros adolescentes, como que cê acha que é?

É bem, brincalhão. Eu brinco com eles, bastante.

Conhece bastante gente...

Conheço quase todo mundo aqui...

E dos funcionários?

Mesma coisa...

Cê acha que, conhece todo mundo também, é legal?

(responde com gesto – sim)

E cê mora em Souzas, é com quem que você mora? Cê mora com a sua mãe?

Ah, eu moro (silêncio) . Eu não moro mais com a minha mãe porque não deu certo deu ficar lá em casa com ela, né, aí eu fui morar com a mulher, lá, que era amiga da minha tia, agora eu tô lá com ela.

Cê tá com ela . Que que ela acha de cê tá vindo pro Externato?

Ah, o marido dela que, o marido dela é estudioso pra caramba, ele dava aula no Senai, então ele acha que eu não aprendo nada aqui porque, sei lá, né, ele pensa isso que eu acho que ele nunca veio ficar aqui, né, ele não conhece aqui.

Você acha que vale, é válido pra você tá vindo aqui pro Externato?

É, porque eu já fiz teste pro São José, aí talvez eu vou, eu vou ter que voltar lá dia 21 de outubro, agora, né, ver se eu fui selecionado ou não.

Ah, tá. E que você queria fazer lá no São José?

Eletricidade.

Eletricidade. Cê trabalha agora ou não, (nome)?

Ah, quando eu tenho, quando não tem, não tem Externato, não tem escola, que nem Segunda e Terça, agora, eu trabalho com meu pai.

E o que que cê faz?

Eu ajudo ele no serviço dele, jardinagem.

Ah, tá jóia. E no São José cê queria fazer, então, a eletricidade. E cê pretende fazer esse curso de eletricidade, e depois que você sair, então do Externato, cê já tem idéia do que você quer trabalhar, o que que cê quer fazer ou ainda não?

Ainda não.

Ainda não? Tem tempo pra pensar, ainda, um pouquinho...

Bastante tempo pela frente...

Tem mais alguma coisa que cê queria me contar, do Externato?

(Responde com a cabeça – não)

Não? Mais alguma sugestão pra dar pro pessoal daqui, que pudesse melhorar, além da computação, pra continuar e aumentar o número?

Tem não.

Não? Deixa só eu ver se faltou mais alguma coisa, eu acho que é mais isso mesmo, é, cê tem mais algum parente que tá aqui no Externato também ou não?

Não.

Só você?

É.

Então tá bom, (nome), eu acho que é só isso mesmo, é, depois se você quiser ver como é que ficou a nossa entrevista eu mostro pra você quando eu escrever, tá bom? E daí, se eu precisar de mais alguma informação, eu posso te procurar de novo?

Pode.

Então tá. Obrigada.

De nada.

Então hoje é dia 13/10, e eu tô aqui no Externato de Centro, eu vou conversar com o (nome), da Externart. Então, (nome), primeiro eu queria que você contasse pra mim como é que cê chegou aqui no Externato, a quanto tempo você tá aqui... Como você chegou aqui no Externato...

Realmente eu cheguei aqui no Externato faz... eu cheguei aqui em 97, em abril de 97, já vai fazer, faz dois anos que eu tô aqui, no Externato São João, eu comecei fazendo a turma 1, que era... realmente eu comecei fazendo foi o artesanato, depois eu passei pela turma 1, fazendo a computação uma vez por semana, aí fui, consegui fazer datilografia, aí eu evolui, fui pra turma 3 fazendo três vezes, hoje eu tô na Externart, mas pra mim chegar até aqui no Externato, eu morava ali no Jardim Florence 1, aqui em Campinas mesmo, e a minha mãe, nós, a gente não tinha uma boa participação financeira, não tinha muito dinheiro, nós precisávamos lutar de algum jeito, num tinha um, ele num recebe, o emprego não tava tão bom como hoje não tá ainda, então ali nós, como o Seu Zaia, ele falou lá sobre aquela situação (se reportando sobre o assunto falado no bom dia: crianças vivendo no lixão), ele colocou o lixão, mas eu coloco melhor o Delta 1, lá nós, eu minha mãe, minhas irmã, meus irmão, íamos lá pra pegar as latinhas, vender por quilo pra pegar um dinheiro para poder comprar alguma coisa. Aí certo dia foi a assistente social, conversando as crianças, os adolescentes que tavam lá, e perguntou se algum de nós estudava, nessa época eu ainda não estudava, porque eu vim de outra cidade, Ibitinga, chegando aqui eu não consegui vaga porque minha transferência não veio, aí ela perguntou se tinha alguém precisando de algum estudo, aí eu falei, eu e meu irmão falamos: nós queremos, daí ela perguntou a série, coisa e tal, naquele tempo... era em 1997, eu tava na Quinta série, fazia dois anos que eu estava fora da escola, desde 95, o meu irmão, por falta de inteligência, ficou na Segunda série, não quis ir atrás do estudo, aí ela falou assim: o lugar que eu sei, pra vocês, tem lá, tem é, a Fumec, mas é só de primeira a Quarta, é no Externato São João, e pra você que tá na Quinta, tem outros cursos, tem capoeira e tem artesanato. Ah, eu falei: tudo bem, é melhor do que ficar nesta situação. Aí nós viemos para cá, fizemo a nossa ficha, se cadastramos, aí meu irmão entrou na Fumec de manhã, eu entrei na turma, eu entrei no artesanato, à tarde, nessa época, aqui no Externato, tinha datilografia, tinha marcenaria, tinha técnicas

comerciais, e tinha computação, não era essa... como tem hoje, que é turma 1, turma 2, turma 3 e externart, era datilografia, artesanato, marcenaria, técnicas comerciais, e a externart, aí fui evoluindo, em 98, agora, eu passei pelo artesanato, fiz datilografia, e depois começou essa turma 1, 2 e 3, orientação profissional, que teve um professor que ele teve que sair, que era das técnicas comerciais, o seu Lário, ele não tava muito bom, ele saiu, foi despedido, aí a marcenaria também parou, parou o artesanato, que agora tá no Vida Nova, o que você também já tá sabendo, o artesanato e a datilografia, e aqui no centro nós estamos trabalhando com a computação e com técnicas comerciais e desenho técnico, e também temos espanhol e dia de Segunda a Externart, e de Sexta Feira, e o que vem ao caso é que, pela situação que nós passamos, quando eu cheguei aqui, meu, o meu querer era fazer, era estudar, eu queria voltar a estudar, para que eu recuperasse as minhas séries perdidas, que eu perdi dentro de quatro ano, desde 95 até 97 era dois anos já perdido, mas infelizmente, não teve, eu não consegui vaga aqui, aí ele, o moço falou: cê quer capoeira ou você quer fazer artesanato? Aí eu falei assim: não, capoeira é um esporte, não vai me levar a nada, artesanato, pelo menos eu aprendo alguma coisa, e, mas o meu propósito não era esse, aí eu fui, graças a Deus eu tive uma mente boa, fui fazer artesanato, fiz artesanato, como eu já disse, datilografia, agora eu tô na Externart, e agora eu só não faço artesanato, eu faço três cursos: tenho computação de Terça, Quarta, Quinta; Espanhol Segunda e Sexta, e ao Sábado temos telemarketing, pra turma da Externart, de manhã e à tarde, como cê sabe, aqui nós temos dois períodos, que é o período da manhã e o período da tarde, todos eles são a mesma coisa: orientação profissional, turma 1, 2 e 3 e Externart, à tarde e de manhã. Então, o que eu posso dizer é que o tanto que eu passei, se eu fosse olhar para trás, eu falava assim: mas é impossível para mim, eu tô fazendo computação, coisa que eu nunca imaginei, que eu vim de sítio, morei doze anos numa fazenda, e computador pra mim, nunca mexi, nunca vi, então agora, isso aí pra mim é uma coisa que, você fica até bobo, você senta, pára, põe a tua consciência em dia, vê o que que aconteceu realmente na tua vida, você vai ver aquilo que você evolui, o que que você não evolui, e eu falo assim, eu me embaso muito no que eu falo, assim, quando vê assim que já era pra eu tá no segundo colegial, mas infelizmente eu tô na Sexta série, que eu perdi quatro anos de escola, voltei a estudar em 99, agora, nesse ano de 99, mas eu falo, eu não tenho meu colegial, mas eu tenho pelo menos já um, uma profissão que eu posso dizer, que eu já posso entrar num mercado de trabalho, com uma

consciência já bem feita, eu num era de falar muito, eu era muito tímido, mas agora, como você pode ver, eu falo demais, tem hora que eu me solto muito, e eu cheguei aqui muito tímido, e graças ao Externato, eu me dou bem, converso, sei, por exemplo, me prontifico bem para falar, e o que eu tenho pra dizer é que o Externato me ajudou muito, em várias coisas, me deu muitos conselhos, na hora que eu precisava, e eu já fiz muita travessia na minha vida, mas agora eu pus minha cabeça em ordem e vejo que eu necessito mesmo é fazer esses três cursos que eu, que pra mim futuramente vai ser muito bom, então é isso, e cê também tava querendo saber sobre aqui, do Externato São João, ele é, abriga vários adolescentes, e a minha situação era situação de risco financeiro, aqui também tem muitos, é, tem adolescentes que passou por situações de droga, graças a Deus num entrei nesse caminho, mas também aqui tem, tem é adolescente que não passou por nenhuma situação financeira, mas que viu esse comentário do Externato São João, que é muito difícil cê achar um local que tem cursos específicos profissional sem pagar nada, né, então muitos adolescentes estão aqui. É, de manhã, como você pode ver nós temos o café da manhã, ele é servido às oito horas, depois, às oito e vinte nós entramos na capela, escutar alguns conselhos, alguns recados, é vamos para as atividades oito e meia, quinze para as nove, saímos às onze horas em ponto, direto pro refeitório almoçar, ali, como nós costumamos, nós fazemos a oração na capela, fazemos a oração no refeitório e almoçamos e vamos embora e depois voltamos na mesma rotina, e, o que eu posso dizer, o Externato, o que que ele mostra pro adolescente, ele tenta colocar pro adolescente esses cursos que nós fazemos, lógico, não é um curso que é totalmente profissional, que você vai sair daqui uma pessoa bala, entendendo tudo de computação, falando espanhol como deveria, mas o que ele quer mostrar, a imagem que você entra aqui, de uma maneira, que pode sair daqui totalmente diferente, se você tiver cabeça, se você pensar, você ter uma consciência de você próprio, você pode ver que você possa evoluir, e isso que o Externato quer te mostrar, que nós perdemos dois adolescentes daqui do Externato (se referindo às duas mortes da semana anterior: uma na chacina do Vida Nova e outra por problema de saúde, no centro) com violência de crime, o que tá acontecendo geralmente muito, e ele mostra que você, lá fora, você tá nas mãos do mundo, ou você vive com consciência ou você morre, sem ter, sem nada. Então, o que nós podemos dizer, o Externato, ele tenta colocar uma coisa na nossa frente, que nós vemos que não é tudo, a nossa adolescência, a juventude, que é só o prazer, que é só a emoção, que

muitos de nós tentamos viver, corresponder só o bom da nossa vida, porque como eu costumo falar, a gente não como só o que a gente gosta, devemos também aceitar certas coisas que, para nós, é totalmente fora de ordem, a gente fala: mas eu não quero fazer, não dá, certo, não quero escutar este conselho, e muitas horas nós saímos do que o Externato realmente quer. É, falar a verdade, o Externato São João é uma orientação profissional mas também é uma orientação humana, ele também, ele trabalha muito em cima da orientação humana nossa, para que nós saíamos daqui uma pessoa bem específica no que nós queremos, no que nós queremos fazer lá fora e aqui, perante, nós trabalhamos em grupo, mas também ele coloca individualmente a nossa vida, e também em grupo, para quando nós saíamos lá fora, não tropeçamos, porque você acostuma em uma coisa só, em trabalhar em grupo, você chega no grupo e ali você se dá bem, mas tem hora que você precisa trabalhar sozinho, aí você não tá acostumado, o Externato São João não, ele já trabalha das duas maneiras, ele trabalha em conjunto, num grupo, para que você possa trabalhar bem, e também trabalha você voluntário, sozinho, você, sem ninguém ao seu lado, para que, para que você saia bem pelas suas maneiras, e ele também não é um, não é um, uma organização que só pega, que só vela o bem da pessoa, que só puxa po lado bom, na hora que tem que corrigir, ele puxa também, porque imagina só, você pulou, é, como você, já tá fazendo a faculdade, eu creio que tem hora que o professor, ele puxa, bem puxado mesmo, e você fala assim, mas aonde eu vou buscar essa matéria, ele fala assim: não interessa, eu quero a matéria aqui e pronto, você tem que trazer aqui pra mim, que eu tenho o que fazer e o que que ele faz de nós? Ele também tem hora que ele puxa, também, um pouco, porque nós sabemos que lá fora, um dia, vai ter essa coisa pra nós, pra que a gente tem que trazer na hora, num, num importa como, vai Ter que trazer, e é muito bom, a gente só não trabalhar só com coisas fáceis, porque o que é fácil a gente sabe fazer muito bem, agora o difícil é que a gente tem que bater o pé e tentar, é enxergar aquilo que nós não vemos, como muitos falam, e a gente faz as coisas bem feitas quando nós estamos vendo aquilo que nós estamos fazendo, agora, quando a gente tem que imaginar e pensar, sei lá, como se você vem pro Externato São João, que adolescente que eu vou encontrar lá, que pessoas eu vou encontrar pra mim fazer entrevista, será que vai dar certo as entrevistas que eu vou estar fazendo para minha faculdade, para o que que eu estou me evoluindo? Eu creio que você teve essa imaginação, aí chegando aqui, mas você veio, no intuito de conseguir as entrevistas, de conseguir aquilo que você queria, e eu creio que aquilo que nós

podemos ajudar você, vamos ajudar e o que que eu retrato sobre o Externato São João é isso, é, orientação profissional, e orientação humana, ele trabalha os dois. Ele não escreve orientação profissional e orientação humana, mas a melhor parte dele é a orientação humana, ele trabalha muito em cima disso. Você pode ver, nós temos curso de computação, como eu já disse, computação, técnicas comerciais, desenho técnico, a Fumec, mas são em todos esses cursos, eles num, sempre, ele dá uma palavra, dá um incentivo pra, pro adolescente, pro jovem, fazer alguma coisa. Aquele educador mesmo, o seu Zaia, ele costuma, toda atividade dele, passar uma mensagem na lousa, no final da atividade dele, ele gosta de discutir aquilo, pra que? Pra que uma mensagem, um, você conversar muito com a pessoa num vai levar quase nada, agora você deixa uma mensagem, aquilo lá entra na tua cabeça. Muitas coisas que você fica uma hora escutando, grava o mínimo, agora, uma mensagem, ali você grava, você coloca várias coisas que você pode tirar. Ele trabalha nesse ponto, o nosso professor Luciano, da Externart, ele já trabalha mais pela psicóloga Sueli, que conversou com você, ela passa um papel, um estudo pra ele e ele passa para nós, sobre a sexualidade, as doenças, as drogas, enfim, as coisas que são prejudicial a nós mesmo, então, nós vemos isso como um incentivo para nossas vidas, o que eu posso dizer, resumindo, é que o Externato São João é uma, é um, uma família, um pai, uma mãe, que procura, não só dar o doce, mas procura também dar o jiló, aquela coisa bem amarga, mas que futuramente vai ser muito bom, procura trabalhar no bom, mas também ele mostra o lado ruim da vida, a violência, as drogas, a prostituição das jovens, ele mostra tudo isso aí pra gente ver, pra gente ter uma consciência, pra saber que não é tudo na maresia, não é tudo o que nós queremos, mas sim o que o mundo quer, então, é isso que eu posso dizer pra você, o Externato São João é orientação profissional, é especificamente uma orientação humana, e ele inclui sobre nós uma coisa: eu, eu não sou católico, eu sou evangélico, mas eu não sou contra a religião católica, e o trabalho dele aqui muito, aqui no Externato São João é a fé, é uma coisa que eu creio, pelo menos, eu sendo evangélico eu creio muito, e é uma boa parte que eles trabalham. Como o específico deles aqui São Dom Bosco, eles pedem mais a oração de Dom Bosco, que foi ele que construiu esse, esse grande coisa agora que tem, falar, esse grande império que são os salesianos que não só o Externato São João, são várias organizações, e falando, é isso que eu tenho pra falar: O Externato é uma coisa de fé, profissional e humana, para os jovens, são essas três coisas que ele procura mostrar, para os adolescentes do Externato São João.

E assim, de tudo o que tem aqui, tem alguma coisa que você possa falar que você gosta mais de fazer, assim, alguma coisa que, quando eu falo assim, Externato São João, cê pensa : olha, de melhor que fica é tal coisa, tem alguma coisa só, ou ...

Tem, específico que eu gosto, que eu gostei, mesmo, foi o computador, a computação, a informática. É que você não só fica preso no computador, mas você vê as coisas que você também nunca imaginaria de ver, em televisão não é tudo que passa, você pode ver, a televisão é uma foto, uma máquina, uma câmera que te mostra quase tudo, mas não te mostra tudo, agora o computador, você pode ver, você tem pesquisa, você pode pesquisar coisas sobre o seu estudo, do teu interesse, da tua vida, e com escola, a escola pede muito estudo, tem hora que você, nos livros, não acha, agora, você indo lá no computador, tem slide, tem isso, tem aquilo, que você veja, ele, você vai caçando, procurando, e veja, que muito tem a ver, e fazer, é o que, quando eu me lembro do Externato São João, o que me vem à cabeça, é a computação. O Espanhol também tá me ajudando muito, mas só o que eu me identifico mais é a computação, informática.

E tem alguma coisa que, se a gente falasse assim: olha, o Externato tá tentando melhorar, é cê teria alguma idéia de alguma coisa que poderia melhorar, que você acha que, ou que tá ruim ou que poderia ficar melhor?

Ah, o que poderia ficar melhor como eles tentam fazer, é uma orientação profissional. O que eu creio assim, se pudesse dar chance para alguns adolescentes, entre aspas, de fazer um estágio, pelo menos, em alguma empresa, algum lugar, assim, daquilo que ele já fez no Externato, por exemplo, fazemos computação, dá o estágio de cinco, seis meses dentro de uma empresa, dentro de uma firma, para ver o que que ele aprender realmente, se ele aprendeu, pra dar uma chance, já que é uma orientação, tá orientando ele para o emprego, é uma boa porta, porque o Externato, até agora, o que eu vejo, ele procura deixar o adolescente tinindo, para que, específico naquilo, mas aí, quando manda lá, tem muitos que pagam decepção, que não prestou atenção, que não levou aquilo a sério, porque é o primeiro emprego, agora se mando um estágio primeiro, antes de ter um emprego formal, emprego que você sempre vai, cotidiano, todo dia, você dá um estágio pra aquele adolescente, para fazer, aí ele pensar, vai raciocinar, deixa ele meio dia, ele estudando no Externato e depois fazendo um serviço de alguma empresa, aí ele vai criar responsabilidade e vai ver aquilo que ele tá fazendo aqui vai ser melhor pra ele ver naquela empresa, agora ele pega, vai direto pro emprego, lá ele não tem responsabilidade, lá ele não pensa no

que ele fez, no que ele tá fazendo, e não vai ter imaginação pra ter um futuro melhor, agora um estágio, como eu vejo muitos professores, muitas pessoas que querem se formar, ele não se forma direto, certo, ele faz um estágio primeiro, ele faz o estágio pra depois se formar naquilo que quer, então, é isso que eu acho, se a pessoa fazer o estágio, o adolescente, o jovem, fazer o estágio primeiro para o emprego que é passado para ele, eu creio que melhora... ia ter uma melhoração melhor do Externato São João.

E, deixa eu ver, na Externart, vocês, conta um pouquinho pra mim do que vocês fazem lá. É computação, mas também tem o jornal que sai por ali, né?

É, a Externart funciona assim: é quando eu entrei, eu entrei agora em junho desse ano, na metade do ano, e o que nós podemos dizer, ele trabalha muito com a criatividade dos alunos, porque o computador, ele tem muitas coisas para que seja aproveitada, o jornal que o Externato faz, mas não é o computador que vai fazer, certo, é a criatividade do aluno, do professor, do educador que vai criar uma coisa boa, uma coisa bela, que todos possam ter um agrado de ler, um agrado de ver que é verdade, que tá acontecendo. O que o professor, o nosso instrutor, ele procura fazer, é assim, ele passa bastante atividade ligada ao jornal, como nós vimos, não fazemos, num fizemos nenhum jornal, mas sei que ele passa bastante, tem o curso de Corel Draw, que é aonde vamos, aonde é feito o jornal, vamos fazer também o curso de Photo Shop, para quando você vai tirar uma foto de uma pessoa, aí ela não está muito bem, cê tem que ter um tratamento, tem que tratar, pra quando colocar no jornal, se não vai tirar uma foto de uma pessoa tudo descabelada, junto com um monte de gente, assim com o olho virado, pra ponhar no jornal. O que ele procura mostrar pra você, primeiro tem que saber trabalhar as coisas mínima, ele passa, por exemplo, front page, o html, como uma página da internet, ali nós construímos páginas com tabela, sem tabela, com borda, sem borda, pinturas, letras, tamanhos, formas, é cores, e a gente vai vendo, ele vê o tanto que o adolescente pode ir, ele pode caminhar, então, o procuramento que você citou sobre o jornal, é no curso de front page, que ali, visualizando na internet, ele vai ver o trabalho que nós estamos fazendo, para que, no dia que ele for, para falar assim ó, agora vocês estão aptos, vocês tão, como eu já disse, tinindo, pra fazer um jornal, aí, o que acontece, ele não vai colocar qualquer um também, tem vários ali dentro, mas não são todos que tem aquele, como posso falar, aquela vontade, aquele dom de fazer certas coisas, então, por isso que ele trabalha muito, ele trabalha muito na parte de corregimento, de buscar deixar o

adolescente bem formado naquilo que tem que fazer, para que possa sair um jornal bom, um jornal, o tamanho que ele for, grande ou pequeno, num interessa, o que interessa é que ele tem que ser bem feito, e pra ele saber, pra ele sair bem feito, é preciso batalhar com os adolescentes, e é isso que a Externart tenta fazer. Batalhar nesta parte do jornal, que foi o que você perguntou, batalhar muito para que possa sair um jornal, para que possa apresentar lá no fim, esse jornal foi feito pelos adolescentes tal, tal tal, que tão fazendo, que fez curso aqui dentro do nosso, da nossa organização do Externato São João, para que possa mostrar para as pessoas lá fora que o Externato São João tem muitas pessoas que visam olhar o Externato como um programa que é, busca adolescentes de rua, busca adolescentes drogado, ei sei, que tem muitos adolescentes aqui que tem, é, esse problema, esse problema enfrenta, mas ele também busca colocar um adolescente no auge, colocar o adolescente que ele vem, como saber fazer as coisas, e isso que a Externart procura fazer, colocar um adolescente com criatividade, sabendo fazer o que tá fazendo, não adianta nada ele fazer uma coisa e depois não saber o que ele fez, ele fez bonito mas num sabe o que tá fazendo, e duas coisas que acompanha: a escola, ele trabalha muito com adolescentes, ele , o professor nos busca muito nisso, não adianta nada, ele falou assim, não adianta nada você saber tudo de Corel Draw, se não sabe uma matemática, geografia, português, não saber fazer alguma coisa de escola, então ele nos dois pontos: a criatividade do jornal no computador, mas também a inteligência, o estudo da escola estadual, municipal, seja qual for, que nós estamos estudando.

Tá legal. Deixa só eu virar a fita que vai terminar... Pronto, agora a gente pode continuar. Então cê me contou, né, um pouco sobre o Externato, agora eu queria que você, é, me contasse de você. Como é que é na sua casa, é, como é que o pessoal na sua casa vê a sua participação aqui no Externato...

Como é que vejo?

Você mora com a sua mãe?

Eu moro com a minha mãe. É , trazendo um pouquinho do meu passado pra mostrar, o que tem muitos adolescentes num pretende fazer, eu vim do Município de Ibitinga, aqui do Estado de São Paulo, cinco horas de viagem aqui de Campinas, eu morava ali com o meu irmão mais velho, era eu, meu irmão, meus três irmão, eu, meu irmão de, agora ele tá com uns 43 anos, e meu outro irmão que mora aqui, que ele não mora comigo, ali nós moramos doze anos, nessa época minha mãe, quando ela tinha dezessete anos ela teve eu e o meu irmão mais velho, dezessete anos, e que

aconteceu? Ela foi tentar te guarda nossa, o juiz, o advogado dela chegou e falou assim: como uma criança pode cuidar de outra criança? O que aconteceu? Daí meu irmão falou pra ela assim: olha Helena (?), faz assim, você procura emprego, uma casa, aí quando você tiver tudo pronto você vem atrás dos seus filhos e pode cuidar deles. Minha mãe não era experiente, não tinha conhecimento na vida, e foi fazer isso, quando ela voltou pra nos buscar, meu irmão falou: não, cê não vai levar, eles vão ficar comigo que eu vou cuidar deles. Aí tudo bem, ela foi embora, passou um ano, dois, seis, deu os meus sete anos, os oito anos do meu irmão, nós começamos a estudar, 91 primeira série, 92 segunda, 93 terceira e foi indo. Em 95 estávamos aqui, mas antes disso, nós tínhamos um grande problema com ele porque ele não é casado, é um homem muito nervoso, ele, ele tem um sistema nervoso muito atacado, e tinha hora que ele nos batia, não era, falar bem, não era batia, ele espancava realmente, nós, chegou uma certa hora que nós, nos cansamos, não tava dando, fugimos uma, aí voltamos. Fugimos duas, voltamos, fugimos uma terceira vez, fomos pra casa da criança lá em Ibitinga, ficamos lá uns dois meses, ele foi lá no juiz, falou um monte pro juiz, o juiz pegou a nossa guarda e entregou pra ele de novo. Aí ele continuou de novo a bater em nós, nós, um dia ele pegou nós, que deixou a minha perna, a minha perna até a minha cabeça, tudo cheio de marca de, de borracha, a do meu irmão também. Nosso corpo ficou tudo marcado, aí, que aconteceu. Nós fugimos de novo, fomos lá pra casa da criança novamente, chegando lá ele foi atrás de novo, para buscar, mas infelizmente pra ele, felizmente pra nós, ele não conseguiu a nossa guarda, nós ficamos ali. Nós falamos assim: a casa da criança, como você sabe, é, os adolescente, jovem fica lá, e uma família, te adotar, adota, cê vai pra uma família qualquer, desconhecida, cê nem sabe como é que é. Aí nós não tínhamos mãe nem pai, nem irmão, que nós vamos fazer? Agora, vamos esperar alguém nos adotar. Chegou uma certa época, aí eu tava tomando banho no chuveiro, chegou uma moça e falou: tua mãe tá aí, eu falei: minha mãe? É, sua mãe tá aí. Aí eu não fiquei muito surpreso, aí eu cheguei lá, meu irmão tava abraçado com ela, aí, num deu aquele impacto, sei lá, foi tantos anos longe, que num deu uma alegria tanta, não sei que aconteceu comigo, fui pra minha escola, voltei, num dá nem bênção pra ela, aí depois, que aconteceu, aí ela ficou três dias, ali naquele fórum, é, brigando, muito pela nossa guarda, ela e nosso irmão João, o João querendo a nossa guarda e ela também, porque ela ficou doze anos afastada de nós, e ali ela tentou, tentou, passou um dia, dois, três, no terceiro dia, aí a juíza, a assistente social pode chamar, puxou eu e o meu irmão, meu

outro irmão mais velho e minha mãe junto, aí o juiz olhou para a cara do meu irmão João, falou assim: ó, Seu João, você viveu doze anos com eles, e eles viveram doze anos fora da mãe deles, e olha bem, eles tão muitos anos fora dela, e eles querem realmente voltar com ela, eles querem ficar com ela, não é? Aí nós falamos, lógico, não queria ficar com ele, nem que começasse uma vida, sei lá como, aí nós preferimos ficar com ela, aí deu certo, tudo, nós, aí, nós morava lá em Ibitinga, aí ela falou assim: vamos embora, quando nós fomos ver, nós tava vindo pra Campinas, chegou aqui, quem morava em fazenda, então ali no centro, eu olhava assim, uns prédio assim, tudo grande, meu Deus, uns carro assim, tudo bonito, aí eu olhei assim, aí eu olhei pro meu irmão e falei, aí eu olhei pra minha mãe: mãe, nós moramos nesse prédio? Num desses aí? Aí ela falou: não, meu filho, calma, calma, já estamos chegando, aí andando, andando, pegamos um ônibus, fomos embora, aí começou a sair dos prédio grande, falei: epa! Que tá acontecendo? Minha mãe não mora num prédio grande? Aí foi indo, aí chegou, entrou num bairro meio assim, meio fora de mão, falei: Aqui, será? Aí quando eu entro na casa do esposo dela, dois cômodos, sendo que eu morava num de cinco, falei, meu Deus do céu, como, ela morava em quatro, ela, o esposo dela e as duas filhas dela, aí, como pode morar quatro pessoas dentro de dois cômodos? Aí ela falou: mas não é aqui que nós moramos não, aqui é meu ex-marido e minhas filhas tavam com ele. Aí ela pegou e nós fomos pra casa dela. Chegou lá, também era dois cômodos também. E começamos a viver ali no bairro Jardim do Lago, era, fomos acostumando, carregando, lá onde nós morávamos não carregava água nas costas, mas chegando aqui, infelizmente, tivemos que carregar água nas costas, colocar em balde, tava vivendo em situação muito também fora de hum, não era muito boa, né? Aí foi passando os dia, passando o tempo, tempo, até que chegamos aqui no Jardim Florence 1, e a tua pergunta, eu saí fora dela, que que ela acha de nós, de mim, é, ela acha ela tem um, ela olha pra mim assim, fala assim: eu num, ela não gosta muito assim de falar, mas só que eu posso ver nos olhos dela, posso falar assim, o tanto que eles sofreram, o tanto que eu sofri, e pra onde ele está agora, e eu sou assim, eu procuro, quando eu tô triste, num procuro abaixar a cabeça, eu gosto muito de sorrir, eu gosto de dar risada, eu gosto de brincar, eu gosto de fazer coisa que me alegra e alegra os outros, e ali, ela deixa eu falar, graças a Deus, que ele num guarda essa mágoa, ainda bem, eu não guardo esse rancor, não tenho que ela deixou eu e meu irmão por causa que ela não queria cuidar de nós, não guardo isso, eu, eu sempre guardei que ela, que ela deixou nós por causa do nosso

irmão, e ela fala assim, eu creio que ela fala que ela dá graças a Deus pelo filho que ela tem, porque muitos, nós sofremos muito, situação de dificuldade juntos, para agora, o que eu estou fazendo, tem hora que ela reclama um pouco, que eu também, agora eu fico mais no Externato, eu fico de Segunda a Sábado, faço curso, telemarketing no Sábado, vou pra casa quase à tarde, chego, dou bênção, vou pra Igreja, volto de manhã, manhã, no Domingo, vou pra Igreja, volto, só quase durmo e janto, mas ela se sente muito alegre, por eu estar num caminho bom, é melhor que se eu estivesse na rua, fazendo coisa que, num agradasse a ela, e eu, pelo meno eu tô dando uma alegria pra ela, porque, eu acho que tô me esforçando naquilo que eu estou fazendo, é uma coisa que, se, a gente só aceita se a gente quiser, não adianta nada você Ter tudo nas tuas mãos, sendo que você diz: não quero isso que tá sendo me passado, e o que ela retrata de mim é que, para que eu possa continuar nessa força e querer mais crescer, eu sou assim, eu nasci pobre, mas eu só gosto, eu gosto de ver as coisas alta, gosto de ver as coisas baixas não, gosto de imaginar coisas assim que é quase impossível para mim de imaginar, mas eu imagino. Eu creio que aquilo que a gente tentar é, para a gente, de melhor, a gente consegue, então ela se sente muito honrada por aquilo que eu faço.

E cê acha que o Externato tá te ajudando, então?

Tá ajudando muito, porque é uma coisa que eu aprendi muito foi, é, a ser educado, que eu também não era muito, era muito agitado, a ser meio calmo, também, a saber conversar com as pessoas, e saber conversar com meu irmão, meu irmão, infelizmente ele não tem essa mesma, esse mesmo raciocínio que o meu, que a minha mãe não abandonou nós por que ela quis, ele tem esse sentimento no coração dele, até que ele mora aqui no Externato, no Abrigo do Externato São João, mas o que eu posso levar do Externato é que ele me ajuda muito, na minha família, e me ajuda muito na minha pessoa própria, no meu individual, no meu sentimento, eu ser tudo por mim mesmo.

E, nós temos terminando, viu...É, do pessoal que tem aqui, dos adolescentes, dos funcionários que tem aqui, o que você pode me contar?

Dos adolescentes, o que eu posso dizer pra você, vamos aos adolescentes primeiro, que os cursos, são passados, certo? Temos os cursos, como eu já disse, todos, é, tem os conselhos na capela, tem o almoço, tem passe escolar, tem, alguns recebem cesta básica, mas a verdade, é que, como eu já disse, é tudo passado isso para eles, mas não adianta nada você dá uma coisa pra uma pessoa e aquela pessoa

não querer. Os educadores que aqui estão, eu não tenho nada de reclamar de nenhum deles, eu vejo eles todos como um profissional muito bem profissional na área em que eles fazem, o seu Zaia, ele é profissional na área de marcenaria, mas em matemática ele é fera, o Arnaldo, o que ele dá agora, técnicas comerciais, higiene própria, postura, ele também é um educador que faz bem essa área, o César, que ele que faz a campanha da União pela Vida, as campanhas que tem, ele que faz, ele também, como eu vou falar, um homem, não, um jovem que trabalha bem no seu assunto, e ele também é muito alegre. O meu professor de informática é um professor que, eu posso dizer dele, de todos eles que estão aqui, são professores capacitados para aquilo que estão fazendo, mas uma coisa que eu acho, é que o adolescente, quando ele tá prestando atenção naquilo que é passado, ele tem alguma coisa de aproveitamento, ele aproveita alguma coisa, agora quando ele não quer nada com a vida, não adianta ele falar assim: mas o professor não explicou direito, ele não explica, ele não sabe passar, errado ele, porque ele que não sabe entender, porque o que é passado, o que é ensinado, é feito, é passado pra ele, mas se ele não presta atenção naquilo que é passado, não tem maneira de ele aprender. Tem muitos adolescentes aqui, falar a verdade pra você, não querem nada com a vida, nada, nada, nada, tão aqui por farra. Então alguns só vêm pra jogar bola, almoçar, pegar passe e ir embora. O curso, não vejo a hora de sair, se você entrar numa sala de aula agora, vai ver alguém assim (*pausa – o entrevistado imita alguém cochilando*), vai vê, ele tá triste, dormindo, mas quando sai aqui pra fora, ichi, abre tudo, vira uma alegria, explode dentro da pessoa, agora tem uns que você entra lá, ele tá assim, tá com o olho vidrado naquilo que tá sendo passado, ele sai pra fora, ele também se explode num prazer de jogar uma bola, de fazer um esporte, mas ele também tem o prazer de aprender aquilo que tá sendo passado e a maioria, a maioria, eu posso dizer, não é muito interessada, certo, tem seis, tem pessoas na externart, na turma três, que são as duas turmas mais evoluída, tem pessoas que também não, que no auge que estamos, não tão muito interessada, já tá no fim, já tá na última etapa de entendimento, de conhecimento daquilo que tá fazendo, que não tem muito, o que eu posso dizer, os educadores, pra mim, eu não tenho nada de reclamar, mas o que eu reclamo, é de nós próprios, dos adolescentes próprios, que estão fazendo o curso e não tem responsabilidade, a verdade é essa, não tem responsabilidade naquilo que faz, não tem vontade, não tem é, humor, não tem alegria de fazer o que é passado, é o que tá faltando nos adolescentes, mas, para que não fica só do lado mau, tem os

adolescentes que se esforçam, que eu já posso dizer pra você, tem um adolescente que trabalhou aqui, não, ele estudou aqui, fez o curso, ele tá trabalhando agora lá numa loja lá no Carrefour, tem um outro que tá trabalhando no McDonald's , tem três moça daqui que tá trabalhando no Liceu, que é um lugar bem conhecido, o McDonald's, também, tem gente trabalhando na Bosh, gente trabalhando na Emdec, que que pode ver, é que essas pessoas evoluíram, apren..., é não foi de um curso feito em uma People, não foi um curso feito numa Fisk, espanhol e inglês, foi num curso feito aqui no Externato São João, que é uma organização humilde, pequena, que não tem muitos meios lucrativos para ela, mas só que você pode ver que agora, se você for perguntar pra eles, fazer uma entrevista com eles, o que que eles acham do Externato, é que eles vão te dizer: o Externato colocou uma postura pra eles, para eles, é, que eles jamais ia pensar em ter, temos adolescentes aí que não queria nada com a vida, mas de tanto os educadores batalhar, que agora tão no auge, muito melhor, muito bom, e tão com a vida assim já, uma vida legal , e levando uma vida totalmente boa, e que que eu acho, é que aqueles que não aproveitam, infelizmente, ele vai acabar na sua própria consciência, ele vai acabar sendo mandado pelos outros, quando ele teve trabalhando num emprego, ele não vai tá fazendo o que, aquela função como ele sabe fazer, vai tá sendo mandado, agora aquele que sabe fazer não precisa de ninguém ficar mandando toda hora nele, ele já sabe fazer aquilo, então isso que o Externato procura fazer, mostrar para os adolescentes que aquele que não procura nada, eles vão ser mandados, um dia, nalgum trabalho que eles vão fazer, mas aqueles que procura entender, o dia que eles for fazer uma função , dentro de uma empresa, dentro de uma firma, seja qual for o seu emprego, ele vai, não vai precisar se mandado, ele vai tá fazendo a sua função, certo?

Pra gente encerrar, então, que que cê me fala, o que que cê espera pro seu futuro?

Ah, o que eu espero pro meu futuro é que, eu tenho chorado muito, tenho reclamado muito, murmurado muito, chorado entre aspas, num cai lágrima, mas sobre ainda, como eu tinha falado, sobre a série: é com dezesseis anos, você, agora com, no mercado de trabalho, cê tem, até um lixeiro tem que ter um segundo grau, tem que ter um colegial feito, e eu ainda tô na Sexta série, perdi quatro anos, enfim, tô totalmente abalado com isso, porque se eu tivesse aproveitado, se eu pudesse ter voltado atrás, tomado o dinheiro e ido buscar minha transferência, ano passado eu tinha feito isso, mas eu espero do meu futuro que eu consiga terminar meus estudos,

não posso também me desanimar, por eu tar na Sexta série com dezesseis anos, mas que eu possa erguer a cabeça, assim, e ver que tem muita coisa pra que eu possa fazer, ainda, que a escola vai ser uma grande coisa pra mim no meu, no curso que eu estou fazendo, e o meu futuro eu vejo assim, que eu posso me evoluir mais nos estudos, e posso evoluir mais no meu, no curso que eu tô procurando fazer, eu quero me formar na área de informática, pelo menos, agora, não sei se na faculdade, porque na faculdade se compra um livro, nela, tem mais de duas mil profissões pra você escolher, mas até agora, o que eu posso dizer, aquilo que eu gosto de fazer, você, eu tenho um ditado, você só faz uma coisa bem, quando você gosta, você ama aquilo que cê tá fazendo, aquilo sabe, totalmente bem, ótimo, então, o meu futuro eu penso de trabalhar muito na área de informática, e terminar meus estudos e não abandonar minha religião, que vai, é minha fé, que me guarda, que me dá também esse prazer de viver.

Tá jóia! Tem mais alguma coisa que cê quer me contar?

Pode, quer ver, por exemplo, um, finalizando, é, sobre Sexta-feira: nós, a turma da tarde, ela, de Sexta -feira tem física, aqui nessa quadra, e a turma, na Externart, não tem. Fica dentro da sala de aula, fazendo espanhol. O que que você veja, que, o tanto que a externart batalha em cima dos adolescentes, não deixar eles folgado nenhum dia para outra área se não for o espanhol, se não for computação e telemarketing, que procura fazer, a turma 1, 2 e 3, eles fazem, é, física, porque eles tem, são uma área que não são muito forçado. A externart procura deixar o aluno, o adolescente, aquela pessoa específica naquilo que ele tá fazendo. Nós deixamos, física é uma coisa muito boa, é gostosa de fazer, cê sua, cê brinca, cê se diverte, é muito bom, é como eu disse no começo, tem hora que você tem que deixar as coisas boas, as coisas que você gosta de fazer, e fazer aquilo que você não gosta. Tem hora que você tá dentro da sala de aula, não é todos os adolescentes, não é todo jovem, adolescente, professor que tá dentro de uma sala de aula e todo dia tá com aquilo morto e fazer aquele certa, aquela certa função. O fazer aquele curso, aquele estudo, é, não é todo dia que você tá alegre, mas é isso que eu tenho pra dizer, que nós deixamos de fazer uma coisa boa pra fazer, num tô dizendo que a externart é uma coisa ruim, mas uma coisa forçada, cê, entre aspas, é forçado, para que nós deixamos o prazer, a diversão, e fazer mais o trabalho, o esforço para aquilo que um dia vai nos deixar melhor, o que eu posso finalizar é isso, o esforço que nós temos da semana, desde Segunda a Sábado, que procurar exercer uma coisa melhor daqui para a frente.

Tá legal, então eu queria agradecer a sua entrevista, né, e falar pra você que eu trago depois por escrito, quando eu terminar de transcrever, pra você ver.

Tudo bem.

Tá bom? Ai, se eu precisar de mais alguma coisa, posso voltar pra falar com você?

Pode.

Tá jóia, muito obrigada.

Obrigado você.

ENTREVISTA REALIZADA DIA 13/10/1999

ENTREVISTADO : adolescente F – ABRIGO

Eu vou conversar com o (nome), que é do Externato São João do centro, do abrigo, né?

É, eu moro na casa Dom Bosco.

Então, eu queria que cê contasse um pouquinho pra mim de como cê veio pra cá...

Ah, eu vim pra cá quando eu tinha treze anos de idade, eu fui ex-moleque de rua, fui viciado em drogas, acabei vindo pra cá e hoje eu faço capoeira, faço parte de alguns grupos aqui do Externato São João, que é salesiano hoje, e trabalho, entre aspa, e hoje dedico a minha vida a toda a comunidade, porque eu aprendi que o homem tem o dia hoje pra levantar os outros, muitos aprendem e fala 'não é pra mim', o que eu aprendi, eu ensino, e ainda quero aprender muito, sei lá, eu sou uma pessoa, muitos fala que eu sou mau, não sou uma pessoa má, é que muitos não me entendem, sabe, mas é assim mesmo, a gente é o dia-a-dia cotidiano da gente e hoje eu agradeço por estar aqui, o importante é que muitos deles são meus colegas, meus amigos, tenho um lar, eu rezo, estudo, não uso drogas, não bebo mais, e enfim, a minha relação mudou daqui, mudou. Sabe, hoje eu sou um novo (nome).

Faz três anos que cê tá aqui?

Exatamente.

E cê já fez outras coisas aqui, cê passou pelas atividades das turmas, também?

Tudo que cê imaginar, tudo, é atividades que tem aqui que você imaginar, eu já passei.

Já passou...

Todas...

E de tudo que cê fez, e faz agora, tem alguma coisa que cê possa falar pra mim que você gosta mais?

De tudo o que eu fiz e faço, até agora, o que eu gosto mais, mesmo, eu amo esse teatro. O que eu mais amo é o teatro.

O teatro...

O teatro.

E como é que é, as atividades aqui pro teatro. Tem um grupo que trabalha com vocês?

Não, o teatro, a gente mesmo somo o grupo, tá. Como você mesma viu, creio que você já viu mais ou menos uns três, quatro, adolescentes, no modo de dizer, que são funcionários, né, que era aluno da casa e hoje se tornou funcionário, e um deles sou eu, né, e é assim, a gente mesmo vai evoluindo, vai mostrando como que é, entende? A gente faz o Externato ser aquela coisa boa, e gente mesmo tem que mostrar o que a gente vive; se a gente não mostrar o que a gente vive, a (inaudível) , a gente que é negro, compreende? Se não mostrar que a gente, a gente sempre vai ficar por baixo, na poeira, tá.

E se pode, se a gente pensar assim no Externato, cê acha que o Externato tá te ajudando?

Creio que sim, não tenho nada, eu seria até um covarde se sair daqui e falar algo do Externato, pelo contrário, ele me ajudou muito. Não tenho nada pra falar de ninguém daqui, tá.

E já faz um certo tempo que cê tá aqui, né, (nome), já conhece bastante gente...

Exatamente.

E assim, teria alguma sugestão pra dar pro Externato, pra ficar melhor, você que tá aqui nesse dia-a-dia faz um certo tempo?

É, meu modo de vista é que melhoraria esse Externato, tá, é o, como eu posso dizer, é o modo deles ser. Tem muito poucos adolescentes, não é igual antigamente, 94, 95, até 96, posso dizer até em 97, ele tinha o que, quatrocentos aluno, hoje temos na base de cento e cinqüenta. Caiu muito, o Externato já não é mais igual ontem, todo mundo fala, ô, Externato São João? O Externato São João era conhecido por todo mundo. Não quero dizer que ele foi esquecido, não foi. Mas a gente sente falta, né? Tinha uma amizade, uma coisa, sei lá. E mudou bastante.

Então cê acha que aumentar de novo o número ?

Não, não digo aumentar de novo, eu digo assim, no ponto, o Externato devia ser como era antes, naquela fase, que hoje é um monte de gente querendo atropelar o outro, não é bem por aí. A única, povo de comunidade é a turma da capoeira, a dança que eu faço parte, eu num tô falando porque eu faço parte, mas, não é porque eu faço parte do trajeto, mas é a única coisa que nós temos de união, e a Casa Dom Bosco, entende? Não vou dizer, que muitos dias a gente não acorda naquela febre, como eles

dizem, pô, dá vontade de sair atropelando todo mundo, atropelar assim (*gesticula entre aspas*), dá vontade de brigar, mas não é bem por aí, a gente não brigamos, um entende o outro, porque todo mundo veio da sarjeta, entende, do buraco, então não é amigo, tipo um quer bater no menor, que é o Alexandre, o apelido dele é pivete, nós vamos de contra, porque não é bem por aí, ali, nós, pode ver, tem brancos, negros, são todos misturados, e é uma família, é um irmão que, quer queira ou não, entrou na Casa Dom Bosco, se torna uma família, entende?

Então, se acha que o clima entre os adolescentes podia melhorar ainda mais...

Exatamente, termos , onde estamos vivendo uma maré de mortes (referindo-se ao adolescente morto na chacina do Bairro Vida Nova e ao adolescente que faleceu no externato, por problema de saúde) né, porque devia sossegar, pô, vamos viver a vida, né, tamos aí pa viver, muita gente morrendo, várias idades, muito... Eu creio que não é bem por aí, a gente tem que ter mais consciência, e parar com isso.

E cê tá estudando, (nome)?

Estudo.

Qual que é a sua idade?

Eu tenho dezessete anos.

Dezessete. Você tá fazendo qual série agora?

Eu faço oitava série.

Oitava série. E que que cê pensa pro futuro, o que que cê... Você disse que gosta bastante do teatro, o que você espera pro teu futuro?

Na verdade eu ainda não pensei no futuro, o futuro, na minha verdade eu nem sei se vai haver o futuro, do jeito que anda, essa onda aí fora, eu não sei, não tem nem como pensar no futuro, você tem que pensar no já, no agora, né, cê tem que pensar, se você, tudo que cê tem que fazer de bom, você faz nesse momento, que o amanhã não te pertence. Só tenho isso a declarar.

Tá jóia, obrigado pela entrevista, então, depois se você quiser ver, eu trago pra você, transcrito. Eu vou usar, vou transcrever a fita, eu trago pra você ver. Tá legal?

Tudo bem .

Obrigada, (nome).

Obrigada você.

ENTREVISTA REALIZADA DIA 22/10/1999
ENTREVISTADO : adolescente G – CAPOEIRA

Hoje é dia 22/10, eu vou conversar com o (nome), que é da capoeira e da dança aqui no Externato. Eu queria que você começasse contando pra mim o que faz o pessoal da capoeira aqui no Externato, que o grupo da capoeira eu não consegui acompanhar muito, tem uma dinâmica um pouco diferente, que você contasse um pouquinho pra mim.

Bom, o objetivo da capoeira , ele é o seguinte, não é, várias pessoas pensam que, tem vários cursos aqui, né, vários cursos, tem computação, tinha datilografia, tinha marcenaria, tinha técnicas comerciais, tinha a computação também, aí surgiu a capoeira, né, quando eu cheguei aqui, o professor já me disse, falou: cê vai treinar capoeira, eu não queria, eu não queria, aí ele foi insistindo, insistindo, ele falou: treina capoeira, é bom, é bom, aí eu comecei treinar, aí passaram dois anos, aí surgiu a dança no Externato, começou surgir a dança, aí todo mundo da capoeira queria fazer dança, né, porque era uma coisa nova, cultura brasileira, todo mundo quis fazer dança, né, aí passou a ter dois cursos no Externato, então a galera olhava meio assim, meio com outros olhos, ficava olhando, não, dança, capoeira, não, porque tinha mais quantidade de negros no grupo, tinha mais quantidade de negros. E não era assim, meio discriminação, mas o pessoal ficava meio com receio, assim, ficava com receio de chegar no grupo, lá na capoeira, aí a gente foi começando a transformar isso, começando a transformar, fazer com que o pessoal entendesse que a gente não era, tipo assim, não era só pra nós, aquilo que a gente tava fazendo, não era só pra nós, era pro pessoal do Externato, pra outros lugares, a gente faz, treina capoeira , treina dança, estuda, não é pra ficar pra nós, é pra ir passando, passar um conhecimento. Aí a gente foi fazendo o pessoal entender, foram entendendo, tem uns que não entendem até hoje, mas tamo aí, batalhando pra mudar de vida, melhorar a vida de todo mundo, entende, é isso mais ou menos, né , que é a capoeira, curso da dança aqui dentro.

Vocês costumam se encontrar sempre, é, todas as tardes, como que é?

Todas as segundas, quartas e sextas. Da uma e meia às seis, a gente fica aqui.

E aí, normalmente são treinos de capoeira?

Da uma e meia às três e meia, é o treino da capoeira, depois, das três e meia às seis é a aula de dança, ensaio.

E a capoeira e dança, elas tão ligadas ao que eles chamam do Projeto Ilê?

Projeto Ilê-Axé. Esse projeto Ilê-Axé e o Projeto de Consciência Negra, também, né.

E além do treino cês têm algum outro tipo de atividade, tem algum momento que vocês sentam pra conversar?

Tem bastante, é, bastante diálogo, bastante reuniões, a gente faz direto, reunião, quando tá acontecendo alguma coisa assim de errado, pára, senta, conversa, entendeu? Pra entrar no esquema da casa, pra não contrariar ninguém da casa...

E nessas reuniões, quem que orienta vocês?

Quem orienta nós é a professora Lara, e o Juca, marido dela, né, o padre, de vez em quando vai lá dar umas orientações, o Eliseu vai lá também.

E tem bastante gente nesse grupo da dança e da capoeira?

A capoeira deve ter uns quarenta, quarenta a cinqüenta pessoas, na capoeira. Na dança, oficial, mesmo, são só doze pessoas, oficial, mas tem o grupo reserva, entendeu, não é reserva, que nós fala, nós falamos aqui é terceiro, quarto, que vem vindo atrás da gente, os oficiais que já estão desde o começo.

Vocês costumam fazer apresentações fora daqui também?

Responde com a cabeça – sim.

E quando tem essas apresentações, no caso da dança, vão todos ou depende, vocês combinam?

Olha, quando começou né, começou com quarenta, quarenta adolescentes, aí foi reduzindo, chegou a trinta, aí quando tinha apresentação, viajava os trinta, aí o Externato foi vendo que dava muito gasto, aí foi reduzindo, foi reduzindo, agora só tem doze, agora quando tem, viaja os doze, tem apresentação, viaja os doze.

E você? Conta um pouquinho pra mim de como você chegou aqui no Externato, da sua história, um pouquinho...Faz tempo que você tá aqui no Externato?

Ah, vai fazer cinco anos.

Faz uns cinco anos? E você participou de outras turmas antes de entrar na capoeira, então, ou foi direto?

Minha mãe queria que eu entrasse aqui, né, aí ela falou: cê vai entrar no Externato, mas eu quero que você faça computação lá, né, quando ela, mandou eu aprender computação. Eu vim no intuito de aprender computação mesmo, né, aí quando eu cheguei aqui, foi o que eu falei pra você, o rapaz me chamou pra treinar capoeira, aí eu fiquei meio assim, pensando, aí eu queria era fazer computação, aí fui

começando a fazer capoeira, fui começando gostar, aí peguei amor pela coisa e tô até hoje.

E da computação cê chegou a fazer ou não?

Ah, eu fiz uns três meses, não agüentei mais, olha, eu acho que eu não tenho saco pra essas coisas...não tenho...

(risos)

Quem sabe um dia eu tenho vontade de aprender, mas eu, no momento não.

Capoeira é o mais forte, mesmo...

É.

Assim, do convívio que vocês tem aqui no Externato, o que que você pode me dizer, que você acha que tem de melhor aqui dentro? Tem alguma coisa que você possa falar, quando eu falo pra você Externato São João, alguma coisa te vem à cabeça, assim, que fica como o mais marcante, da melhor coisa que tem aqui?

A humildade. A humildade e a união de algumas pessoas. Não são todas, mas algumas, algumas representam humildade.

E alguma coisa que a gente pudesse sugerir pra tar mudando, ou tar melhorando, você teria alguma idéia pra dar? Pro pessoal da direção aqui do Externato?

Externato... pra mudar... (pausa) Bom, o Externato caminha, né? Ele caminha passo a passo, só que falta muito, né, nunca a gente pode falar que chegou no fim da estrada, falta muito. Então, pra melhorar o Externato, na minha opinião, eu acho que tinha que, todo mundo tinha que ter o que fazer. Não ficar a toa, não ficar a toa, sempre ter alguma coisa pra fazer... Aí o Externato mudaria muito mais.

E na sua vida, assim, particular, você acha que ter vindo pro Externato fez diferença pra você?

Fez.

De tudo que você fazia antes de você tá vindo pra Externato e de agora, você vê muita diferença?

Ah, mudou muito minha vida, viu. Mudou. Eu não tenho vergonha de falar, eu sou pobre, nasci na periferia, sei lá, até que um dia apareceu o Externato na minha vida, se eu continuasse na rua, eu não sei o que era pra eu tá fazendo, se era pra eu tá preso, ou morto, Deus me perdoe, o Externato mudou muito, porque em vez de eu tá na rua eu tava aqui, tava aqui aprendendo coisas boas, cada dia mais.

E além de tar vindo pro Externato, cê tá estudando também, ou não?

Teve uma época que eu desisti, né, mas agora eu voltei pros estudos, quero terminar até o fim, quero ir até o fim.

Cê tá com qual idade agora?

Eu tô com dezessete anos.

Dezessete, e você tá em qual série?

Tô no supletivo, tô fazendo a Quinta e a Sexta .

Cê faz aqui, o supletivo?

Não. Ali embaixo, no Alan Kardec.

E assim, na sua casa, como que o pessoal sente a sua participação aqui no Externato?

Ah, antes o pessoal , minha mãe, meus irmãos, falavam que, ah, sai desse Externato, vai procurar um serviço, eles falavam: vai procurar um serviço que cê ganha mais, não sei o que, ficavam falando. No começo eles puxavam o tapete, assim, agora eles dão a maior força, agora eles dão a maior força. Apóia bastante.

E a Elaine comentou que cê já tá com uma turma de capoeira, então?

Isso, eu desenvolvo um trabalho com capoeira no Parque Oziel, com quarenta e poucos adolescentes, quarenta e cinco, quarenta e seis adolescentes de treze a dezessete anos. Esse trabalho vai fazer seis meses, completou seis meses agora. Espero que complete seis anos, doze anos...

E é do próprio Externato, lá?

Na unidade três do Externato.

A procura é grande, né, pela capoeira?

A procura é grande. Ontem mesmo eu acertei um trabalho ali perto do Guarani, também vou começar a desenvolver um trabalho lá também, e assim tem que tocar a bola pra frente.

Que bom! Tem mais alguma coisa que cê possa me contar? Do Externato, alguma coisa que cê queira falar?

Várias pessoas vão ouvir isso, não vão?

É, ouvir, nem tanto, eu acredito que mais ler, essas entrevistas, elas vão fazer parte do meu trabalho, que vai, inclusive, voltar aqui pro Externato. Eu pretendo trazer aqui, com as idéias que todo mundo deu. Por que? Você queria deixar um recado pras outras pessoas?

Eu queria deixar um recado pras outras pessoas, pra todo ser humano que ler esse papel, eu queria falar o seguinte: que na vida, na vida, as pessoas oferecem

oportunidades, o ser humano, ele tem que saber agarrar, saber encarar, saber encarar aquilo da maneira que vim, da forma que vim, seja da forma boa, como da forma ruim, só isso que eu queria falar.

Tá certo, então, tá dado o seu recado, então, (nome). Eu queria agradecer você e me comprometo a depois tar mostrando pra você o resultado do trabalho, tá bom?

Tudo bem.

Obrigada.

De nada.

Então, hoje é dia 22/10, eu vou conversar com a (nome). (nome), eu queria que a senhora primeiro contasse pra mim qual que é a função da senhora aqui dentro, um pouco daquilo que a senhora faz no Externato.

Olha, eu... posso falar desde o começo?

Pode!

Eu comecei a entrar aqui quando tinha cinco crianças, só. Aí foi aumentando, né, aí, eu andava pra cá, andava pra lá, na sessão de costura, aí fui me entrosando com um e com outro, aí começou a aumentar, de cinco foram pra dez, de dez foi pra vinte, aí foi aumentando, aumentando, que ficou nesse número que é hoje, né, quinhentas, seiscentas crinaças. Aí eu comecei a me apegar, e eles , e eu faço assim, ajudo bastante na cozinha, né, mas quando eles precisam de mim eu vou na farmácia, buscar remédio pra eles, levo eles no médico quando precisa, né, e eu gosto de tar sempre assim, em cada lugar, um pouquinho pra eu aprender, de tudo que tem aqui no Externato, né, porque a gente aprende muito com eles, com as crianças. Eu me afeiçoei muito a eles, e gosto de servir na hora do almoço, eles, pra Ter contato com eles, né, e eu gosto demais daqui, me apeguei muito aqui no Externato.

E a senhora é voluntária aqui?

Sou voluntária.

Desde quando?

Faz cinco anos, desde quando começou.

Ah, a senhora acompanhou todo...

Tô acompanhando todo o trajeto das crianças, né.

E como que a senhora pode falar, assim, dos adolescentes? O que a senhora acha, se alguém viesse perguntar: como é que são os adolescentes do Externato, o que a senhora falaria?

Olha, eu diria pra você que aqui, no começo, foi difícil, como é que cê chama?

Daniela.

Daniela. No começo, Daniela, foi difícil, porque eu, até, muitas vezes eu vi, no começo, eu fiquei, ficava espantada porque eles brigavam no refeitório, tinha

vezes que eu até abaixava assim porque vinha uma cadeira daqui, uma cadeira de lá, eu falava: eu não vou voltar mais lá, eu não agüento ver essas coisas, mas depois, sabe Daniela, no dia seguinte, Dom Bosco me chamava, e aí eu me apeguei naquela frase dele, que nós viemos ao mundo para um ajudar aos outros, então me apeguei nessa frase de Dom Bosco, comecei também a ler a vida dele, né, o filme que a gente assistiu, e eu acho que eles mudaram, tão mudando bastante, inclusive eu conversei com eles na hora do almoço, e eles ouvem tudo direitinho, tem alguns que vem perguntar muita coisa pra gente, né, tem muitos que choram por causa da mãe e do pai, então, eu atendo eles aqui (batendo no ombro), com o maior amor e carinho, e eles, então, eu acho que eles estão melhorando bem mesmo, eu acho que eles, não teria nem nada que se queixar daqui do Externato, porque, eles tão indo muito bem.

E nas conversas, assim, que a senhora tem com eles, a senhora percebe que eles também sentem isso?

Sentem sim, sentem sim, e tem muitos que se regeneraram mesmo, e tem muitos até que eles me chamam de vozinha, né, então eles falam: aí, vozinha, eu nem acredito que eu, que eu tô aqui no meio, e eu não vou mesmo mais sair pra rua, ficar pedindo as coisas no farol, porque não vale a pena, então eu procuro sempre falar com eles, olha, põe uma coisa na cabeça: você tá vendo tudo direitinho, presta atenção, eu falo pra eles, vocês fazendo tudo direitinho, é difícil, presta atenção no que eu tô falando, não é difícil? E vocês fazendo tudo errado, como que fica? Aí eles tomam consciência, sabe Daniela, aí eles falam: é mesmo, não vozinha? Fazendo tudo errado fica mais difícil ainda, né? Então é assim, sempre que a gente pode passar alguma coisa de bom pra eles, a gente vai passando, sabe, Daniela?

E da equipe do Externato, a senhora desde o começo...

Nossa, a equipe é boa, a equipe sempre tem reuniões, a gente procura sempre um ajudar o outro, e a equipe é muito boa, viu Daniela, é boa mesmo.

E pros voluntários, às vezes eles fazem algum tipo de reunião também, pra preparar?

Fazem, fazem Daniela. Nós fizemos cada quinze dias tem uma missa, primeiro, depois tem a reunião dos voluntários, então cada um tem uma idéia, sempre surge um ou outro com uma idéia diferente, ontem mesmo apareceu um psicólogo pra conversar com as crianças e isso foi muito bom, é a primeira vez que ele veio ontem, né, e tem um aí que dá aula de internet lá no Vida Nova, cê sabe que nós temos o Vida Nova também, né? E nós temos o parque Oziel, né, mas pelo que

eu tô acompanhando, vai indo muito bem, é difícil, mas vai indo muito bem, eu vejo, olha, Daniela, eu vejo crianças bem recuperadas aqui, falta um pouquinho só mais de ... Não sei se é orientação, porque tem muitos aí que tá no crack, né, e eles vem falar pra mim: ai, vizinha, eu tô no crack, como é que eu faço? Então eu falo pra eles, dou uma orientação, vocês não aceitem, porque que vocês tem que aceitar dos mais velhos? Não aceite nem pra experimentar, né, eu devagarinho conversando com eles, né. Porque vocês vê, vocês vão ficando, faço assim pra eles (gesticulando para baixo), cês vão ficando aqui e os poderosos vão ficando lá no alto, né, e eles parecem que entendem, sabe, Daniela.

É uma relação boa essa, né, porque é fora da sala de aula, mas é um convívio, que eles têm, né, então tem muita confiança, né?

É, é. Muitos me chamam: eu quero falar com a senhora. Daí eu venho, sempre tem um ou outro, né, querem falar alguma coisa...

Das histórias, assim, que eles contam da vida deles, em casa, é muito difícil?

Ah, tem muitos que é sim, Daniela. Tem muitos que tem a mãe, assim, que é, drogada, né, tem muitas que bebem, tem bastante, também, e tem muitas que, por exemplo, tinha um menino aí que ele vinha sempre chorar comigo, que ele disse que gostava de ficar aqui porque a mãe tocava ele de casa porque queria receber, né, pode falar?

Pode.

Querida receber outros namorados, né, então é uma coisa chocante pra eles também, né, as mães fazerem isso.

A situação de casa nem sempre ajuda, né?

Não, não... Não ajuda não. E eu acho que eles se sentem bem aqui, viu.

A gente percebe que é um lugar pra eles, eu acho que é um apoio, mesmo.

É um apoio, é. E eu agora, é difícil ver, mesmo quando tô passando e eles tão jogando bola, aí que eles vê que eu tô passando, eles falam: olha a vizinha, eles não falam nome feio, mais, sabe. Era quase, antes, era briga, sabe Daniela? Um brigava daqui, outro brigava dela, agora não, eu não tenho visto mesmo mais, não. Graças a Deus. Eu acho, na minha concepção, que eles estão bem melhor.

E assim, de tudo que o Externato faz, o que que a senhora acha que é o mais importante, que fica pra eles, se a gente pensa na função que o Externato tem, qual que a senhora acha que é a mais importante?

Pra eles, o mais importante... Eu acho que, o que eles tem muita vontade de aprender, é importante pra eles, é que nem agora o modernismo, é a computação, né? E é pena que tem pouco aqui, porque todos eles se interessam pela computação. Tem, nós temos aí um moço que é analista, mas, é difícil, viu, todos eles gostam, todos eles, até se a sala fosse maior, ou o Externato ganhasse mais computação, aí eu acho que sairia bons elementos daqui, viu, analistas.

E se a gente fosse pensar em alguma coisa pra fazer o trabalho do Externato melhorar, crescer mais, a senhora teria alguma sugestão pra dar?

Então, eu queria, sabe Daniela, que nem eu já falei com o padre Lelo, mas aqui não tem lugar ainda, né, o padre Lelo falou que tá esperando a reforma, porque às vezes eu fico assistindo televisão até tarde, eu vejo entidades que têm, por exemplo, uma panificadora, e seria interessante, eu tava conversando com os meninos, que eles vão lá na cozinha agora pra, sempre vai dois depois do almoço pra ajudar a lavar as panelona, né, então eles ficam bonitinhos, eu tiro sarro deles, põe o bonezinho, e outro dia até que eu dei a idéia pra eles e eles falaram pra mim: porque que a senhora não fala com o padre Lelo? Eu falei: eu já falei com o padre Lelo, mas no momento, não está tendo lugar. Uma panificadora pra eles aprenderem a fazer pão, doces, pra eles saírem uns confeitores daqui, né. Outra coisa, eles tem muitos que gostam de marceneiro e eletricista também, eles queriam um curso de eletricista, mas só que no momento não tá tendo lugar, não tá tendo espaço, precisaria ter espaço, tá faltando espaço.

E tem alguma coisa que a senhora acha que não tá bom, que poderia melhorar um pouco mais?

É, eu acho que nesse aspecto aí, né, e se tivesse algum voluntário, pessoas com mais interesse, porque eu tenho pedido, sabe Daniela, eu quando vou pra rua, e eu conheço diversas pessoas que jogam bola, eu acho que a bola também seria interessante, se aparecesse, eu já pedi pra diversos, mas infelizmente até agora não apareceu nenhum, por exemplo, um técnico de futebol, porque eles gostam de jogar bola, então naquela jogada deles, eles dão pelada, eles xingam, aí um dá pontapé mais forte, eles brígam, se rolam até, aí precisa vim outro apartar, mas por quê? Porque não tem, não precisa ser um juiz de futebol, uma pessoa que entende, com o apito, seria outra coisa, aí eles atenderiam melhor, no jogar futebol com aquela educação, aquela disciplina dentro do campo. E aí muitos deles, eu tenho certeza, que atrás do futebol, do basquete, que eles gostam também, eles largariam do crack,

porque eles sabem que precisa de abacaxi, né, pra poder jogar bola, né, mas precisava Ter uma pessoa que fizesse um campeonato, eu já tenho pedido pra diversos, mas até agora não apareceu nenhum, é esse que é um ponto que eu gostaria que acontecesse aqui, viu Daniela, uma pessoa que cuidasse deles, fizesse um time de futebol, de basquete, nataçãõ também, porque não custa nada pedir, no Guarani, na Ponte, tem, eu já fui, Daniela, mas não consegui, falar a verdade pro cê, viu. E também uma pessoa que ensinasse eles a cantar, porque eles também gostam de cantar. Gostam. Precisaria formar aquele coral, aí tiraria, porque eles sabem que cantando, eles também largariam do crack, do vício. É uma pena, eu tenho lutado pra isso, sabe Daniela, mas eu não achei ainda uma pessoa ou alguém que, eu vou lá, eu ajudo, eu faço, né, e esse era o meu sonho, Daniela.

Ah, mas devagarzinho, né, quem sabe?

Se Deus quiser, eu peço pro Espírito Santo que ilumine aquela pessoa pra trazer aqui dentro pra fazer tudo isso, porque eu tenho a certeza, Daniela, a partir do momento que eles começarem a fazer isso, eles largariam, aí vem a educação, vem tudo atrás, né.

Fazendo alguma coisa que goste, né?

Que gosta, é, porque, todas nós gostamos de alguma coisa, né, uma gosta de jogar bola, outra gosta de... cada uma gosta, né, então, por exemplo, no caso, descobrindo o que tem naquela criança, que nem tem um menino aí que gosta de desenho, né, outro dia eu tava conversando com ele, e ele falou que ele gostaria, ele tem uma mão boa, qualquer coisa que ele vê, assim, Daniela, ele faz a mão livre, sabe? Então eu falei pra ele não perder oportunidade, que a gente vai conversar com o padre Lelo, o padre Lelo vai arrumar um professor, então aí nesse ponto que precisava pegar, não deixar escapar, cê gosta, então cê vai fazer aquilo, aí ele vai pra frente. Quer dizer que precisaria. Eu não sei que precisaria, voluntário tem bastante, mas eu não sei como e de que jeito, que forma poderia chegar isso nas nossas mãos. Quem sabe você pode dar uma força lá na Unicamp, né, que apareça alguém lá.

Pode ser, né? No que a gente puder colaborar...

Então, porque o menino, puxa vida, ele tem uma mão, que é uma beleza, num instantinho, né, porque, tem que aproveitar essa criança, né, fazer o que ele gosta, e dá certo: fazendo o que gosta, dá certo.

Aproveitar as habilidades de cada um, né.

É.

Tá jóia. E tem mais alguma coisa que a senhora quer contar?

Ah, teria muita coisa, mas agora, no momento, que mais vou contar ?

PAUSA - TROCA DE FITA

Eu espero que você vá pra frente, viu, como estagiária, que a gente tá aqui...

Muito obrigada, eu espero também contribuir, meu trabalho ainda é bem pequenininho, tá engatinhando, ainda, mas eu acho que muito vem das pessoas que vivem aqui dentro, né, eu acho que essa é a idéia principal do trabalho, talvez pegando o que cada um, cada um sempre tem uma sugestão, sempre tem alguma coisa pra contribuir, e talvez assim, juntando tudo, tendo um momento pra pensar um pouco mais sempre...

E é isso que a gente quer fazer entre os voluntários, né, por isso que tem, a cada quinze dias tem essa reunião, pra gente se unir mais, né, pra ver o que pode fazer, né. Cada um tem uma idéia mesmo, cada um tem, sabe fazer uma coisa, então eu acho que ajuntando tudo, né, vai sair coisa boa, se Deus quiser, agora já tá aí a campanha do natal, né.

E as atividades vão até...

Vão até o Natal, né, então, eu espero que cada um contribua também, com a . Porque tem que dar, por exemplo, não sei se você viu o boleto, como saiu, tem que dar uma calça jeans, um tênis, pra cada criança, ou senão, cinquenta reais pra contribuir pra fazer o Natal deles. Aí, depois, que o padre disse que vem, vai ter missa, tudo, ele vem com a roupa pra mostrar, né, que ganhou. Aqui o trabalho tá sendo bem bom viu Daniela. Pode divulgar, pode, aqui o esforço é bastante, dos voluntários, dos monitores, aqui todos eles são bons, muito bons, nossa, e o padre Lelo, então, é incansável, viu, o padre Lelo, então, nem se fala, porque, todos, né.

É uma equipe bem unida, né?

Uma equipe bem unida.

E a senhora, antes de vir pra cá, antes desses cinco anos que a senhora esteve aqui, a senhora já tinha contato com criança, com adolescente?

Tinha, tinha, porque o meu menino estudou aqui, né, porque eu morava aqui perto. Então meu filho se formou aqui. Então sempre conheci, sempre tive aqui dentro do Externato, né, aí depois, quando fechou, nós ficamos sem, mas depois logo abriu de novo, aí eu fui ver aqui, né.

Ele estudou aqui na época em que era escola...

Que era escola, é. Ele estudou aqui, depois ele foi lá pra ETEC, que é do Liceu mesmo, do Externato (?), aí ele se formou como analista de sistema, e depois ele começou a trabalhar na Alcatel, e depois a Alcatel mandou ele pra Barcelona. E ele trabalha em Barcelona.

Que bom.

Então, mas ele foi educado aqui dentro.

Já é antigo, né, o contato...

É, eu agradeço sempre quando eu entro aqui, viu Daniela, olha Senhor, muito obrigado por meu filho ter recebido a educação que ele recebeu aqui dentro, o que ele é hoje, né, porque eles estudaram muito, né, todos eles, na época, sabe Daniela, todos eles. E agora eu espero, apesar de agora o modernismo ser diferente, mas eu espero que eles consigam se conscientizar daquilo que é bom, né, porque não é possível eles estarem num lugar tão bom como esse aqui, que eles têm a liberdade, têm tudo, e não se conscientizar, né, da, mas eles vão sim, se Deus quiser, eu tenho fé, cê ainda vai voltar aqui, cê ainda vai ver coisas boas aqui, cê vai ver.

Mas já tô vendo...

(risos)

Tá jóia, então é isso, (nome), eu agradeço a senhora, a atenção, e me comprometo depois a voltar, tá voltando no final do ano pra trazer os resultados. Tá bom?

Isso, tá bom, cê vai ver, vai ser ótimo. Foi um prazer, viu Daniela.

Obrigada.

Bom, então hoje é dia 22/10, e eu vou conversar com o (nome), que está responsável mais pela Turma 2, né?

Turma 2, isso.

Então tá. Eu vou deixar mais perto de você (o gravador). (nome), eu queria que você começasse contando um pouquinho de como é que você veio pra cá, pro Externato, um pouco da sua história, sua formação, como você veio hoje estar responsável pela turma 2 aqui do Externato.

Antes de eu entrar no Externato eu era professor do Estado. A minha formação é na área de filosofia, como o área de filosofia dá credibilidade a lecionar história, então eu dava aula de história no Estado. Mas não sou habilitado formalmente, digamos, não sou formado em história, história pura. Como as dificuldades na época, eu dava aula em três escolas, muito defasado o salário, eu procurei então o Liceu pra levar um currículo de lá então que me informaram, eu nem sabia que o Externato São João trabalhava com, aliás, estaria então começando um trabalho com esse tipo de adolescente, carente. Aí eu vim aqui e comecei logo no início, quando começou a obra. Quando eu comecei aqui, eram só dezessete adolescentes atendidos, então a gente fazia pintura a dedo, mais brincadeiras e jogos, essas coisas. Depois que foi crescendo o número, e foi firmando o projeto de Externato, aí eu comecei dando aula de matemática e, em contrapartida, com a marcenaria, só pra ensinar centímetro, essa parte do desenho, o que era metro, aí depois eu passeia fazer visitas domiciliares, fiquei dois anos e meio, só fazendo visita, entendeu? Às famílias das crianças. Depois, há um ano, que na ausência, um funcionário pediu as contas, o padre, pra não contratar outro, pediu que eu fosse removido pra tá assumindo esse cargo com a turma 2. Estou até hoje com eles.

Cê tá acompanhando desde quase o começo, mesmo, né?

Isso, da obra, desde o comecinho, é .

E dessas visitas que você comentou, (nome), o que que se costuma fazer? É um aconselhamento pra família?

As visitas, elas vêm de várias formas: quando, eu fiz visitas para adolescentes que queriam entrar no Externato. Então, fazia a visita pra saber se condizia, a situação sócio-econômica pro adolescente estar aqui dentro. Fazia visita quando o

adolescente já estava aqui, e às vezes algum problema ou outro, a gente ia à família pra ver porque que tava acontecendo aquele tipo de atitude com o adolescente. Às vezes, quando o adolescente tava na família, que depois desvinculava, ia lá pra saber o motivo, às vezes pra reintegrar o adolescente dentro da própria família, então, uma série de fatores, às vezes leva a gente a fazer a visita, entendeu? O mais, as perguntas, é verificar o, a família como um todo, o número de pessoas que moram ali, tem, qual que é a renda familiar, o número de cômodos, a situação que vive, mais ou menos, a gente dá um olhar mais ou menos assim.

E hoje na turma 2, né, conversando com os meninos, eles falam que é mais iniciação ao trabalho, postura, o modo de falar, você diria pra mim que é isso mesmo, que é a idéia da turma 2?

É, a idéia é essa mesmo, até não é tanto, também, é lógico, conteúdo, o que, mas mais é aquilo que você falou: postura, às vezes, é o comportamento, como se portar diante das pessoas, aí o conteúdo vem em consequência da situação, sabe? O aprender como falar, escrever bem, isso aí vem até como consequência da situação, mas não seria, tá dentro do conteúdo, mas a prioridade quase que seria essas coisas. E depois tem aqueles temas transversais, né, que a gente vai encaixando : que é a sexualidade, é essas coisas...

E com relação aos adolescentes? Se te perguntarem : fala pra mim como são os adolescentes do Externato, como é que você definiria, mais ou menos?

Eu definiria que são adolescentes, acho que na faixa etária deles, tão normais quanto um outro adolescente nesta faixa etária, a única coisa que eu acho que difere, é a própria realidade em que eles vivem, que é diferente de uma pessoa mais abastada, mas acho que os anseios deles, aquilo que eles almejam, ou aquilo que eles fazem, extrapolam um pouco, acho que no mais, é tudo a fase da adolescência que faz isso. Eu também já fui, eu também já fui arteiro, aí eles extrapolam mais ainda pela própria, pela própria realidade em que eles estão vinculados, entendeu? Não sei... se é isso, se tá certo...

E qual que é a contribuição que você acha que o Externato tá dando pra esses adolescentes? A gente pode dizer que o trabalho do Externato é super amplo, né, mas o que você colocaria assim, como prioridade do trabalho de vocês?

Eu acho que é o fato da gente trabalhar a amizade, o relacionamento, é , essa própria postura, ensinar que a vida não pode ser jogada, de qualquer maneira, por mais dificultoso que seja lá em casa, ou no bairro, mas que há uma esperança, passar

isso pra eles, que não é por causa daquilo que tem que ser um drogado, que tem que ser um marginalzinho, ou que tem que ser excluído da sociedade, que eles são tão seres humanos quanto qualquer outro ser humano que tenha uma vida mais elevada, e que eles têm as mesmas chances que qualquer um outro também, valorizar nesse sentido, eu acho que o Externato valoriza bastante isso nos adolescentes.

Tem alguma coisa que você imagina que pudesse contribuir pro trabalho do Externato? Alguma coisa que poderia vir a melhorar o trabalho da equipe, do Externato como um todo?

Ah, claro que tem, né, lógico, o próprio, não sei se é essa a pergunta, o fato do voluntário, vocês como estagiários, mas tudo isso vem a enriquecer o trabalho nosso, é isso a pergunta?

Eu acho que sim. E assim, se você sente falta de alguma coisa, imagina alguma coisa, tem alguma sugestão de melhoria de algum ponto? É lógico que a gente sabe que sugestões a gente tem, e tem também aquilo que é possível ser feito, mas cê imagina alguma coisa que, uma idéia, alguma outra coisa que pudesse ser trabalhada, ou que poderia ser trabalhado de uma outra forma, que cê acha que o trabalho ia ter mais resultado, ou cê acha que da forma como tá indo tá bom?

Não, eu acho que sempre tem que haver uma melhora, entendeu? E há, e é possível isso, eu acho que a escolaridade deles é muito defasada, todas as escolas são, mas eu acho que pelo próprio fato da realidade em que vive, falta uma mesa, uma cadeira pra se sentar, pra estudar, então eu penso que se no Externato tivesse mais condições de tar passando o conteúdo, alguma coisa que vinculasse a escola, que fosse um reforço, digamos assim, que desse um trampolim maior pra eles, pra que eles pudessem concorrer a um vestibular, sei lá eu, porque por mais que a gente queira trabalhar, eu não sei se posso acrescentar aqui, a própria turma 2 fazendo, eu fiz um ditado com eles, pra que depois eu pudesse corrigir, aí só de olhar o texto, eles não sabem nem como separar sílaba, aí inclusive eu fiz um trabalho na lousa, com as palavras que eu peguei aqui e acolá, pra separação de sílaba, então, tem hora que a gente pensa que a coisa tá indo, que a gente tá tranquilo, que a coisa tem um nível, depois a gente defronta que, tem que começar lá embaixo, entendeu? Então aquilo que a escola, não sei se não passa, sei lá por causa de quê, ou não é pela escola, às vezes a própria dificuldade deles, se dentro do Externato tivesse uma oportunidade de trabalhar mais esses conteúdos específicos, entendeu, aí cê pode dizer: mas e o seu, então, enquanto Português, tá dentro da área, é claro, pra eu trabalhar, mas o

tempo é muito pouco, então, quando tem que trabalhar outro tema, dentro dos temas transversais, daí o conteúdo específico mesmo quase que fica, deixa a desejar, e esse tempo, que a gente fica, bota sempre pra ser discutido aí numa próxima reunião, se seis meses é viável, ou um ano em cada turma, é o que a gente vai discutir por causa disso, achamos que o tempo, ele é muito pouco, se a gente prolongasse pra um ano pra cada turma, teria mais tempo pra gente tar trabalhando, talvez até repetindo coisas, mas, para o bem deles, entendeu? Não sei se eu respondi...

E com relação à equipe, (nome), cê acha que, eu vejo que vocês fazem bastante reunião pra estudo, pra discussão do que acontece, qual que é a sua opinião? Você acha que a equipe funciona bem, como é que você se sente como membro da equipe do Externato?

Bom, eu me sinto muitíssimo bem, sabe? Eu gosto da equipe, particularmente, me relaciono bem com todos, pelo menos procuro, essas reuniões, elas enriquecem bastante, é um momento em que a gente pode colocar as dificuldades, e o padre Lelo, nesse sentido, ele colabora muito, com relação a cursos, é, ele sempre tá fazendo uma reciclagem, ele tem, vive passando que a gente estude, pra coisa não ficar parada. Essas reuniões, eu acho não, eu tenho certeza que elas ajudam muito. Se nós somos uma equipe, podemos dizer, até bastante unida, acho, graças a essas próprias reuniões que a gente faz, tem hora que sai um “arranca rabo”, alguma coisa, mas faz parte.

E assim, o que você considera uma, uma construção, você já tá aqui a bastante tempo, se falasse do Externato, de uma conquista que cê acha que o Externato já fez, com todo esse trabalho?

Eu acho que são os adolescentes que passaram por aqui e que foram encaminhados ao trabalho, ou até a própria escola São José, e que tiveram sucesso, que estão tendo sucesso, isso nos enriquece bastante, e quando eles vêm nos visitar, por exemplo, e diz que tá trabalhando em tal lugar, que tá contente, tá satisfeito, e ele vem nos dar esse retorno, isso, é uma minoria, lógico, mas essa minoria faz a gente erguer o astral, entendeu? É gratificante, igual, uns dois meses atrás teve um adolescente que tá na Emdec, que começou trabalhando na rua lá, marcando coisa de casa, aí ele teve aqui dizendo que já é chefe de uma equipe, então quer dizer que, isso deixa a gente bastante satisfeito, entendeu, então esse trabalho é gratificante por isso.

E assim, a expectativa que você sente dos próprios adolescentes, (nome), cê, assim, conversando com eles no dia-a-dia, que que você acha que eles vêm buscar

aqui no Externato? Que conversando com eles informalmente, a gente vê que eles sempre citam esses exemplos de pessoas que hoje estão trabalhando em algum lugar e que já freqüentaram aqui, cê sente que essa é também a expectativa que eles trazem também pra eles? Que a gente vê que a procura pelo Externato é bem grande, a gente vê que bastante adolescente tá procurando, qual que cê acha que é o primeiro impulso, assim, que traz eles pra cá?

Uma boa parte eu acho que vem quando as mães procuram, dizendo que o filho estuda de manhã e à tarde só fica na rua, só quer saber de brincar, então, pra ocupar um espaço. Primeiro momento, geralmente, a coisa vem por aí, no início, aí, eu não sei se isso aí seria o carro chefe da coisa, cê entendeu, agora muitos vêm, às vezes, até empolgado, até, por causa de jogar bola, chega aqui, nossa, só querem jogar bola, depois ele vai ver que o problema aqui não é só jogar bola, né, mas aí acaba ficando, por uma coisa ou outra, mas eu acho que o que funciona mesmo é a, hoje, por exemplo, pelo fato dos próprios colegas que estão aqui dentro, fazendo a propaganda dentro do bairro, dizendo como que isso aqui chama a atenção, entendeu? Explica o que tem, o que que não tem, outros veio por um idealismo de aprender informática, aí chega aqui não é informática, ele vai passar pelo computador, mas só que muito... uma vez por semana quando é turma um, por exemplo, né, mas eu acho que hoje é essa propagando que eu acho que há nos bairros. A princípio, a gente ouve muitas mães chegando aqui e falando que não agüenta o filho, que fica só na rua, pra arrumar uma vaga.

Tem mais alguma coisa que você possa colocar pra nós?

Eu acho que, a princípio eu acho que é só.

Tá jóia, então, eu agradeço, (nome), e espero estar trazendo algum retorno, né de toda essa colaboração que vocês tão dando pra mim, na forma do meu trabalho, né, trazendo um pouco, apresentando, sistematizando o que o pessoal tá falando, eu tô conversando com bastante gente, eu acho que é mais sistematizar aquilo que vocês têm aqui mesmo, eu falava pra Dona Nívea, talvez eu nem traga coisas novas, mas talvez sistematize um pouco aquilo que é a expectativa de cada um, né, e espero contribuir de alguma forma aqui também.

Nossa, e tem contribuído, e como. Principalmente comigo, eu fico muito contente, eu comentei com a Elaine, com o Zaia, contribuiu e muito. Eu fico muito agradecido também.

Obrigada.

Eu tenho esse jeitão meio, que cê sabe, mas passa por cima...

(risos)

Imagina... se vê que a troca é... é bem grande assim, né, eu acho que é um ponto positivo daqui, a gente vê sempre o pessoal bem unido, não tem aquela coisa assim, cada um faz o seu trabalho, né, é um trabalho só, feito a várias mãos...

É. Quanto a isso, eu acho que é um trabalho bonito. Aquilo que a gente pede pra um, pra outro, sabe, se tal dia é meu o “bom dia” e “boa tarde”, eu sempre sou nas segundas-feiras, né, tá especificado, mas se eu não posso, é só eu falar com qualquer um, só se não puder ir mais ninguém, já que tá na (inaudível), se eu não posso, se eu não posso dar o meu almoço da uma, é só eu pedir pra alguém, pode deixar, se alguém precisa sair, entendeu, quanto a isso, há uma, acho que uma ajuda muito grande entre a gente, sabe? Quando pedem pra mim também eu procuro ser recíproco, às vezes eu converso muito com o Zaia, com relação a conteúdo... os próprios adolescentes, o que faz, o que não faz, então lá a gente nunca tá sozinho, né, sempre tá junto e aquilo que eu falo, por exemplo, sempre todos os educadores procuram seguir aquilo que eu falei, não porque eu falei, a gente procura falar a mesma linguagem entre nós, pra não cair em contradição com o próprio adolescente, entendeu?

E eu acho que eles sentem essa... esse, essa união, essa coisa de equipe, eu acho que passa pra eles também, né, porque é diferente de freqüentar um lugar onde as pessoas tão trabalhando ali, mas estão isoladas, do que você... Eu acho que eles falam muito, é incrível como eles falam, quando falam de Externato, eles falam: ah, isso aqui é uma família. Então eu acho que isso aí fica pra eles, e eu acho que é uma coisa boa.

Certo, bom.

Então tá jóia, obrigada.

Eu que te agradeço.

ENTREVISTA REALIZADA DIA 25/10/1999
ENTREVISTADO : adolescente H – CAPOEIRA

Então, hoje é dia 25 de outubro, eu vou conversar com o (nome), da capoeira do Externato Vida Nova. Primeiro, (nome), eu queria que você contasse há quanto tempo que você tá aqui no Externato, o que que você tá fazendo, pra eu saber um pouquinho.

Eu tô aqui já faz, deixa eu ver, oito meses.

Oito meses? E você começou já fazendo a capoeira?

Comecei na capoeira.

E conta pra mim, tem alguém que orienta vocês na capoeira?

Tem. Antes era o Nilton, só que no momento ele não está, aí agora, o Fabiano.

E todo dia vocês se encontram pra treinar capoeira?

Todo. Menos dia de Quarta-feira porque é catequese.

Ah, tá. Na Quarta-feira você frequenta a catequese, então.

Isso, aqui, no Externato...

E como é que você ficou sabendo do Externato? Como que você chegou aqui?

Foi por causa dum amigo, Fernando. Ele mora perto de casa, e ele tinha entrado lá no Externato da cidade, né, aí ele falou que ele fez, foi atrás, aí tava abrindo esse daqui, aí eu entrei na Boscolândia aqui.

Ah, tá. Foi no período das férias que tem a Boscolândia.

Foi.

Aí depois você entrou e ficou...

É.

Conseguiu uma vaga...

E aí fiquei.

Você mora aqui mesmo, no Vida Nova?

Moro, moro.

E antes de vir pra cá, pro Externato, você estudava?

Estudava.

Estudava de manhã, antes de vim pra cá.

Estudava de manhã. Agora você tá estudando também?

Estou estudando à tarde.

À tarde. E, que série que você tá?

Sexta.

E qual que é a sua idade?

Treze anos.

E antes de vir pra cá, cê ia pra escola de manhã, e depois, à tarde, o que que cê fazia?

Aí eu ia pra casa, arrumava a casa e ficava assistindo televisão.

E então, se lembrar assim, de antes de você entrar pro Externato e agora, o que que cê acha?

Ah, não sei...

É diferente?

Acho que tá muito diferente.

Tá? Você acha que mudou bastante?

Mudou.

Você gosta de estar vindo?

Ah, gosto.

E assim, de tudo que cês fazem, aqui no Externato, às vezes tem umas atividades diferentes, né, da capoeira, de tudo que tem. Aqui no Externato, tem alguma coisa que cê possa falar pra mim que cê gosta mais de fazer?

De fazer aqui no Externato?

É.

Ah, deixa eu ver...

De tudo que tem aqui, assim, desde a Boscolândia que tem durante as férias,

Ah, a Boscolândia.

A Boscolândia. O que que tem na

Na Boscolândia? Tem umas brinc , eles faz umas brincadeiras, sabe, então tem equipe, quatro equipe, aí nós faz umas brincadeiras.

Como se fosse uma gincana, assim?

Isso ! Uma gincana.

E dura o dia todo ou só um período?

Não, o dia todo.

O dia todo... E tem alguma coisa que cê acha que podia melhorar, que podia ter mais, é, que podia mudar um pouquinho, que você acha que ia ficar melhor, você tem alguma idéia pra dar?

Ah, pra mim tá bom assim.

Você acha que tá bom.... Não tem nada que cê podia dar de sugestão, pra gente fazer o Externato ficar melhor ainda?

Pra mim (não com a cabeça).

Tá bom assim?

Tá ótimo.

Então tá. E na sua casa, o que que o pessoal acha de você tá vindo pro Externato?

A minha casa é só eu e minha mãe, né, e minha irmãzinha, aí ela gosta, né, adora, que eu fico no Externato.

A sua irmã também vem ou não?

Não, minha irmã é pequenininha.

Ah, tá. E a sua mãe participa aqui?

Não, minha mãe trabalha.

Então cê fica com a sua irmã, quando cê volta pra casa? Ou não?

Não, eu volto pra casa, dou uma arrumada na casa, tomo banho e vou pra escola.

Ah, é verdade, agora cê vai pra escola à tarde. Tá jóia. E do pessoal que vem aqui? Se disse que ficou sabendo do Externato por um amigo que ia lá no centro?

Isso.

E daqui? Você conhece bastante gente?

Conheço.

Bastante?

A maioria das pessoas aqui.

E que que cê acha? Que o pessoal aqui é unido, assim, que tem uma amizade boa?

Unido, sim. Todo mundo legal.

E com os funcionários? Você conhece todo mundo?

Conheço. Super gente fina.

E que que cê pensa de fazer daqui pra frente? Cê também foi...

Fui no São José?

Pro São José? O que que cê vai fazer lá?

Marcenaria.

Marcenaria. Começa o ano que vem?

Isso.

Que que cê pensa pro futuro? Cê quer seguir nessa, na marcenaria?

Na marcenaria? Não sei. Dependendo, aí continua.

Por enquanto cê quer fazer isso?

Isso.

*Tá jóia, deixa eu ver se tem mais alguma coisa que eu possa te perguntar...
você chegou a freqüentar lá no centro, ou não?*

Não.

Cê veio direto pra cá, né.

Direto pra cá. Fiquei aqui.

Então tá. E cê acha que vai te ajudar estar indo pro São José?

Vai ajudar muito. Porque no meu futuro, eu acho, quando eu crescer assim, se não tiver emprego, pode montar uma loja, assim, de móveis. Bastante coisa.

E cê gosta disso?

Adoro.

Na hora de escolher... como é que é, lá no São José? Você faz a prova já escolhendo antes a área que você vai, é isso?

Isso, primeiro nós fez uma visita, pra ver toda as coisas...

Pra saber o que tinha?

Isso.

E aí fizeram a prova.

Aí nós fizemo as provas, o que nós queríamos, eu escolhi... no começo eu ia fazer mecânica, aí eu falei não, eu não gostei de mecânica, vou fazer marcenaria, gostei de marcenaria, aí...

Fez a prova e conseguiu.

Aí eu passei.

Que bom. Eu espero que cê aproveite, lá então, desejo boa sorte pra você. Então eu acho que é mais isso, (nome), eu queria te agradecer pela ajuda, vai me ajudar bastante essa entrevista, e depois eu mando então, ou trago aqui pra vocês, a entrevista escrita, né, e o que que foi, o que ficou aqui no trabalho. Tá bom? O que cês ajudaram a fazer. Obrigada, então.

De nada.

ENTREVISTA REALIZADA DIA 25/10/1999
ENTREVISTADO : adolescente I – DIGITAÇÃO

Eu vou conversar com o (nome), hoje é dia 25 de outubro, eu vou conversar com o (nome), aqui do Externato Vida Nova. (eu vou deixar o gravador aqui pra gente conseguir gravar, tá bom?). Então, (nome), eu queria que cê contasse pra mim, primeiro, como que você veio aqui no Externato, quanto tempo faz que você tá aqui...

Faz pouco tempo que eu tava aqui, né, meus colega tava aqui, aí eu peguei, me interessei, aí eu peguei, chamei minha mãe, pra vim aqui, aí pegou, matriculou eu, aí depois surgiu essa vaga, eu peguei e fiquei.

Certo, e faz tempo?

Um mês e meio.

Faz um mês e pouquinho. Tá jóia, e desde quando cê entrou cê tá nessa turma da...

Da manhã.

Da manhã, e é com a Rita, né? Que que cês fazem? Conta pra mim um pouquinho...

Ih, nós faz, ó, nós faz reforço de matemática, as aulas começa tarde, ela conversa com nós, tem brincadeira com a gente, e de vez em quando dá conselho pra gente, do que nós tá fazendo.

E antes de vir pro Externato cê tava estudando?

Eu tava estudando.

E continua estudando agora?

Continuo estudando.

Em que série que cê tá, (nome)?

Sexta.

Sexta série... Quantos anos cê tem?

Quinze, fiz quinze ontem.

Fez quinze ontem... parabéns, fez aniversário ontem...

Obrigado.

E antes de vir aqui pro Externato cê ia pra escola, e depois, que mais que cê fazia?

Só.

Só? Saia da escola e voltava pra casa?

É, só que eu estudo à noite.

Ah, tá. E durante o dia, o que que você fazia?

Fazia nada, antes eu freqüentava um centro né, um ... da Casa Amarela, depois acabou, daí eu fiquei em casa.

E o que que cê tá achando daqui do Externato?

Tô achando muito bom, eu tive essa oportunidade, agora eu vou tentar...

E assim, cê mora com seus pais?

Com meus pais.

O que que eles acham de você estar vindo pro Externato?

Ah, eles acham muito bom, tá gostando muito.

Que bom. E assim, de tudo que cês fazem aqui no Externato, né, das turmas, se me disse que nas turmas cês fazem bastante coisa, tem alguma coisa que cê possa falar pra mim que você gosta mais de fazer?

Eu gosto mais de...é, quando ela conversa com a gente, dá conselho pra gente, então eu gosto mais.

E além de ficar lá em cima, cês também têm...

Refeição.

Vocês chegam, tem o bom dia...

É, daí depois nós entra lá, dia de Terça e Quinta, nós tem a computação, aí nos outros dia nós tem aula de reforço.

E de tudo que cê faz, cê gosta então mais de quando tem a conversa?

A conversa.

Tá jóia. E tem alguma coisa que cê não goste muito de fazer, ou que se pudesse melhorar, cê falaria...

Eu não tenho nada.

Que podia ficar melhor? Não?

Não.

Tá tudo bom, então?

Bom mesmo.

E que que cê pretende? Você também passou lá no São José?

Sim (com gesto).

Que que cê pretende fazer lá?

Ah, eu pretendo prosseguir com o curso, lá, até conseguir um....

Cê vai fazer... qual que é?

Desenho de máquina.

Ah, tá. Depois cê pretende, cê gosta disso?

Gosto. Gosto muito de desenhar.

E quando cê for pro São José, então, cê vai para de freqüentar aqui?

É.

Mas continua na escola?

Continuo na escola.

Ah, tá jóia. E daqui do Externato, o que que você achou de estar vindo pra cá? Tem bastante gente que freqüenta. Você já conhecia bastante que já vinha aqui?

Não. Pouquíssima gente daqui.

Pouca gente?

Depois quando eu entrei aqui, eu já fui com as amizade, pegando, aí eu conheci mais gente.

E o que que cê tá achando?

Muito bom, muito legal.

E do pessoal que trabalha, tem a Rita, a Rosângela, cê conhece o pessoal do refeitório também?

Conheço, de vez em quando nós dá uma ajuda lá no refeitório, na cozinha. Eu gosto muito delas, muito legal.

Tá legal. Se alguém perguntasse pra você desse meio, desse pouquinho que cê tá aqui, tá diferente do que você fazia antes, você falaria pra mim que tá ou que não?

Que tá. Bem diferente.

E cê acha que mudou pra melhor ou pra pior?

Mudou pra melhor.

Mudou pra melhor? Que bom, então. Então tá jóia, eu acho que é só isso, é uma entrevista curtinha, né, e depois eu vou entregar pra Rita ou pra Rosângela, o que a gente conversou, eu vou escrever, né, depois se você quiser ler pra ver como é que ficou...

Tá bom.

E desejo pra você boa sorte lá no São José. Tá bom?

Obrigada.

Obrigada, (nome).

ENTREVISTA REALIZADA DIA 25/10/1999
ENTREVISTADO : adolescente J – ARTESANATO

Então, hoje é dia 25 de outubro, eu vou conversar com a (nome), que é da turma da Rosângela, é artesanato, né?

Isso.

Aqui do Externato Vida Nova. Então, (nome), primeiro eu queria que você falasse um pouco do que que você faz aqui no Externato, como que você veio, se faz tempo que você tá frequentando, que cê contasse pra mim, desde quando você ficou sabendo, né, que tem o Externato aqui no Vida Nova, como que você se interessou, que cê conte um pouquinho...

Não, a minha mãe falou que ia colocar a gente, né, aí eu falei assim: ah, mãe, no Vida Nova é muito perigoso. Aí ela falou assim: não tem problema, lá é um lugar que apóia todas as, todos os adolescentes, assim, pra ter, pra tentar crescer aquele adolescente, né, então eu falei assim: então tá bom. Minha mãe colocou, colocou em dezembro, já vai fazer um ano em dezembro agora, vai fazer um ano. Eu gosto daqui, porque aqui pega assim, adolescente que é, remexe aquela coisa assim, tenta tirar, né, é muito legal. Eu acho legal. É melhor do que ficar em casa, eu acho, aqui é como se fosse a minha casa, porque na minha casa assim, tem os quatro irmãos, minha mãe tá aí também, só que, melhor do que ficar em casa.

Então foi através da sua mãe que cê ficou sabendo...

E também através de uma amiga minha que estuda aqui, ela falou, foi lá, falou com a minha mãe, falou assim: ó, Dona Lúcia, o Externato é muito legal, só que ela faz, ela era do Externato São João, lá da cidade, aí ela falou assim: ó, Dona Lúcia, agora aqui no Vida Nova aí tem um Externato. Por que a senhora não põe as meninas lá? Aí ela falou: ah, eu vou tentar, aí se elas quiser ir elas vão. Aí ela falou com a gente, aí eu falei assim: ah, por mim, tanto faz. Porque pra mim é assim, qualquer coisa, né, que der pra mim, que eu vejo que vai crescer, assim, sabe? Que vai dar pra mim crescer mais um pouco, eu sempre tento.

E desde quando você veio, já vai fazer uma ano, né, quase fazendo um ano, você já entrou nessa turma da Rosângela, de artesanato?

Já, na da Rosângela.

E conta um pouquinho pra mim do que que cês fazem na turma dela?

A gente faz, é, atividade escolar, né, a gente, pra quem, aqueles alunos que não têm muito esforço, assim, aí ela passa assim uma coisa que é pra, sabe o que? Tem aluno que não sabe bastante assim, como matemática, depois, aí ela passa, às vezes a gente faz artesanato, como caixa, boneca, essas coisa.

E de tudo que cê faz, assim, no Externato, durante esse tempo todo que você ficou, tem alguma coisa que cê possa falar pra mim que é o que você mais gosta de fazer?

Que eu mais gosto... ah, não tem comparação, tudo é bom fazer aqui. É muito legal. Às vezes eu ajudo assim às vezes a Rosângela fala assim: ah, (nome), desce lá embaixo, ajuda a Bete na cozinha, aí eu vou lá, ajudo ela.

Você gosta de tudo?

Eu gosto de tudo.

Não tem uma coisa que cê fale que gosta mais?

Deixa eu ver (pausa). Ah, não tem (risos)

É difícil...E tem alguma coisa que cê acha que podia melhorar, ou que você quisesse fazer por mais tempo, ou uma idéia assim: olha, eu acho que no Externato podia ter tal tipo de atividade, cê tem alguma idéia?

Assim, devia ter assim, por exemplo, é que nem tem muito espaço, né, pra isso, mas como a, lá no centro, às vezes tem dança, né, eu gostaria que aqui tivesse.

Você gostaria que tivesse dança... Cê já chegou a ir lá no Externato do centro?

Cheguei.

Mas cê participou das atividades ou cê foi em alguma festa...

Não, foi na fest... na Páscoa.

Ah, na Páscoa. E além de vir aqui pro Externato, cê tá estudado? Cê tá indo pra escola?

Tô estudando. Eu venho aqui, às sete e meia eu tô aqui, tomo café, tudo, onze e meia eu tô na minha casa, tomo banho, vou pra escola meio dia e quarenta, chego na escola, aí chego seis horas, vou fazer, ajudar minha mãe...

E a sua escola é aqui também?

(inaudível)

Cê mora aqui nesse bairro?

Não, eu moro no Vila Vitória.

Ah, tá. E vem pra cá. Em que série que cê tá?

Quarta.

Quarta série. E qual é a sua idade?

Catorze.

Catorze. Tá jóia. E o que que sua mãe tá achando de você tá vindo pra cá?

Ah, ela, não quer que nós falta nem, nós falta um pouco ela, porque, deixa eu ver quando foi... Acho que foi Terça-feira passada, eu tinha vindo, né, aí tinha uns moleque, assim, aí nos, acho que na idade assim, quinze, dezesseis anos, armado, né, aí minha irmã falou assim: não vou não, Maura, eu falei: Vamo, ô. Cê é medrosa. Aí ela falou assim: ah, não vou não, aí a gente voltou, né, aí minha mãe falou assim: ah, mas se é por causa, vocês voltar pra casa, passar um tempo aí cês voltar pra lá, não é pra faltar, não sei o quê, ela não gosta que falte.

E vem você e sua irmã?

Eu e minha irmã.

Sua irmã também tá na turma da Rosângela?

Da Rosângela.

Ah, tá. E ela também tá gostando de...

Acho que sim. Às vezes ela não quer vir, aí eu falo: vamo pro Externato! Ah, não vamo hoje não, Maura. Aí eu falei: mas a tia vai xingar! Porque a mãe dela é minha madrasta. Meu pai é casado com ela, aí ...

Então tá bom. E cê tem alguma idéia do que que cê quer fazer pra frente? Depois que sair do Externato, ou cê ainda nem pensou?

Nem pensei. Porque a Rosângela falou assim: como eu faço a quarta série, não tem como ir pro centro, né, porque lá é só da quinta pra cima, aí ela falou assim: ah, no ano que vem você vai pra lá, Maura. Perguntar pra dona... Mas eu queria uma atividade assim, sabe, não, aqui é bom, eu não queria sair daqui, do Externato Vida Nova, mas quando passa da quinta série, né, vai pra lá, os alunos que tiver mais reforço, assim, vai pra lá. Mas tem uns aqui que nem se interessa, assim. Vem mais aqui, assim, sabe, pra brincar, que eles se interessam.

E da turma, você conhece bastante gente que frequenta aqui?

Quase todos.

Quase todos? E que que cê acha da turma, cê acha que é legal estar aqui, ou cê acha que tem briga, que não é legal, como é que é?

Eu acho que tem, é, não, é assim, um aluno vai lá, né, mexe com outro, então vai interferindo, vai lá empurra o outro, mas não deve ser assim, acho que tem que ser tudo na calma, sabe, ajudar. Eu sou, bem calma.

E cê acha que o clima é legal aqui? Não tem confusão, não tem ...

Eu acho. Não tem dado confusão aqui. É legal.

É gostoso assim né? E do pessoal que trabalha aqui? Cê conhece todo mundo?

Todo mundo.

É bom conversar com todos?

Super legal aqui.

Então tá. Deixa eu ver se tem mais alguma coisa. Eu acho que é mais isso mesmo... Então cê tá gostando, se eu perguntasse por que que cê continua vindo no Externato assim, o que você me falaria?

Porque eu continuava vindo... Porque eu acho que eu vim pra cá, eu tô aprendendo muito mais, entendeu? Eu, até se eu ficar em casa, eu não vou aprender nada, aí eu vim, e mais pra frente já sei fazer alguma coisa, já sei fazer uma caixa, que eu não sabia fazer muito bem, eu tô, é... bordado, eu já sei fazer, coisa assim, eu no Vida Nova, eu que ensino, porque quando eu cheguei aqui, né, eu não sabia nada, aí, tem a Maria, se viu a Maria, já, né. Aí ela ensinou pra gente, aí vem a menina que ia lá, falou assim: ah, (nome), tem muita gente, agora cê tem que me ajudar a ensinar as meninas,, aí, é super legal.

Então vale a pena?

Vale a pena.

Então tá jóia, eu acho que é isso, (nome), eu queria então agradecer, a sua ajuda aqui no meu trabalho, e falar que depois eu trago, ou elas trazem pra você, pra ver como é que ficou, tá bom?

Tudo bem.

Obrigado.

De nada.

CONVERSA REALIZADA DIA 25/10/1999
ENTREVISTADOS: EQUIPE DA COZINHA – VIDA NOVA

Devido à correria do trabalho da equipe da cozinha, que inviabilizaria uma entrevista individual, optei por conversar com ela durante o trabalho. Para a transcrição da conversa, utilizarei as seguintes abreviações:

- D – Daniela (entrevistadora)
- E – Elisabete (funcionária – f. A)
- P – Piedade (voluntária – v.B)
- V – Vanderlei (voluntário – v.C)
- C – Creuza (funcionária – f.B)

D: qual que é o nome de vocês, só pra, porque eu não guardei ainda, desculpa...

E: o meu é Elisabete.

D: Elisabete.

P: Piedade.

D: Piedade.

V: Vanderlei.

D: Vanderlei.

D: os três são voluntários do Externato?

E: não, eu sou funcionária e eles são voluntários.

D: e faz tempo que cês tão aqui no Externato, trabalhando?

E: eu, já vai fazer um ano, dia três, agora, de novembro, faz um ano.

D: Já. É desde quando começou?

E: desde quando começou.

(inaudível)

E: desde a inauguração.

D: desde a inauguração. O que que cê tá achando, de estar aqui?

E: ah, eu gosto, né. Eu gosto muito de trabalhar aqui. Antes, eu fiquei desempregada dois anos, né, e não conseguia emprego, era tão difícil, né, então, assim que a obra salesiana começou aqui, eu sempre era voluntária, sempre tava como voluntária, com o padre Lelo, comecei fazendo marmita pras crianças na minha própria casa, né, fiquei cinco meses trabalhando como voluntária e a obra tava

sendo construída aqui. Aí, na época eu falei que ia arrumar emprego, se eles iam contratar alguém, aí eu fiz uma ficha, como várias pessoas fez, acho que tinha mais de cinquenta ficha, aí graças a Deus deu sorte e eu, eu e a Creuza somos funcionária. Então, pra mim foi bom, porque eu mandei currículo, em vários lugares, que eu tinha cinco anos de experiência em laboratório, em cozinha, e aqui era difícil, não chamavam, não sei se é questão do bairro...

P: é muita discriminação nesse bairro. A partir do momento que a gente entrou aí, a gente vê muita coisa...

E: morou no Vida Nova, não tem emprego. Então, a maioria tá assim. O filho dela (referindo-se à Piedade), depois de ter feito uma entrevista, foi dispensado, porque mora no Vida Nova, então...

P: é difícil...

E: eu tô contente, porque graças a Deus eu tenho meu emprego, dá pra sobreviver. E eu também gosto de cozinhar por eles, então, quando dá certo de você ter o emprego e fazer aquilo que gosta, então aí, tá certo, sem erro.

D: Fazer o que gosta, aí tá ótimo, né.

E: agora, devia de ser (inaudível) e já tinha experiência, (inaudível – afastou-se para mexer no fogão). Mas eu tô muito feliz aqui.

D: que bom... E dos adolescentes que participam, tem bastante gente, né?

E: te, bastante.

P: na faixa de cento trinta, cento e quarenta adolescentes.

D: nossa, é bastante. São os dois períodos: cento e quarenta no total?

E: no total, os dois períodos.

D: e a maioria que vem é do próprio bairro?

E: a maioria é do próprio bairro, tudo famílias carentes. E assim como eu gosto deles, eu acho que eles me adoram. Segunda-feira, hoje faz dois dias, eu passei mal, aí fui dispensada. Mas esses meninos, na Terça, cê precisa de ver.

D: todo mundo aqui perguntando?

E: todos perguntando: “ah, Bete você melhorou”? Eu melhorei. “Aí, graças a Deus, porque sem a sua comida, nós não fica”.

(risos)

D: é gostoso, né, quando é assim?

E: aí, é tão gostoso, né, aí, eu adoro, uma que eu gosto de fazer as coisas bem feitas, e depois a gente receber elogio, aí cê anima mais ainda, né?

D: é verdade.

E: porque a gente já faz as coisa com o maior carinho, ainda recebe elogio, aí fica melhor ainda, né.

D: e eles gostam de vir conversar, assim...

E: eles adoram.

P: se depender deles, eles não ficam na atividade, eles querem ficar na cozinha.

E: hoje já veio dois perguntar aqui. Eles adoram.

D: é gostoso, né. E que que cês acham: que o Externato faz diferença pra eles, que tão freqüentando, assim...

E: ah, faz.

D: muda bastante? Dos que, conversam bastante com eles...

E: Muda, muda bastante. Olha a gente conhece menino daqui, ó, que era menino de rua, hoje tá no seu emprego, trabalhando. Que passou pela rua.

P: (inaudível, porque está afastada, cozinhando).

E: A Rosângela fala pra gente, e a gente conhece os meninos, tava na rua. Aqui só não muda quem não quer. Porque aqui tem tudo pra melhorar.

P: aqui dentro que começa o futuro deles!

E: é aqui dentro que começa o futuro deles. Através do Externato (inaudível)

ENTRADA DA OUTRA FUNCIONÁRIA – CREUZA

C: oi, tudo bom?

D: tudo bem?

E: essa é a Creuza, funcionária.

D: ah, tá.

E: ela já veio aqui, acho que umas duas vez, cê não veio? (referindo-se à entrevistadora)

D: eu vim. É que eu vim pouco, né?

(Elisabete aponta o gravador e todos riem)

E: conversa um pouco com ela, aí.

C: sobre o que? Sobre as crianças?

D: que que cê conta pra nós?

C: dos meninos?

D: dos meninos.

C: ah, o que que a gente tem pra contar, Bete?

E: conta coisa boa.

C: por exemplo o quê, que cê quer saber?

D: Ah, o que que cê acha deles estarem freqüentando aqui... cê acha que pra eles é...

C: Ah, pra nós, é a melhor oportunidade que eles têm na vida, né Bete? De estar freqüentando aqui. Muitos, ó, a maioria deles já tá tudo...

E: Já tá encaminhada.

C: que a gente vê que precisa mesmo, né Bete?

E: eles saem encaminhados pra trabalho.

C: é.

D: e a procura é grande, não é, pra tar entrando?

E: a procura é grande.

C: aqui, é direto, né Bete?

P: é, quer entrar, às vezes não tem nem idade. E eles ficam aí querendo entrar.

D: ficam na expectativa.

E: mãe, que procura aqui com dez ano, querendo por o menino aqui, eu falo pra eles que tem a idade certa, né, treze a dezessete.

C: no caso de por a criança aqui e falar assim: não, vai tirar, não... Ah, a gente fica à vontade, né Daniela?

P: no Externato, as crianças vêm mais por causa da bola.

E: tem algumas que sim.

D: quando eles, tem algumas que vão pro centro, depois, né?

E: vão. Eles passam por aqui pra aprender o básico.

D: ah, tá.

E: e aí, quando eles vão pro centro, aí já tão encaminhado, lá eles passam pelos... supervisores, né.

D: aí é outro passo pra ir encaminhando...

E: outro passo pra ir caminhando, né, bem mais. Nossa, tem tantos aqui que eu conheço, o Anderson, ele era garoto daqui, hoje ele já tá lá no São José.

D: ó que bom...

E: ele já tá fazendo

P: já tá fazendo mecânica.

E: mecânica! Nossa, ele vem aqui, mostra o que ele tá fazendo, o trabalho, mostra as pecinhas, ele vem tão feliz, mostrar... e era um menino rebelde! Quando entrou aqui, não tinha educação, não tinha comportamento...

D: hoje já tá lá...

E: aprende muita coisa boa.

D: tem mais três, né, que passaram, a Rosângela tava contando hoje...

P: tem quatro!

D: tem o Leandro... Coisa boa.

E: Vários meninos...que a gente não lembra o nome deles, esse aí a gente lembra porque tava sempre aqui ...

P: tava sempre no nosso pé

(risos)

E: ele não dava sossego pra gente, tava toda hora aqui. Até que ele vem na missa, de Sábado, cumprimenta a gente, ajuda a tocar no coral, (inaudível)

D: é aqui mesmo, a missa?

E: é aqui mesmo, na quadra.

D: ai, que bom...

E: então, todo Sábado ele tá aí, como que chama aquele negócio que bate assim?

P: tam-tam.

E: Ah? É tam-tam o nome? Não é pandeiro, é um ...

P: não, é tam-tam.

D: ah, um outro. Ah, que coisa boa.

E: todo animado, sabe?

D: Sábado, acho que a maioria continua vindo, então?

E: a maioria.

D: Assim, a maioria que vem durante a semana vem ...

E: vem durante a semana e vem no Sábado.

D: o Externato faz parte da vida deles, né?

E: é, eu acho assim, que isso aqui veio pra melhorar, não pro bairro, mas principalmente na (inaudível)... Eles ficam até... a maioria fica aqui, né, de Segunda a Segunda, porque final de semana é aberto, o dia inteiro.

D: de Domingo também?

P: É.

E: Domingo tem bola...

P: mas aí é pra todos, né, dia de semana é só pra eles.

D: aha...

E: é aberto no final de semana pra comunidade em geral, né...

P: pra comunidade em geral, então eles ficam à vontade.

D: vem jogar bola...

E: jogar bola, vôlei, eles gostam, tem bastante coisa.

D: É um espaço bom, né, que tem o Externato.

P: é. Tem muitos que jogam (inaudível) . Tem catequese, de final de semana.

E: catequese, olha, reúnem bastante, viu, bastante atividade. De final de semana tem, quer ver eles ficar chateado, é você, por exemplo, quando tem reunião, eles falam: bom, hoje a turma da manhã não vai ter atividade. Mas eles fica: ah! Tudo triste... Eles adoram... Eles me, eles estudam numa escola lá, né, (inaudível) falam assim: ah, Bete, nós vai pedir pro diretor te levar pra cozinhar lá. Aqui e lá. Eu digo: cês quer me matar!!

(risos)

D: trabalhar vinte e quatro horas.

E: vinte e quatro horas, aqui e lá .

D: não tem jeito... As mães que vêm normalmente tem as crianças aqui, também? As mães que vêm de Quarta-feira?

E: a maioria tem. Ficou sabendo pelo filho dela. Algumas mães. Algumas participa mesmo porque gosta, né?

D: certo... mas é aberto? É aberto pra todas?

E: é .

D: que bom.

E: trabalhando muito, Vanderlei? Fala um pouco, Vanderlei. Você gosta de tá aqui?

V: é bom.

D: faz tempo que cê tá?

V: nem lembro quanto tempo faz. Lembra Bete?

P: tem até uns três meses, né Bete?

E: já deve dar uns três meses, né, companheiro...

D: tá

P: e eu tô no caminho da Bete (risos).

E: ela tá desde a primeira faxina.

D: nossa!

E: voluntária desde a primeira faxina... um ano que ela tá aqui.

D: e tem assim, outro dia, lá no centro, o padre Lelo tava falando que teve tipo de um retiro, assim, pros voluntários... Aqui também tem?

E: tem . É a mesma equipe de lá que convida a turma daqui pra ir.

D: vai todo mundo junto?

E: é dessa vez os voluntário daqui não foi, né?

P: não.

E: mas da outra vez, a gente foi. Da outra vez, a gente foi. Foi eu e o
(inaudível)

D: então tá bom. Eu vou parar de atrapalhar vocês aqui, porque serviço tem, né?

(risos)

E: e como!

Bom, eu vou conversar com a (nome), que é uma das educadoras aqui do Vida Nova. (nome), eu queria começar, assim, que você contasse um pouco da sua história. Como que você chegou aqui no Externato...

Tá jóia. Eu vim aqui pro Externato, a princípio, como uma estagiária, né, o ano passado, 98, é, eu vim fazer estágio com o grupo de mães aqui no Vida Nova, eu vinha uma vez por semana, na parte da tarde. Com as mães que já faziam a pintura, então, após isso, surgiu nesse ano de 99 a oportunidade de tá ficando como funcionária, por uma educadora que saiu, né, da casa, eu tive essa oportunidade de entrar. E foi assim que eu cheguei, na casa eu já conhecia, mais ou menos já conhecia algumas pessoas, né, o trabalho com adolescentes, pra mim é totalmente novo, porque eu trabalhava com uma área administrativa, antigamente, então pelo curso, né, Serviço Social, e (risos) é uma experiência muito boa pra mim e, acho pelo curso, e gente conseguiu, foi mais fácil, de repente, tá ficando como educadora, e já por já estar mais ou menos dentro da casa, já conhecer um pouquinho.

E que que você colocaria pra mim como diretrizes, ou como objetivo do trabalho do Externato?

Com os adolescentes?

Isso.

Tá. Ó, como diretriz, o que ... a nível de crescer muito do trabalho com os meninos, a questão salesiana, que é o pensamento de Dom Bosco, não é? Que já iniciou o trabalho com os meninos e colocando o adolescente, eu propriamente penso com, que eles se situem enquanto donos de seus bens, da sua própria história, apesar de ter todo um lado social que envolve relacionamento familiar, e o mundo, hoje em dia, mas eu creio que todo adolescente ainda mais mesmo com a mente deles, eles têm uma responsabilidade quanto à vida própria, então eu acho que a nossa diretriz é isso, é que ele se desenvolva enquanto adolescente, enquanto cidadão, que está numa comunidade, é que ele tenha essa capacidade também de se desenvolver, apesar de tudo que envolve, as pressões que a vida de adolescente traz, os próprios pensamentos deles, e como meta, seria isso?

Ahã.

Como objetivo, no caso de trabalho, é melhorar o relacionamento, que como é o trabalho com adolescente, a pessoa (inaudível), muitos apresentam dificuldades familiares, né, então, a gente tá cri... aumentando esse relacionamento dele com a família. Tá melhorando a própria situação de vida dele, hoje, e visando a nível futuro, né, porque o hoje social é bem complicado, é demorado, não é de hoje pra amanhã, tem alguns que a gente vê que se sobressaem, assim, que tem prazo de, de dias, ou até menos, mesmo, dá um pulo razoável, agora tem outros que precisam de anos, pra mudar, e principalmente nas famílias, tem muita dificuldade, então eu acho que objetivo, no Externato, meu, enquanto educadora aqui na casa é esse: de tar melhorando o relacionamento, e uma obra também que tenta ajudar, não digo tanto econômica, mas, que também contribui, porque faz parte da vida da família, o social ajuda um pouco (inaudível).

Cê falou assim, de, deles terem consciência, um pouco, de que eles podem reger a própria vida. E como que cê sente, aqui, nesses adolescentes, que a gente vê que sofrem, ainda sofrem muito de preconceito, acho que pelo próprio bairro, a gente sabe que ainda faz diferença, como é que cê sente, assim, a questão deles, a auto-estima, a identidade deles? Como que cê sente?

Olha, assim, até o fato de te falar, não que eles não tenham uma identidade própria, não que eles não sejam sujeitos, né, mas, tem , e muitos têm uma dificuldade nessa questão da auto-estima. Alguns se sobre..., assim, extrapola, a nível de querer se mostrar, de querer fazer que ele tá ali, então muitos comportamentos você vê que é disso, ele quer mostrar, ele quer saber que ele tá ali, ele quer fazer diferença, então, às vezes ele, dessa forma ele acaba estragando a atividade, a intenção é de chamar tanto a sua atenção, que ele acaba atrapalhando, um pouquinho, então a gente tenta trabalhar isso, tô aqui, falar pra ele, falar pra ele que ele não precisa dessa certa forma de se mostrar porque ele já está ali, ele faz parte daquilo, e ele é diferente do outro, ele tem um tipo diferente do outro, ele tem um rosto diferente do outro, e uma das formas que a gente tenta que ele reconheça que ele faz parte da sociedade, é enquanto um adolescente que participa da atividade, um adolescente que estuda, um adolescente que tem um parecer, apesar que ele faz parte de um grupo de adolescentes, e o grupo às vezes cobra muita coisa pra que ele assuma a identidade do outro, às vezes, ele quer ser de uma certa forma, então ele acaba assumindo a identidade do outro. Quando eles são chamados a conversar, que a gente reclama, eles falam assim: ah, mas o outro também faz, né, então, a gente tenta que eles,

chamar essa atenção disso, que eles têm uma responsabilidade sobre o que é a vontade deles, o que que ele deseja pra ele, tá afastando ele, tá afastando ele das amizades que de repente não sejam boas, que ele compreenda isso, entendeu? Então, crescendo um vínculo com a família, o quanto a família ama, apesar de que essa parte também, aquela coisa de achar que o pai é safado, a mãe é safada, que é chato, é tudo isso, mas quanto a família ama, pra eles pensarem no dia de amanhã, como vai ser, apesar de serem novos, ainda, né, mas uma das responsabilidades assim, que a gente diz que tem, que eles podem desenvolver sim, é essa: a questão do horário, a questão da participação naquela atividade, a partir do momento que ele está aqui, ele tem obrigação à participação sim. Se nesse dia ele tiver algum problema, ele também tem o direito de ser respeitado e colocar, conversar, chamar uma de nós pra conversar. Então, geralmente eles tem uma, não querem participar, e tem uma reação, assim, bruta, é preciso chamar, conversar, falar...

Pra ver o que tá por trás, né?

É, pra ver o que realmente tá acontecendo, às vezes é... o que mais que eu posso falar, às vezes a gente vai falando e acaba perdendo um pouquinho... mas eu acho que é por aí.

E assim, se você parar um pouquinho pra analisar o trabalho de vocês, que eu acho que é muito grande, né, eu acho que enquanto equipe do Externato, tudo isso, o que que cê pode me dizer, a gente sabe que cês são, você, a Rosângela ainda tão num processo de estudo, né, que acompanha todo esse trabalho, o que que cê pode me dizer assim...Olha, isso já foi, isso é uma coisa legal que o trabalho desenvolveu, é uma coisa boa que aconteceu, ou já foi uma conquista, isso ainda tem que caminhar, o que você pode me dizer?

Bom, eu acho que muitas coisas ainda têm pra ser caminhada, tem muita coisa aqui. Por quê? Porque apesar do adolescente ter o próprio jeito dele ser, tem a família, a condição econômica, tem adolescentes nossos que não têm condições de vida, assim, não têm uma casa que seja razoável, uma casa que, a nível tanto psicológico, espiritual, que acolha a família, que a família acolha esse adolescente com amor, e mesmo uma casa que tem uma proteção, pra ele dormir, porque tem casa de adolescente nosso, que tem uma estrutura péssima, precária, então, diante, disso, existe uma preocupação muito grande, às vezes, na gente, o que estar fazendo com esse adolescente? Como estar ajudando... tá, e por essas, essas necessidades são muito grandes, então, a gente tenta, dentro do possível, mas ainda falta muito,

trabalhar de uma forma não só que abranja a atividade, mas que ele venha também fazer aqui, é trabalhar falhas no social do adolescente, da vida dele, da vida da família, até um pouco do emocional, de tá aumentando esse vínculo, entendeu? Então assim, eu acho que, de repente uma conquista ou outra já foi estipulada, mas tem muito que crescer, eu não tenho como dizer assim, um caso específico. Eu já ouvi de uma mãe de adolescente, que o menino queria mudar de atividade porque ele, ele aprendeu capoeira aqui, e ele, um dia, eu fui fazer visita na casa dele e ele tava dando capoeira na rua da casa dele, pras crianças menores que ele, só que ele quis mudar pro artesanato. Aí nós, a mãe, eu falei pra mãe: mas por que que ele quer mudar pro artesanato, sendo que ele gosta tanto da capoeira? Ah, Rita, é que ele disse que depois de ouvir vocês conversando com eles, ele achou melhor mudar, pra ir fazer uma outra atividade, depois mudar pra outra atividade que tiver também aqui no Vida Nova, porque o objetivo dele é o centro, então, ele pensou, falou pra mim: é mãe, eu tô pensando, naquilo que a Rosângela comentou, nesse dia a Rosângela que tinha comentado com eles, o que a Rosângela comentou é realmente bom pra mim, é o que eu quero, eu quero aprender mais coisas, o que eu puder aprender, eu quero aprender. O meu objetivo é chegar no centro, então, pra nós, isso é uma conquista, entendeu? Porque ele tá pensando, né, apesar dele também, ele tem treze anos, então ele tem aqueles comportamentos que extrapolam, que brinca na quadra, que bate em um e sai correndo, mas no fundo, ele tem o ... ele tá pensando, entendeu? Ele tá criando, né, justificando o que ele quer fazer, escutando nossos objetivos, então, esse é uma das conquistas. E fora os que já foram daqui pro centro, né? E que criaram vínculos também com a gente, que de certa forma cria um vínculo com a família, outros adolescentes que já disseram que a vida, que já reconheceram que são, fazem em casa, assim, que trata mal a mãe, e a gente pergunta o motivo pra ele, justamente são conflitos, mas muita coisa tem que fazer aqui ainda, eu acho difícil, agora uma das coisas que eu acho que é muito importante hoje, a gente até vê na faculdade, que é o trabalho interdisciplinar, ou multidisciplinar, né, que é o psicólogo, o pedagogo, o assistente social, e as outras representações também, que tem que trabalhar em conjunto, porque os problemas são tantos, tantas áreas a serem trabalhadas que tem certas situações que a gente não sabe o que fazer, né, enquanto você, estudante de uma área específica, que nem, assistente social, eu não vou saber o que fazer na área de psicologia, ou mesmo pedagoga, então, no Externato, tem, a gente também tem um pouquinho disso, né, tem o pessoal que vem sempre pra cá, a Elaine tá sempre

junto com a gente, e nos ajuda muito, na questão do trabalho, mas muito ainda precisa ser feito, eu acho que a nível de conscientização, eu acho que, acho que a gente já conquistou também muitos adolescentes que nos ajudam, mas ainda tem muito que precisa, às vezes você sentar e conversar, às vezes falta esse tempo também, não dá pra você trabalhar com cada um, individualmente, seria bom que pudesse ser feito, mas por enquanto, ainda não está sendo possível, a gente tá correndo, atrás daquilo tem uma importância maior, que a gente tem percebido, então, quem sabe, com o tempo, o trabalho, porque o Externato também é novo, ainda, né, mas com o tempo do trabalho, pode ser que isso seja possível mais pra frente, mas dentro de uma possibilidade, a gente tá...trabalhando pra ver o que vai dar...

É. Eu queria perguntar sobre a, essa diferença que tem entre o, assim, pelo que eu conversei com os adolescentes, que tem entre as atividades daqui e do centro. Cê acha que são trabalhos diferentes?

A atividade daqui é bem diferente do centro. Por que? Aqui, ah...o Externato, ele, eu não sei, me esqueci, fugiu a palavra certa, o fato de ter saído, de ter feito os núcleos, por que foi feito os núcleos? Tem aqui e o Parque Oziel também. Aqui, porque muitos adolescentes do Externato centro são do Vida Nova, então essa necessidade de tar trabalhando com o núcleos, também, então, nesse caso, as atividades também mudaram. No núcleo, é um primeiro, principalmente hoje, é um primeiro contato que o adolescente tem com o Externato, o que é o Externato...regras! Existem regras no Externato, tudo isso. Então é um primeiro contato que ele vai ter, aqui a gente tem um pouquinho de orientação, de conversa com o adolescente, no centro, já é um nível diferente de aprendizagem, lá, já visa um lado mais assim, dele tá conhecendo, eu penso, pelo menos tá conhecendo um pouquinho mais da área, digamos assim, profissional, mesmo, de tá voltando mais pro pensamento profissionalizante, de tar tendo uma noção de mercado, noção de identidade específica, noção, talvez até de Estado, não que a gente não trabalhe algumas coisas aqui, mas essa forma de tar se comunicando com outro, se expressando, então, é diferente, lá eles têm atividades específicas, mesmo aqui tendo a digitação, aqui é um curso de computação como se fosse datilografia, ele só tá trabalhando com os exercícios, lá no centro, ele faz programas, ele aprende programas de computador, entendeu? Então, muda bastante. Mesmo, eu acho que também a nível de turma, lá são, aqui tem, são três turmas, né? Lá é turma 1, turma

2, turma 3, tem o pessoal da Fumec, pessoal da Externart, tem essas ramificações, no centro, então, lá, a gente percebe que, digo, não sei em todos, porque eu não estou lá, direta, assim o dia todo, mas pelo menos alguns, que saíram daqui e foram pra lá, a gente que a responsabilidade também muda, né, a nível de participação, de repente lá, são maiores, tá, muitos têm uma outra maturidade, então, de repente essa convivência ajude com que eles despertem um pouquinho mais, tudo que a gente pode tentar cobrar, aqui de uma certa forma (risos), não sei se seria essa palavra, lá eles acabam, acho que talvez visualizando, entendeu? E outra coisa, que é muito importante: é que ele sai do bairro. Porque aqui, ele conhece todo mundo, que tá aqui, porque todo mundo é do bairro, todos tão na escola, e lá no centro não. Lá no centro, apesar de ter muitos do bairro, eles também encontram pessoas de outros bairros, que eles nunca viram, então, uma certa liberdade que ele tinha, de ficar na quadra, tomando conta, porque ele acha que pode jogar, então lá ele já não tem mais essa liberdade. Entendeu? Lá de repente, ele vai aprender a partilhar mais as coisas dele, ou talvez até não, não sei, mas eu acredito que isso seja uma das diferenças, além das atividades como um todo, né, a questão de objetivos, pra nós as atividades, mas também o relacionamento, porque ele não tá mais dentro do bairro, ele tem que sair da casa, pegar um ônibus e ir pro centro, tem que ter essa responsabilidade, ele recebe o cartão de passe, a responsabilidade do cartão de passe, que ele tem que tentar, sabe?

Controlar, né...

É controlado, entendeu, então eu acho que tudo isso faz com que tenha essa mudança de visão, de um pro outro.

Jóia.

Deixa eu ver se eu respondi... (risos)

Respondeu, claro!

O que você perguntou....

Até mais, imagina, que isso...

Ou se eu fugi de alguma coisa...

Não! Tem mais alguma coisa, assim, que cê possa me contar? Ou com relação à equipe...

Tá. Só vou falar um pouquinho do grupo de mães, né?

Ahã.

Sobre a entrevista do grupo de mães. O grupo de mães também, acho que é uma conquista, né, porque nós tínhamos, no início, antigamente, anteriormente, não tão antigo assim, que foi esse ano. Aqui no Vida Nova, como eu falei, eu fiz estágio, nos reuníamos com o grupo de mães no Multi-uso aqui do bairro. Precária a situação lá. Mas este, mas resistiu, de repente até por isso, não tinha água, direito, tinha, as meninas tinham que pegar água na casa, todo mundo ajudava, então esse vínculo, de repente, foi esse um vínculo firme, ali. Bom, depois, aí se constituiu essa construção, ficou melhor, a nível de organização, eu creio, e muitas mães vieram, pela necessidade, que o grupo tá aumentando, que antigamente o grupo era todo à tarde, mas tanto os adolescentes, como as mães lá embaixo, não se tinha condições de dar atenção pras mães. Porque o trabalho não tinha como se deixar adolescente sozinho, pra correr pras mães, então, pensou-se no fato de colocar as mães, o trabalho com as mães toda Quarta-feira, o dia todo, então, na Quarta os adolescentes são dispensados, e tem o trabalho com as mães, na Quarta-feira. Uma outra coisa muito importante que eu acho, é que as crianças, até nove, até dez anos, podem participar, as mães podem trazer. E quem fica com essas crianças são os nossos adolescentes dos outros dias da semana. E a gente percebe assim, que esses adolescentes, reclamam às vezes da criança, a criança, às vezes é mal-educada, que a criança é assim, assado, então eu falo pra eles pensarem um pouquinho como eles são. Eu falo da mesma, eles falam: ah, mas eu sou muito novo pra ter essa responsabilidade que você tem. Eu falo: não, a criança é menor do que você, então, da mesma forma que a gente tem uma responsabilidade com você, você também tem uma responsabilidade para com os pequenos, então, também eu acho que isso é interessante, e nós já percebemos que um dos meninos que veio uma Quarta-feira participar com a gente, que ele melhorou o relacionamento dele com a gente, nessa semana, ele ficou mais próximo de nós, entendeu? Então é isso que eu acho importante. Bom, só continuando a falar das mães: agora nós temos os dois horários, manhã e tarde, é, no começo tínhamos mais mães, agora sim o grupo tá ficando, de repente, até mais coeso, as pessoas que realmente tão a fim de ficar, que de repente viu que é isso que quer. O nosso objetivo não é só tarem aprendendo a pintura e o bordado, isso são instrumentos, né, mas nosso objetivo é de estar melhorando o relacionamento também. Como a gente trabalha com os meninos, de tar melhorando o relacionamento delas com a família, priorizando, principalmente o adolescente, com a criança que a gente trabalha. E de uma certa forma, a gente pensa muito, eu, é um pensamento meu, que de repente até

a vida conjugal dessas mulheres, que também passa por, de repente algumas coisas difíceis, mas isso ainda mais pra frente, que eu acho que é uma área delicada tem que pensar, meio complicada, então eu acho que é mais pra frente, mas a nível de relacionamento com a família, muitas coisas a gente tem percebido, a gente tem visto que elas tão buscando ajuda, apesar de ainda ser difícil de a gente saber como trabalhar com isso, o que fazer numa determinada situação, sem falar que os recursos assim, a nível, elas procuram muito saúde, principalmente a nível de Estado é difícil, tanto pra saúde, é psicológico, pedagógico, digamos, social. Uma família que precisa de renda mínima, não consegue, precisa por o filho menor numa entidade, não tem vaga, procura um psicólogo no posto, não consegue, entendeu? Então, ainda, apesar de tudo isso, a gente vê essa situação e entender que há um interesse delas em buscar uma ajuda, entendeu? Então eu acho que tudo isso a gente vai também tá conseguindo estruturar, mas, o ano que vem, quem sabe? Mas a gente tem percebido muitas coisas. E o trabalho com as mães é uma coisa muito boa, eu pelo menos, gosto muito, sabe? Aprendo com elas e, espero tar trazendo também alguma coisa que seja valiosa, a gente tenta fazer o momento do bom dia, né, esse bom dia é o momento da nossa oração, o momento que a gente tem um pouquinho de reflexão, a gente sempre traz coisas que estão acontecendo, Febem, os problemas voltados pro adolescente, essa questão de relacionamento, então a gente faz, enfatiza essa área, de relacionamento com a família, de valores que é levada pra criança, do amor que tem que ter com a criança, a hora que você precisa ser séria, falar sério com a criança, apesar de eu não ter ainda filhos, não ser casada ainda, mas assim, é uma experiência pra mim, enquanto solteira, e, à base do que eu leio, que eu tento trazer pra elas, discutir, que apesar de ser difícil, né, mas sempre naquele, a gente sempre fica naquela expectativa, de como se tenta resolver, o que a gente pode trazer pra ajudar, entendeu? E a gente às vezes percebe que tem melhorado de alguma forma, algumas já têm, né, só o fato da gente tá se reunindo, teve uma mãe que disse que tava tendo uns problemas, e ela disse que o grupo tem ajudado muito, já mudou muito a vida dela, pra você ter uma idéia, essa mãe, ela, quando fez a inscrição da filha, a filha tá na casa, adolescente da casa, e ela participa com a gente e ainda vem como voluntária ajudar aqui na cozinha, tá. Então, essa mulher, quando fez a inscrição, ela me disse que não tinha amizade com os vizinhos, não... tinha medo de sair na rua, e ela demonstrou muito esse medo pra mim, e eu fiquei muito preocupada, eu falei: meu Deus, será que, mas você não pode viver assim, dentro da sua casa. Tem um

mundo todo ao seu lado, ela, sabe fazer costura, se não me engano, eu até orientei pra que ela procurasse, né, alguma coisa pra tá fazendo, e além de participar do grupo. Depois que ela começou aqui no grupo, ela já disse que tá bem melhor, então tá se enturmado melhor, então ela disse que tá conseguindo, né, de repente, ver as coisas de uma outra forma, já tá conseguindo, tem um dos vizinhos, que ela já tá com um outro relacionamento, ela já percebeu que não era os vizinhos que era contra ela, que ela que os vizinhos eram contra ela, todo mundo xingava ela, e de repente, isso tava nela mesma, né, ser fechada, então, agora, parece que ela tá se abrindo mais, se colocando, e sem falar de outras mães que nos procuram falando como já tá com o filho, buscando ajuda, então, esse é um dos objetivos, né, além do que elas tão aprendendo, e que isso vire, que cê sabe que elas têm uma dificuldade financeira, que às vezes é imediata, e o imediato nós não temos como resolver hoje, mas elas tarem aprendendo e mais pra frente, elas tarem colocando, com a pintura, com o bordado, final de ano, tá fazendo coisas assim, pra tá vendendo, entendeu? Também isso é importante. E outra coisa: a gente tem aqui, não sei se eu posso tá colocando, aí já não é tanto a nível do Externato, mas é a nível mais da comunidade, é um trabalho de cooperativa da Fumec.

Ah, tá. Esse era um ponto que eu ia tocar com você, que eu vi que pelo bom dia, eu...

É, tem um, mas assim, não é com essas mães. Existe um trabalho, quem está mais a par é a Rosângela, que mais trabalha com elas, (pausa- conversa com uma criança). Então, essa cooperativa, surgiu oportunidade da comunidade, e até algumas voluntárias nossas tão junto. É um trabalho, elas começaram com pão, fazendo pão, pra arrecadar dinheiro, né, assim, pra cooperativa. São mulheres que não trabalham fora, e fizeram isso como uma, como vou dizer, como que eu posso tá falando, pra não falar uma frase errada? Eu não sei bem ao certo, mas de repente, até uma renda, e começou bem assim, vou dizer, acanhado, mas hoje elas já tão fazendo pra outras comunidades, num final de semana, uma comunidade, uma Segunda que uma comunidade (inaudível) . Teve um pessoal que encomendou vários salgadinhos pro uma Segunda à tarde. Um pessoal de uma outra comunidade, então elas tavam lá, trabalhando, fazendo, a camisa toda suja de farinha, eu achei isso interessante, que realmente parecia uma comunidade, uma cooperativa, e elas firmes, ali, tem duas mães, que são mães de adolescentes da casa, que são voluntárias nossas também, e que hoje fazem parte, porque elas tinham muita dificuldade com o marido, que é

doente, precisavam de recurso financeiro e não tinham, foram convidadas a serem participando também dessa cooperativa, que a cooperativa, a responsável, a Dona Lurdes, que é da comunidade, entendeu? Então assim, é uma cooperativa ainda pequena, porque é mais voltada assim, eu digo a nível da comunidade, não é tanto do Externato, mas a nível da comunidade e do Externato como um todo, porque elas tão aqui também, então eu acho isso interessante, essa cooperativa, então elas fazem pão, elas fazem salgadinho, sob medida, fazem festa de final de semana, festa do pastel, vende pastel, é, fazem bolo, esses dias vão fazer o bingo de bolo, assam frango, né, e, sem falar que, fechando um pouquinho a cooperativa, no caso, existe, também, o pessoal do (pausa), a nível assim, isso começou assim até essas mães que entraram por causa do marido, que têm uma necessidade de saúde, de um vínculo com o pessoal da pastoral da saúde, né, então, a princípio, a festa do, o primeiro pão, o primeiro frango assado, mas sem contar também com o pessoal da parte como um todo, agora aumentou, então essa, no caso esse é um exemplo lá da cooperativa, de certa forma, mas aqui dentro também existe a pastoral da saúde, a pastoral da criança, tem esse trabalho que foi feito hoje cedo, que é o pessoal da pastoral da criança, que veio pra cá pra tar trazendo informações pra mais... e aí acho que a parte delas, assim, elas vão tar vindo, continuando o trabalho aqui com a gente, trazendo informação sobre nutrição, e coisas de legumes, que são coisas que não são tão caras, que dá pra tá fazendo, pra nutrição das crianças, até assim, é uma questão de um trabalho grande, é uma visão de trabalho grande, mas eu fico até preocupada com que tamanho que é esse trabalho, que fazer, né, mas é, tá caminhando.

Eu acho que é legal porque é uma, além do trabalho direto, do Externato, é isso, né, ele vai pipocando, assim, né, essas coisas que começam a caminhar com as próprias pernas.

É verdade. E tem também, que nem no caso, tem a ligação do pessoal que faz parte da comunidade, da missa, da parte religiosa, aqui de final de semana, participam também com gente do grupo de mães, então, também trazem sempre as informações, que nem essa semana tá tendo o encontro de casais, né, aqui à tarde, ou pode participar só a mulher, ou só o marido, quando não dá pros dois vir juntos, mas essa semana toda teve palestra, de informações, que tá sendo muito interessante, eu já recebi de uma senhora que trabalha na casa, que participam na Segunda-feira que amou, gostou muito porque foi trazido experiência de vida de um casal que já tem vinte e cinco anos de casado, então isso também é um envolvimento que a gente

também tenta trazer, a gente traz informações quando vai ter uma reunião do bairro, o próprio bairro, a gente também traz, convida o pessoal como comunidade para participar, e o trabalho de mães também é aberto, aí você encontra, tanto evangélicas aqui, como católicas, nós temos no período da tarde, temos três homens que se reúnem também, também estão na atividade, então há, independente da religião, há essa questão da participação, essa questão do amor, a questão do princípio também que foi de Deus, né, porque valor que é? São de Deus. Então que a gente tenta, independente da religião de cada um, mas como todos seres humanos, comunidade, ser social, de tar participando, de tar, né, é grande, às vezes eu fico meio (risos) fico muito preocupada, meio receosa, acho que de repente não vai dar, mas é só, é o tempo, né, e a gente tem que prestar atenção, mesmo, tem que tentar, como você falou, tem um trabalho básico, e disso vai saindo as ramificações, e tem o pessoal que é responsável por isso, entendeu? Cada também, cada ramificação tem um responsável, isso é interessante, as pessoas também que participa. Porque não é só eu e a Rosângela aqui, porque a gente não tem como também, fazer tudo isso, mas tem pessoas que se comprometem e isso, esse comprometimento, também, vai tempo, né, pra ser desenvolvido. Maturidade, dentro da pintura, nós temos voluntárias que trabalham responsável pela pintura, e temos a responsável pelo bordado, e que tão aí nos ajudando...

A equipe vai aumentando...

É, a equipe vai aumentando.

Tá jóia, (nome), eu acho que é isso, não sei se você tem mais alguma coisa pra colocar, eu sei que tem bastante coisa...

Não, eu acho que não tem mais, depois a gente sempre pensa: aí, devia ter falado isso, ou aquilo, mas não, não me lembro. Uma outra coisa que eu fiquei sabendo hoje cedo, né, que é interessante, foi trazido por uma das mães do bairro, é que já começou a construção, aqui no Vida Nova, para uma área de lazer. Tem um terreno baldio, aqui, que até, pelo que eu fiquei sabendo pelos adolescentes, que esse terreno até serve pra desova de carros roubados, né, e aí muitas assim, homens, tiram terra, eles chamam de areia, alguns tiram terra às vezes pra vender, caminhão de terra. Mas dessa forma, não há, o Externato é um espaço pros adolescentes tarem usando, a comunidade usar de final de semana, a quadra, mas não há uma, tinha a escola, mas pelo que aconteceu na escola, (referindo-se à chacina ocorrida no início de outubro) eles não tão querendo usar. Nem nas aulas vão direito, quanto mais

frequêntar de final de semana. Então, é muito importante uma área de lazer, pras mães levarem as crianças e pros adolescentes participarem também. E essa área, que é muito grande, então, espero que realmente vá em frente, né, que realmente consigam fazer, o mais rápido possível, que tá precisando, o bairro. Acho que é só, né.

(nome), eu queria agradecer ai a sua colaboração.

Vou conversar com a (nome), né, a senhora participa do grupo de mães e tem um filho?

Uma menina.

Uma menina que frequenta aqui mesmo as atividades do Externato.

Então, (nome), eu queria que a senhora contasse um pouquinho pra mim desde quando a senhora tá participando do grupo de mães, desde quando sua filha vem aqui no Externato, como que começou? Como é que cês ficaram sabendo?

Olha, eu sabia que tava funcionando, aqui, né, mas eu não... pensava que não era pra todo mundo. Então um dia chegou uma vizinha lá e falou pra mim que tinha. Eu vim procurar pra um menino, que ele fez oito anos e não sabe... Depois cheguei aqui, a Rosângela falou: ah, ele não, não tem idade, ainda tá com oito anos. Mas a menina... eu fui e coloquei ela no mesmo dia, já vim com ela...

E aí a senhora já entrou também no grupo de mães?

Aí logo eu comecei...

E já faz tempo, isso?

Ah, faz uns sete, oito mês.

Ah, já é um bom tempo... E o que a senhora me diz, assim, se eu perguntar: a senhora gosta que a sua filha tá participando aqui?

Eu gosto.

A senhora sentiu alguma diferença, mesmo em casa, ou no jeito dela, que a senhora possa falar que, olha, fez diferença entrar nas atividades do Externato, ou a senhora acha que continua igual, como que é?

Sabe, eu acho bem melhor porque ela, ela é uma menina assim, ela em casa, ela quer ficar só correr lá fora ficar conversando com as amiguinha, não quer nem saber das coisa em casa, então ela vem pra aqui, sai onze e meia, chega em casa, aí toma banho, uma hora tem que entrar na escola, então eu acho que é bem melhor, porque ela não tá, fazendo as coisa em casa, mas tá aprendendo...

Tá aprendendo alguma coisa... E ela comenta alguma coisa? Se ela gosta, o que faz aqui...

Ah, gosta. Já fala: mãe, me acorda cedo, que acontece que os adolescentes dorme muito. Quando é sete horas eu mando ela levantar.

E já vem pra cá.

Aqui ela toma café, aqui ela almoça. Só chega em casa, toma banho e vai pra escola. Chega às seis horas, de novo. E eu também gosto muito, só não venho o dia que eu não posso. Na Quinta-feira eu venho ajudar na cozinha aí, as meninas.

Dar uma força aí na cozinha...

Meio período, né.

A senhora acha que vai fazer alguma diferença pra ela, assim, no futuro, o que que a senhora espera pra ela? A senhora acha que o Externato pode estar ajudando em alguma coisa no futuro dela?

Ah, eu acho que vai. Em cada reunião, tá com o Wanderlei, o Wanderlei fala uma coisa lá que, eu falo pra ela: ó estuda, cê não falte. O Wanderlei pede pra não faltar, nem aqui e nem nas escola. Na escola dela. Então eu falo pra ela: O Wanderlei fala que, para o futuro, um dia, vai ter emprego, ... melhor, e aprende mais.

E o Wanderlei, ele faz reuniões aqui, com os pais?

Lá.

Lá no centro?

É. A gente vai lá no centro.

Ah, tá. Frequenta todo mundo junto, lá. E além disso tem algum tipo de visita, que o pessoal do Externato chegou a fazer em casa, ou não?

Ah, ela foi uma vez, a Elaine.

A Elaine. E além dessas atividades daqui tem algum tipo de ajuda que eles dão, ou não?

Não.

O pessoal que vai no centro, eles recebem o passe.

É. Não, agora que nem eu, vou lá na reunião, só vou na reunião, tem o passe...

Ah, tá. O restante é aqui.

Agora, que vai lá pegar a cesta, (inaudível) só aquelas pessoas mesmo, que às vezes mais precisa, né.

Tá bom, então, obrigado, (nome).

De nada.

Hoje é dia 27/10, eu vou conversar com a (nome), que frequenta o grupo de mães do Externato Vida Nova, né? Desde quando, (nome), a senhora tá frequentando aqui o Externato?

Desde quando eu tava grávida dela de quatro meses (apontando para a filha no carrinho). Já faz um tempinho, já. Eu adoro vim aqui, eu não vejo a hora que chega a Quarta-feira pra vim aqui, né. Porque é, tipo assim uma terapia pra mim, sabe, porque eu sou muito nervosa, né, meu marido bebe, então, depois que eu comecei vim aqui, nossa, melhorou bastante, sabe, chego em casa, espero o marido chegar, não vejo a hora de chegar Quarta-feira pra vim aqui, é muito bom, né. Uma beleza.

E como que a senhora ficou sabendo do grupo? Foi...

É porque eu moro aqui pertinho, né, e meu filho, ele adora jogar capoeira aqui, de vez em quando ele vinha, né, aí ele falou: ó mãe, de Quarta-feira vai indo um monte de mãe, lá. Aí eu vim procurar saber aqui, que que tava tendo aqui, né, porque quando tem as coisa assim eu vou saber né, o que que é. Saber ..., então eu vou atrás. Aí eu fiquei sabendo e comecei vim.

E assim, se perguntassem pra senhora o que faz lá de Quarta-feira, o que que a senhora falaria pra mim, além do bordado e da pintura...

A gente tem o café da manhã, tem almoço, né, tem a conversa , quando a gente conversa aqui, a gente faz a oração, de manhã, né, que é muito bom, né? Faz a oração, a gente conversa coma Rita, se tá com algum problema a gente expõe, né, a gente tenta assim, arrumar uma solução, com as outras, né, às vezes eles tem problema pior que o da gente, então a gente se conforma com aquele probleminha que a gente tá, então...

Tem algum tipo de orientação.

É. Tem.

E o trabalho que é feito, é mais feito aqui mesmo... A senhora já chegou a receber algum tipo de visita, de alguém do Externato, alguma coisa assim, não?

Não...

É mais aqui mesmo... as orientações são mais aqui. E a senhora acha que mudou, então , de quando a senhora não tava vindo, pra agora?

Ah, mudou bastante.

A senhora acha que tá ajudando um pouco?

Pra mim, pra minha cabeça, mudou bastante. É tipo assim, tipo assim uma terapia, é o mesmo que uma pessoa conversar com uma psicóloga toda Quarta-feira, né.

E tem a vantagem de encontrar com as outras pessoas aqui do Bairro também...

Isso, tem , tem.

Então tá bom, é mais isso, mesmo, eu queria agradecer.

Então hoje é dia 27 d e outubro, eu vou conversar com a (nome), né, que frequenta o Externato Vida Nova, aqui, o grupo de mães, e também tem um filho que participa das atividades do Externato aqui no Vida Nova, né?

É.

Então, primeiro, (nome), eu queria que a senhora contasse um pouquinho pra mim, é, desde quando a senhora começou a frequentar o grupo de mães, ou se foi primeiro através do filho que veio pras atividades, como que foi?

Não, veio através do filho. Ele começou, né, aí conforme foi passando uns tempo, ele falou: mãe, tem isso, assim, assim lá, se a senhora quiser, aí eu falei: ah, eu quero. Aí eu comecei vim, tô aqui até hoje, já vai fazer cinco meses.

Cinco meses?

É.

Ah, tá, e toda Quarta-feira tem atividade?

Toda Quarta-feira, eu venho, eu gosto. Distrai a cabeça, né e eu gosto.

E conta um pouquinho pra mim, eu vim só umas poucas vezes, o grupo de mães, ele sempre começa com uma oração...

Sempre.

E depois tem algum tipo de conversa, de orientação...

Tem, tem, tem um pouco de tudo, né. Conversa um pouco de tudo, cada um fala uma coisa...

E além disso tem a pintura e tem...

O bordado. O que eu faço é bordado, né?

E como que é o nome do filho da senhora?

Robson.

Robson. Ele frequenta aqui a quanto tempo, mais ou menos?

Faz uns cinco meses.

Cinco meses também.

É.

E conta um pouquinho dele, assim, a senhora acha que tá fazendo alguma diferença, a senhora sente em casa alguma diferença depois que ele começou a frequentar aqui?

Ah, sinto. Eu acho que ele gosta, sabe. Ele gosta, ele não falta, e acho que só o fato dele não faltar, né, já é alguma coisa, né? Ele gosta daqui, e ele tá indo bem, eu acho bom porque ele não fica na rua, ele tem catorze anos, né, essa idade aí é fogo, né, então, eu gosto, porque daqui ele sai, já vai pra escola, quer dizer que ele não tem tempo de ficar procurando outras coisa, né, então, pra mim tá ótimo.

E ele comenta alguma coisa do Externato em casa? Nem se ele gosta, o que que ele fala? Ou ele reclama às vezes de ter que vir, como é que é?

Não, não, ele nunca reclamou. Deu a hora dele, ele vem, não precisa chamar ele de manhã, que ele acorda sozinho, a hora que eu acordo ele já sumiu, né, e ele nunca teve reclamação, nenhuma, de tar aqui, de jeito nenhum. Ele gosta, ele não falta, então eu acho que tá bem, né. Se não tivesse, né, a gente percebe logo, né, alguma coisa errada. Mas até hoje, graças a Deus, nunca teve problema nenhum.

E a senhora acha que o Externato vai, é, ajudar alguma coisa no futuro dele, o que que a senhora pensa? A senhora espera que o Externato dê algum tipo de ajuda, que faça alguma coisa por ele, assim, mais pra frente, a senhora acha que faz diferença ele tá aqui?

Ah, porque ele queria muito era fazer curso, né, porque ele tá na capoeira, só que ele fala: mãe, capoeira não dá nada, né, eu queria era fazer o curso, e tal, então eu tô, só que aqui tem que esperar, né, que..., então tem que esperar. Então eu fico falando pra ele, de vez em quando eu falo: não, tem que esperar, tal, e aí vai passando, né, só que o objetivo dele é fazer o curso, não é ficar na capoeira, ele acha que a capoeira não vai dar nada pra ele.

Ele queria mesmo fazer um outro curso...

É a idéia. Eu conversei com a Rita, também, umas duas vezes, ela mandou esperar mais um pouquinho, e tal, e aí eu fico conversando com ele, né, pra ele não ficar desanimado e desistir, né.

Devagarzinho vai indo, né....

É, devagarzinho vai indo, e do resto...

E além das atividades que tem aqui, tem algum tipo de visita em casa, que o Externato faz, a senhora já recebeu alguém do Externato em casa?

Já, já. Duas vezes, já.

E eles vão pra bater um papo, conversar um pouquinho?

Vai conversar, ver como é que tá indo, as crianças, como é que, né, se alguma criança tem alguma reclamação, alguma coisa, eles vai saber.

E eles também dão algum tipo de ajuda? Porque lá no centro, eles recebem o passe, né...

É, eles dá uma cesta básica, né, assim, uma cesta básica todo mês, né.

Ahã. Dá pra ajudar um pouquinho...

É, dá pra ajudar.

Tá certo, então. Eu queria agradecer a senhora, né...

Do resto, não tem mais nada, tá tudo bem.

Então a senhora, eu posso dizer que a senhora tá gostando?

Ah, gosto, ichi, eu adoro.

Então tá jóia! Obrigada, então.